



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

FRANCISCO BISPO DA SILVA

**AS PRÁTICAS RELIGIOSAS NA CONSTITUIÇÃO DO/A GUERREIRO/A NA
VISÃO DOS XUKURU DO ORORUBÁ (PESQUEIRA E POÇÃO/PE)**

JOÃO PESSOA - PB
2024

FRANCISCO BISPO DA SILVA

**AS PRÁTICAS RELIGIOSAS NA CONSTITUIÇÃO DO/A GUERREIRO/A NA
VISÃO DOS XUKURU DO ORORUBÁ (PESQUEIRA E POÇÃO/PE)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões, da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências das Religiões.

Orientador: Professor Dr. Lusival Antônio Barcellos.

Coorientador: Professor Dr. Edson Hely Silva.

JOÃO PESSOA - PB
2024

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S586p Silva, Francisco Bispo da.

As práticas religiosas na constituição do/a guerreiro/a na visão dos Xukuru do Ororubá (Pesqueira e Poção/PE) / Francisco Bispo da Silva. - João Pessoa, 2024.

95 f. : il.

Orientação: Lusival Antônio Barcellos.

Coorientação: Edson Hely Silva.

Dissertação (Mestrado) - UFPB/CE/PPGCR.

1. Religião indígena - Xukuru de Ororubá. 2. Práticas religiosas. 3. Guerreiro/a indígena - Formação. 4. Rituais sagrados. I. Barcellos, Lusival Antônio. II. Silva, Edson Hely. III. Título.

UFPB/BC

CDU 25 (=87) (043)

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

AS PRÁTICAS RELIGIOSAS NA CONSTITUIÇÃO DO/A GUERREIRO/A NA VISÃO DOS
XUKURU DO ORORUBÁ

Documento assinado digitalmente
 **FRANCISCO BISPO DA SILVA**
Data: 03/06/2024 15:46:59-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Francisco Bispo da Silva

Dissertação apresentada à banca examinadora formada pelos seguintes especialistas.

Documento assinado digitalmente
 **LUSIVAL ANTONIO BARCELLOS**
Data: 01/06/2024 06:39:10-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Lusival Antonio Barcellos
(orientador/PPGCR/UFPB)

Documento assinado digitalmente
 **EDSON HELY SILVA**
Data: 01/06/2024 13:10:31-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Edson Hely Silva
(membro-externo/UFPE)

Documento assinado digitalmente
 **SAULO FERREIRA FEITOSA**
Data: 01/06/2024 14:53:07-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Saulo Ferreira Feitosa
(membro-externo/UFPE)

Documento assinado digitalmente
 **ELISA PEREIRA GONSALVES**
Data: 02/06/2024 21:29:11-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Elisa Pereira Gonsalves
(membro-interno/PPGCR/UFPB)

Aprovada em 31 de maio de 2024.

AGRADECIMENTOS

É certo que emergir em um mestrado acadêmico exige recolhimento, reflexões e escritas solitárias. No entanto, trata-se de um caminho que não se percorre sozinho. Sendo assim, sou grato, à todas/os que de uma forma ou de outra me ajudaram a construir este trabalho.

Agradeço primeiramente a Deus, por me ajudar a descobrir a riqueza na religiosidade indígena dos povos de nosso país.

Agradeço à minha mãe, Maria José, por ter me ensinado a buscar meus sonhos.

Agradeço ao meu orientador Lusival que o tempo todo apoiou e acreditou, até mesmo no meu momento de adoecimento.

Agradeço a Flora, minha psicóloga que me acompanhou durante mais de um ano em todo meu processo de depressão e ansiedade.

Agradeço ao Professor Dr. Saulo Feitoza, meu amigo, por me acompanhar em todo processo, até quando precisei fazer uma angioplastia e ele esteve sempre do meu lado.

Agradeço ao co-orientador pela paciência, Professor Dr. Edson Silva, que mesmo com minhas limitações me orientou por onde caminhar.

Agradeço a Professora Dra. Elisa Gonsalves, pela luz que abriu em minha vida nas aulas e, principalmente, na qualificação desse mestrado.

Agradeço a Alcilene pela paciência e apoio durante esse tempo me ajudando nos trabalhos da Instituição CIMI.

Agradeço a todo/as os meus colegas da turma do Curso de Mestrado de Ciências das Religiões, bem como todos/as os Professores/as pelo aprendizado juntos.

Agradeço a todos/as os missionários/as do Cimi pelo apoio e compreensão.

Agradeço aos meus amigos/as que me apoiaram e acreditaram sempre.

Agradeço a minha amiga Benedita, que em todo esse tempo rezou por mim.

Enfim, agradeço a cada membro do povo Xukuru do Ororubá, com os quais aprendi muito durante toda essa pesquisa, nas pessoas do Cacique, Pajé, lideranças e guerreiros/as que compõem a história e vida desse povo, principalmente, a Dona Zenilda, uma mãe em todo esse processo de aprendizado.

“Em cima do medo, coragem!” (“Xikão” Xukuru do Ororubá).
“E diga o povo que avance! Avançaremos!” (Marcos Xukuru do Ororubá).

RESUMO

O presente estudo busca versar sobre as práticas indígenas da Religião povo indígena Xukuru do Ororubá na formação de guerreiros/as na visão das lideranças, habitante no Semiárido pernambucano, nos municípios de Pesqueira e Poção-PE. O povo Xukuru do Ororubá vivenciou diversos processos de criminalização e negação de direitos até a conquista do território até mesmo de praticar a sua religião e seus rituais sagrados. Nesta pesquisa ficou evidenciado que os rituais sempre foram fundamentais para a resistência a afirmação e formação de guerreiro/as durante todo o processo de mobilizações e conquista do território e espaços sagrados do povo Xukuru do Ororubá. A pesquisa teve como objetivo geral analisar a configuração das práticas religiosas Xukuru do Ororubá nos Rituais Sagrados e como essas práticas ajudaram na formação dos/as guerreiros/as indígenas, através da ação da Força Encantada. Tratando-se de uma pesquisa, com abordagem qualitativa, de cunho fenomenológico, realizada por meio de entrevistas guiadas por lideranças religiosas que viveram todo processo de luta pela recuperação e defesa de seus territórios, incluindo seus espaços sagrados, tendo como instrumentos de pesquisa a observação participante, o diário de campo e entrevistas semiestruturadas. Foram utilizados aparelho celular e a câmera fotográfica para captar os áudios e as imagens durante todo percurso da pesquisa de campo. Os resultados, evidenciam como esse povo, com uma tradição ancestral e cristã católica romana, expressa sua religião numa cosmologia, de forma transcendental a partir de vários aspectos e das forças encantadas, afirmando as forças ancestrais, dos antepassados no território indígena e nos lugares sagrados, seus terreiros, espaços de aprendizados e para além do território também nos espaços de mobilizações fora do território.

Palavras-chave: Guerreiro/a indígenas Xukuru de Ororubá; terreiros; religião; toré; encantados.

ABSTRACT

The present study aims to discuss the indigenous practices of the Xukuru do Ororubá people in the formation of their warriors, who inhabit the Semi-Arid region of Pernambuco, in the municipalities of Pesqueira and Poção-PE. Indigenous religions in Brazil, especially in the Northeast, have been denied recognition as historical and sociocultural religions. The Xukuru do Ororubá people have experienced various processes of criminalization and denial of rights until the conquest of their territory. Rituals have always been fundamental for resistance, affirmation, and the formation of warriors throughout the mobilization process, with religion playing a key role. The general objective of the research was to analyze the configuration of Xukuru do Ororubá's religious practices in the Sacred Rituals and how these practices constitute the formation of indigenous warriors through the action of the Enchanted Force, for mobilizations in defense of their rights and their traditional territory. This qualitative, phenomenological research was conducted through interviews guided by religious leaders who experienced the entire process of struggle for the recovery and defense of their territories, including their sacred spaces. The research instruments included participant observation, field diaries, and semi-structured interviews. A cell phone and a camera were used to capture audio and images throughout the field research. The results highlight how this people, with an ancestral and Roman Catholic tradition, express their religion in a cosmology that includes various aspects and enchanted forces, affirming ancestral forces, the ancestors in the indigenous territory, and the sacred places, their terreiros, spaces of learning, and beyond the territory, in the mobilization spaces outside the territory.

Keywords: Xucuru indigenous Warrior from Ororubá; terreiros; religion; toré; delighted.

RESUMEN

El presente estudio busca abordar las prácticas indígenas de la Religión del pueblo indígena Xukuru do Ororubá en la formación de sus guerreros/as, habitantes en el semiárido pernambucano, en los municipios de Pesqueira y Poção-PE. Las religiones indígenas en Brasil y principalmente en el Nordeste fueron negadas como religión histórica y sociocultural. El pueblo Xukuru do Ororubá vivió diversos procesos de criminalización y negación de derechos hasta la conquista del territorio. Los rituales siempre fueron fundamentales para la resistencia, la afirmación y la formación de guerreros/as durante todo el proceso de movilizaciones, siendo la religión fundamental. La investigación tuvo como objetivo general analizar la configuración de las prácticas religiosas Xukuru do Ororubá en los Rituales Sagrados y como estas prácticas constituyen la formación de guerreros/as indígenas, a través de la acción de la fuerza Encantada, para las movilizaciones en defensa de sus derechos y de su territorio tradicional. Se trata de una investigación con enfoque cualitativo, de carácter fenomenológico, realizada por medio de entrevistas guiadas por liderazgos religiosos que vivieron todo el proceso de lucha por la recuperación y defensa de sus territorios, incluidos sus espacios sagrados, teniendo como instrumentos de investigación la observación participante, el diario de campo y entrevistas semiestructuradas. Se utilizaron teléfono celular y cámara fotográfica para captar los audios y las imágenes durante todo el recorrido de la investigación de campo. Los resultados evidencian como este pueblo, con una tradición ancestral y cristiana católica romana, expresa su religión en una cosmología, a partir de varios aspectos y de las fuerzas encantadas, afirmando las fuerzas ancestrales, de los antepasados en el territorio indígena y en los lugares sagrados, sus terreiros, espacios de aprendizajes y más allá del territorio también en los espacios de movilizaciones fuera del territorio.

Palabras clave: Guerrero indígena Xucuru de Ororubá; espacios sagrados; xukuru; toré; contento.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Dissertações de mestrados sobre o povo Xukuru do Ororubá	17
Quadro 2: Teses sobre o povo Xukuru do Ororubá	19
Quadro 3: Perfil das lideranças entrevistadas	28
Quadro 4: Passos procedimentais para a constatação da saturação teórica	33
Quadro 5: Constatação da saturação teórica	33

LISTA DE MAPAS

Mapa 1: Mapa do Território Xukuru do Ororubá atualizado	36
Mapa 2: Território Xukuru do Ororubá	38

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Toré dançado defronte a Igreja Romana na Aldeia Vila de Cimbres.....	52
Figura 02 - Ritual de Abertura na Assembleia Xukuru do Ororubá.....	55
Figura 03: Ritual de Abertura na Assembleia Xukuru do Ororubá	56
Figura 04: Cacique Marcos, defronte ao Peji com ramos de jurema	58
Figura 05: Liderança Cecílio a esquerda	61
Figura 06: Vice Cacique Zé de Santa	66
Figura 07: Guerreiro indígena Tarcísio	68
Figura 08: Peji Sagrado no alto da Pedra do Reino	69
Figura 09: Festa de Mãe Tamain, Nossa Senhora das Montanhas	70
Figura 10: Cacique Marcos em oração no Peji do Terreiro da Pedra do D`água.	72
Figura 11: Peji Aldeia Pedra d'Água.....	73
Figura 12: Dona Zenilda, Mãe Sacarema, mãe dos indígenas.....	74

SUMÁRIO

1	OS CAMINHOS DA PESQUISA	14
1.1	Âmbito da pesquisa	15
1.2	Os povos originários: expressões socioculturais e religião	17
1.3	Estudos sobre o povo Xukuru do Ororubá	22
1.4	Desenho teórico-metodológico da pesquisa	23
1.5	O trabalho de campo	26
1.6	A organização e a análise dos dados	32
2	O POVO XUKURU DO ORORUBÁ E OS ENCANTADOS	35
2.1	O povo Xukuru do Ororubá	35
2.2	A cosmovisão das práticas religiosas	39
2.3	Os/as guerreiros/as Xukuru do Ororubá e sua formação	44
2.4	Os encantados e as mobilizações indígenas	46
3	AS PRÁTICAS RELIGIOSAS NA CONSTITUIÇÃO DO/A GUERREIRO/A XUKURU DO ORORUBÁ	51
3.1	O ritual sagrado no povo Xukuru do Ororubá	51
3.2	A concepção religiosa Xukuru do Ororubá na visão das lideranças	58
3.2.1	As descobertas nos relatos das lideranças pesquisadas	60
3.2.2	Religião e espiritualidades Xukuru do Ororubá na visão das lideranças	63
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	76
	REFERÊNCIAS	78
	ANEXOS	
	Anexo 1 – Carta da II Assembleia do Povo Xukuru do Ororubá.	84
	Anexo 2 - Carta da XI Assembleia do Povo Xukuru do Ororubá.	86
	Anexo 3 - Carta da XVI Assembleia do Povo Xukuru do Ororubá	88
	Anexo 4 - Carta da XVIII Assembleia do Povo Xukuru do Ororubá.	90
	Anexo 5 - Carta da II Assembleia do Povo Xukuru do Ororubá.	92
	Anexo 6 – Questionário para entrevista com as lideranças Religiosas do Povo Xukuru do Ororubá	97

1 OS CAMINHOS DA PESQUISA

Como toda trajetória acadêmica, inicia na vida de quem a faz, no encontro do tema com o pesquisador. Como pernambucano morando na cidade de Venturosa, Sertão de Pernambuco, nascido na cidade de Pedra, desde minha infância, sempre fui incentivado pelos meus pais a estudar. Meu pai era pedreiro, minha mãe doméstica, ambos analfabetos, nunca tiveram oportunidade de estudar. Minha família sempre me incentivou a buscar meus sonhos, mesmo diante dos desafios e as necessidades enfrentava pela família todos os dias.

Terminei o Ensino Fundamental e o Ensino Médio na escola pública, onde nos anos finais através de pesquisas sobre as pinturas rupestres em minha cidade, com vários sítios arqueológicos, comecei a conhecer mais sobre os indígenas. Naquele momento percebia os territórios indígenas invadidos por fazendeiros com grandes extensões de terras. Mas, meu sonho era cursar o Ensino Superior, desafio nada fácil. Acreditei e com muitos esforços, depois de um discernimento vocacional, ingressei no Seminário Católico Romano em 2000. E em 2001 depois de aprovado no vestibular ingressei na Licenciatura em Filosofia e Teologia, no Instituto de Teologia e Filosofia do Mosteiro de São Bento em Olinda, concluindo os estudos em 2008.

Concluída a graduação os meus horizontes foram ampliados. O então Presidente do Conselho Indigenista Missionário (CIMI), Dom Erwin Kräutler em 2006, me chamou para a causa indígena, a partir de uma de suas palestras. Depois de várias leituras sobre o tema, e conhecer os escritos, a vida e o testemunho de Dom Pedro Casaldáliga pela atuação em defesa dos indígenas, fui atuar e estagiar junto ao povo Xukuru do Ororubá. Onde o então Bispo de Pesqueira, Dom Francisco Biasin, não só aceitou como criou a paróquia indígena, no território indígena.

Em 2007 ingressei no CIMI onde fiz Curso de Formação Básica I e II, para uma melhor atuação com as populações indígenas. Naquele mesmo, ano fui apresentado ao Cacique Marcos Luidson e as lideranças do povo Xukuru do Ororubá em Pesqueira e Poção, Pernambuco, pois como o padre que iria trabalhar, morar e atuando no território. Onde conheci de perto a luta do povo indígena Xukuru do Ororubá. Quando chegamos no território conhecemos os momentos difíceis da vida do povo, em 1998, assassinaram o Cacique “Xikão”, em 2001 a liderança Chico Quelé. Em 2003, o Cacique Marcos foi emboscado, ocasião quando foram assassinados dois indígenas que faziam a segurança do Cacique, a mando de outro indígena favorável a expansão do turismo religioso no local da aparição, com lideranças da Igreja Católica que tinham interesses econômicos no então referido santuário no ~~dentro do~~ território indígena Xukuru do Ororubá.

Nesse clima de desconfiança e medo, devido ao conflito ~~eisma~~ com a Igreja Católica, comecei minha relação de amizade e conhecimento do povo indígena Xukuru do Ororubá. Para assim, refazer a aliança com os citados indígenas e resgatar a amizade da Igreja Romana com o povo Xukuru do Ororubá, ora rompida ~~perdida~~ devido ao não apoio e o não está junto diante das lutas, criminalizações e ceifamento de vidas indígenas no ~~dentro do~~ território. Momento de aprendizados e ao mesmo tempo para resgatar a confiança do povo indígena num sacerdote católico que se juntava a luta pelas afirmações e direitos no território sagrado.

Praticamente não tive aulas presenciais no Mestrado devido a Pandemia do Covid-19, o que por um lado contribuiu para um aprendizado remoto e lidar com os diferentes meios de comunicação, buscando oportunizar o tempo de estudos no período de isolamento social. Mesmo com limitações depois de muitos anos para voltar o universo acadêmico, foi muito importante o aprendizado com os/as diversos/as professores/as ao longo dos semestres. Cada qual com características próprias, nos ajudaram a crescer muito e avançar rumo a novos conhecimentos e mais aprendizados por meio de outras áreas do conhecimento.

1.1 O âmbito da pesquisa

Esta dissertação resultou de uma pesquisa de campo realizada entre os anos 2021 e 2022, depois da fase mais crítica da pandemia da Covi-19, nas visitas e convivência com o povo Xukuru do Ororubá.¹ Tendo morado no território indígena por 12 e conhecendo os vários terreiros de rituais religiosos, percebemos de pronto nos diálogos os vários sistemas simbólicos desenhando as práticas religiosas do povo indígena Xukuru do Ororubá. Como estudante no Mestrado em Ciências das Religiões, na Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação do professor Lusival Barcellos, vimos a necessidade de descrever essas práticas rituais que formam guerreiros/as.

Entre os anos de 2007 e 2018, quando moramos no território indígena na Serra do Ororubá, observamos a riqueza epistemológica e fenomenológica da Religião Xukuru do Ororubá, com as festas de destaque no calendário indígena, a saber: a Festa de Reis (06 janeiro); a Assembleia Xukuru do Ororubá (17 a 20 de maio); e a Festa de São João e a Festa de Mãe Tamain/Nossa Senhora das Montanhas (em 23 de junho a 02 de julho, respectivamente). Festas

¹Os Xukuru do Ororubá afirmam ter escolhido a autodenominação para que não fossem confundidos com um outro povo indígena denominado Xukuru-Kariri, habitante nos municípios de Palmeira dos Índios/AL, Paulo Afonso/BA e Caldas/MG. Em 2003, após conflitos internos, algumas famílias indígenas foram expulsas do território Xukuru do Ororubá, se autodenominaram 'Xukuru de Cimbres' e atualmente são reconhecidas como um povo indígena habitante na área urbana de Pesqueira e em um território compreendendo parte dos municípios vizinhos de Alagoinha, Venturosa e Pedra, todos em Pernambuco (Silva, 2018, p. 31).

marcando as expressões socioculturais indígenas e as práticas religiosas, servindo como espaços de formação dos/as guerreiros a cada ano e a cada momento vivenciados nos festejos.

Além disso, como espaços de formação temos os terreiros sagrados: Terreiro da Sucupira, Terreiro de Cimbres, Terreiro da Pedra d'Água que sempre são espaços de vivências religiosas do povo Xukuru do Ororubá no território indígena, como a formação de estudantes da rede escolar e espaços de celebração ritual realizada pelo Pajé, “Seu Zequinha”. Esses momentos também servem para socialização de conhecimentos entre os mais velhos e os mais jovens, em formação nas aldeias. Sobre o povo, os costumes e tradição religiosas. Além do mais, sobre a importância do terreiro para aldeia, considerados pelos pajés as igrejas para administração das curas.

Observamos ao longo de anos os Rituais Sagrados nos Terreiros, assistindo e vendo as liturgias e simbolismos nesses rituais, onde como observador participantes podemos ouvir as pessoas consideradas fundamentais na condução de todo esses processos de aprendizados da Religião Xukuru do Ororubá. Onde foi possível entrevistar lideranças como Dona Zenilda, nomeada Mãe Sacarema, pelo povo indígena, ou seja, mãe de todos os indígenas. Também entrevistar o Vice-Cacique Zé de Santa, de enorme conhecimento e sabedoria sobre a história do seu povo. Entrevistar o Pajé Pedro Rodrigues, “Seu Zequinha”, além de outras lideranças importantes no processo de luta do povo Xukuru do Ororubá.

A pesquisa que se originou esta dissertação foi realizada, durante os anos 2007 a 2019. Fruto de um envolvimento pessoal com os Xukuru do Ororubá antes desse trabalho mais sistemático, quando moramos no território indígena e o contato com todas as aldeias no território indígena. O contato com os rituais sagrados e vendo os indígenas usando as vestimentas sagradas, os tacós, barretinas, saíotes feitos da palha do milho ou da palha do coco, nas festividades tradicionais do povo e eventos de grande relevância na luta pela conquista do território.

Particpei de muitas edições da Festa de Reis na Pedra do Reino, Aldeia Pedra d'Água, nos anos de 2007 a 2023. E dos rituais no Peji no alto dessa Pedra, onde somente tem acesso os que recebem a permissão dos indígenas. A riqueza religiosa nesse momento foi indescritível, no que se refere as manifestações dos Encantados a partir da pajelança com a presença dos pajés. Local onde os indígenas recebem os conselhos, obrigações que devem ser observadas ao longo do ano pelos Xukuru do Ororubá e seus/suas guerreiros/as.

Compreendendo que “a pesquisa é um conjunto de processos sistemáticos, críticos aplicados no estudo de um fenômeno” (Sampieri; Collado; Lucio, 2013, p. 30), a partir de um

sujeito cognoscente, a escolha de um tema a ser pesquisado pode emergir do local de trabalho, do ambiente comunitário, por meio de biografia, buscando em livros e publicações acadêmicas (Gray, 2012). O tema a ser pesquisado também pode ter origens mais profunda na vida do próprio pesquisador, que tendo enfrentado adversidades da vida, fortaleceu-se. Implicando nas minhas opções epistemológicas e teóricas.

1.2 Estudos sobre os Xukuru do Ororubá

Existe uma bibliografia vasta, produzida nos últimos anos sobre os Xukuru do Ororubá. A antropóloga Vania Fialho de Paiva e Souza, em 1992, realizou uma pesquisa minuciosa, para a dissertação de Mestrado em Antropologia, a partir de experiências vivenciada nos GTs, de delimitação e identificação da terra Xukuru do Ororubá. A antropóloga percorreu sobre o processo de constituição do território indígena, em meio aos conflitos com invasores destacando como as fronteiras étnicas foram fortalecidas como aspecto diferenciador entre indígenas e não indígenas.

Quadro 1 Dissertações de Mestrados sobre o Povo Xukuru do Ororubá

TÍTULO	AUTOR/AUTORA	ANO/INSTITUIÇÃO
As fronteiras do ser Xukuru	FIALHO, Vânia de Paiva.	1992/UFPE
Festas e mitos: identidades na Vila de Cimbres - PE	NENES, Rita de Cássia M.	1999/UFPE
Dinâmicas sociais e estratégias territoriais : a organização social Xukuru no processo de retomada.	SANTOS, Hosana Celi Oliveira e.	2009/UFPE
Reunindo as forças do Ororubá: a escola no projeto de sociedade dos Xukuru	CAVALCANTI, Heloisa E.	2004/UFPE
O Toré como representação teligiosa entre os índios Xukuru do Ororubá (Pesqueira e Poção/PE)	OLIVEIRA, Eraldo Gomes	2019/UNICAPE
Os índios Xukuru do Ororubá na Ribeira do Ipojuca (Pesqueira-Poção): ambiente, memórias e História (1986-2010).	LIRA, Denize Batista de.	2013/UFPE
O modelo etiológico Xukuru, a partir de seus especialistas de cura.	SOUZA, Liliane	2004/UFPE

Em 1999, Rita Neves, no Mestrado em Antropologia escreveu sobre as Festas na Vila de Cimbres, atual Aldeia Vila de Cimbres, evidenciando as relações entre indígenas e não indígenas a partir do universo mítico. Heloísa Cavalcanti, com um enfoque sociológico, apresentou a Dissertação sobre o papel da escola no projeto de sociedade dos indígenas.

A antropóloga Kelly Oliveira em 2009 realizou na Dissertação de Mestrado, uma importante análise das transformações e fortalecimento da identidade étnica Xukuru do Ororubá, a partir de momentos históricos com as mobilizações dos indígenas pela demarcação do território. A citada pesquisadora, discutiu a territorialização indígena baseada nas reflexões do também antropólogo do renomado João Pacheco de Oliveira, pensando o território enquanto uma dimensão chave de inserção dos indígenas no Estado-nação a partir de um processo de reorganização social. Apresentando a organização da estrutura político-administrativa, destacando o papel do Toré como lugar de discussão política e de fortalecimento do movimento indígena.

Ainda a antropólogo Liliane em 2004 analisou o modelo etnológico Xukuru do Ororubá, a partir de processos de curas, com especialistas indígenas: pajé, líderes político-religioso, rezadores, parteiras e produtores de garrafadas -conceberem a doença e interpretar suas origens. Visando contribuir na contribuição do sistema médica Xukuru. Onde a pesquisadora percebeu uma intensa relação do uso da religião na produção dos “remédios da natureza” nas narrativas dos especialistas de cura nativa.

Em 2019 Eraldo analisou o toré enquanto dança coletiva e conhecida expressão sociocultural dos povos indígenas no Nordeste, com múltiplos significados, mas principalmente como afirmação identitária nas mobilizações dos índios, a exemplo dos Xukuru do Ororubá (Pesqueira e Poção/PE), para reivindicações de direitos, especificamente a demarcação das terras onde habitam que são usurpadas por invasores. Como também praticado enquanto ritual religioso, com o sentido de pertença e identidade vinculada aos antepassados e para acesso aos encantados, seres espirituais do universo religioso dos indígenas.

Na Dissertação de Hosana ela buscou a compreensão de como as lutas políticas, as dinâmicas sociais e as práticas organizacionais Xukuru, conceberam a emergência de novas configurações de sua organização, tendo como ponto de partida as retomadas e a intensificação das práticas rituais dessa etnia.

Das teses de doutorado, encontramos temas apresentados como o associativismo indígena por Vania Fialho, em 2003, na UFPE, onde a antropóloga analisou três povos diferentes: Kambiwá, Xukuru e Pipipiã. O historiador Edson Silva, descreveu e analisou os processos históricos e os conflitos, bem como as mobilizações e resistências dos indígenas pelo direito à retomada de suas terras, em um estudo baseado numa ampla pesquisa documental e entrevistas com vários/as idosos/as Xukuru do Ororubá. O pesquisador evidenciou a importância de conhecer a história do povo indígena, diante da ausência de registros

apresentando a história a partir da perspectiva Xukuru do Ororubá. Uma vez que as informações disponíveis eram geralmente vinculadas as instituições estatais ou os veículos de imprensa, a partir dos próprios interesses relacionados aos invasores no território indígena. Sendo necessário um esforço para qualificar os poucos dados históricos disponíveis e contextualizar as fontes, não condizendo com as situações relatadas pelos Xukuru do Ororubá.

Quadro 2 – Teses de Doutorado sobre os Xukuru do Ororubá

TÍTULO	AUTOR/AUTORA	ANO/INSTITUIÇÃO
Associativismo indígena: análise sob essa ótica três etnias diferentes: Xukuru, Kambiwá e Pipipã.	SOUZA, Vânia Fialho de	2003/UFPE
Dramas e performances: o processo de reelaboração étnica nos rituais, festas e conflitos.	NEVES, Rita de Cássia M.	2005/UFSC
O Ritual Sagrado: a religião indígena do povo Xukuru do Ororubá (Pesqueira-Poço/PE).	MELO, Constantino José Bezerra de.	2019/UNICAP
Xukuru: memórias e histórias dos índios da Serra do Ororubá (Pesqueira/PE).	SILVA, Edson.	2008/UNICAMP

A antropóloga Rita Neves (2005a) na Tese de Doutorado descreveu as festas religiosas enquanto dramas e performances na reelaboração da identidade étnica dos indígenas Xukuru do Ororubá frente à disputa pelo poder da gestão territorial. A pesquisa de campo e a elaboração da Tese, foram marcados pelos impactos da tentativa de assassinato em 2003 do Cacique Marcos Luidson (filho do assassinado Cacique “Xikão”), em um conflito interno envolvendo o grupo de indígenas autoproclamados “Xukuru de Cimbres”.

Em 2019, Constantino Melo, realizou uma pesquisa tratando da Religião Indígena do povo Xukuru do Ororubá, que reelaboraram as tradições religiosas desde a primeira retomada de terras na Aldeia Pedra d’Água em 1990. Com o objetivo de analisar o processo de configuração da Religião do Ritual Sagrado, como denominam os indígenas, após a mobilização e retomadas das terras em poder de invasores, principalmente com o retorno do direito à liberdade das práticas religiosas garantida pela Constituição de 1988.

Nossa Dissertação sobre “As práticas religiosas na constituição do/a guerreiro/a na visão Xukuru do Ororubá, em Pesqueira-PE, trata-se de uma temática, de grande relevância porque procuramos destacar a importância da “Religião Xukuru do Ororubá” assim, definida pelo povo

indígena, como as práticas religiosas do povo indígena, para além uma religião institucional, mas fundada a partir de ações consideradas sagradas, no respeito aos ancestrais, os Encantados e a natureza sagrada, em espaços sagrados: os terreiros, as lajes e pedras, compondo a cosmologia do citado povo indígena com ritos e mitos.

A pesquisa envolveu aspectos importantes para serem aprofundados: vivências, cosmologia, os espaços e terreiros sagrados, os Encantados; aspectos da ritualidade Xukuru do Ororubá onde o povo indígena cada vez mais a demonstra a busca constante pelo sagrado, a partir da Natureza, símbolos, ritos, uma vez que essas práticas socializadas de geração em geração evidenciam a força habitando em espaços sagrados e delas emanando novos guerreiros/as/as para “a luta”. Os rituais Xukuru do Ororubá, portanto, possibilita não somente conhecer o universo religioso, a partir das narrativas históricas, das experiências de vida e a “luta”; as perseguições, as criminalizações das lideranças, além das mortes com vidas ceifadas no território. Para os indígenas, do sangue derramado nascem novos guerreiros/as que na atualidade continuam “a luta”, os ensinamentos e aprendizados dos mais velhos, as vivências e liberdade religiosa de indivíduos no povo escolhendo outras religiões, em específico as de matrizes africanas e o catolicismo romano nas práticas religiosas indígenas.

A dissertação possibilitou um olhar, a partir das Ciências das Religiões, sobre as práticas religiosas Xukuru do Ororubá, acerca das mobilizações pelo território com o fortalecimento da identidade religiosa na formação de guerreiro/as, fundada na crença na força dos “Encantados” e da “Natureza sagrada”. Nessa perspectiva, foi muito importante e de grande crescimento pessoal e acadêmico realizar um aprofundamento teórico no PPGCR/UFPB, para assumir a postura de pesquisador. Com uma grande oportunidade de partilha e trocas de conhecimentos, contribuindo para leituras e análises sobre o chamado estado da arte a respeito da nossa temática de pesquisa.

As pesquisas sobre a morte e o processo de mitificação do Cacique “Xikão”, elaboradas por Estevão Martins Palitot (2003) na Monografia apresentada ao Curso de Ciências Sociais na UFPB e por Aloys L. Wellen (2002) no livro intitulado “O regresso: o difícil regresso à mãe Natureza: o caso do povo Xukuru do Ororubá”, possibilitaram a compreensão sobre a metamorfose mítica do “Cacique Xikão” como “Cacique Encantado Mandaru”. A publicação da biografia “Mandaru: a história de vida do Cacique Xikão Xukuru (PE)”, por Kelly Oliveira (2018) para o projeto “Os brasis e suas memórias”, contribuiu também para compreender o processo de formação política, a trajetória do “Cacique Xikão” e a dedicação às mobilizações pela retomada e demarcação da terra indígena Xukuru do Ororubá. A antropóloga Rita Neves

(2005) na Dissertação de Mestrado descreveu as festas religiosas enquanto dramas e performances, na reelaboração da identidade étnica dos indígenas diante das disputas com fazendeiros invasores e o poder da gestão territorial pelos Xukuru do Ororubá.

Além desses estudos acadêmicos, vários artigos foram publicados por esses e outros autores, como Edson Silva (2000, 2002) que publicou textos sobre os Xukuru do Ororubá na área da História; o Centro de Cultura Luiz Freire (CCLF) produziu cartilhas sobre os indígenas (1997) e o CIMI através do jornal *Porantim*, também publicou vários artigos sobre os conflitos desde o assassinato do Cacique “Xikão”. Indígenas Xukuru do Ororubá também escreveram dois textos importantes sobre a organização social e religiosa: “Xukuru: filhos da mãe Natureza”, em 1997, e os “Cadernos do tempo”, em 2002, ambos publicados com o apoio do CCLF. Por fim, vários relatórios técnicos e pareceres elaborados para a FUNAI e o Ministério Público contribuíram para compreensão do contexto político envolvendo os Xukuru do Ororubá. Em campos e áreas diferentes, a maioria dessas reflexões seguiram o viés de uma literatura etnológica produzida a partir de estudos orientados pelo professor João Pacheco de Oliveira no Museu Nacional/UFRJ. São estudos sobre os chamados “índios misturados”, revendo concepções sobre a problemática do “contato interétnico” e as chamadas “fronteiras étnicas”.

Embora tenhamos incorporado muitos dessas discussões teóricas, buscamos apresentar a constituição dos/as guerreiras/os a partir das práticas religiosas do povo Xukuru do Ororubá, nos rituais e espaços sagrados, enfatizando as transformações ocorridas nas expressões socioculturais a partir dessas práticas para a conquista do território. E assim, apresentando a prática religiosa, a formação, os encantados e mobilizações indígenas para nossa pesquisa como contribuição para as Ciências das Religiões.

O Centro de Cultura Luiz Freire (CCLF), em assessorias e oficinas aos/as professores/as Xukuru do Ororubá no início do processo e organização do povo indígenas, contribui para a retomada das escolas indígenas como espaços de educação formal, ocupados pela colonização. Organizando em 1997 o livro didático “Xukuru Filhos da Mãe Natureza: uma história de resistência e luta”, elaborado pelos/as professores/as indígenas e lideranças do povo Xukuru do Ororubá. A obra apresentou a história e a organização social indígena, a partir das narrativas de indígenas idosos/as. No livro, a Religião Indígena Xukuru do Ororubá foi apresentada em um tópico específico de forma sintética e até a atualidade a publicação é discutida nas escolas no território indígena.

1.3 O povo Xukuru do Ororubá: expressões socioculturais e religião indígena

No universo sociocultural e religioso do povo Xukuru do Ororubá, há muitos símbolos, pedras e as chamadas lajes, que para o povo é a manifestação do sagrado, como a “Pedra do Conselho”, na Aldeia Vila de Cimbres, onde no dia 23 de junho ocorre o ritual da meia noite, quando os mais velhos socializam para os mais novos os ensinamentos dos antepassados, por meio dos “espíritos de luz” que para os Xukuru do Ororubá são as forças encantadas emanam as forças para o sentido das vidas indígenas para “a luta”, mobilizações em defesa do território. Os seres sobrenaturais que protegem o território, e é por meio dessas práticas religiosas foi possível ver muitas vitórias e conquistas alcançadas pelo povo, ao longo dos anos, dentre as quais a própria demarcação e homologação do território, outrora em mãos de posseiros e fazendeiros, que assassinaram a principal liderança, o Cacique “Xikão”. E, por isso, nas práticas religiosas, na ocupação dos lugares de reza, terreiros sagrados, moradas dos Encantados, que sendo socializadas de geração para geração, foram crescendo o número dos guerreiros/as no território Indígena,

Nas oferendas apresentadas nesses lugares sagrados, afirmam os indígenas Xukurus, está a “mão divina”, que “nos protegem, nos alimentam, nos fortalecem”. O Pajé Zequinha, afirmou que “delas emanam os sinais para onde podemos e devemos avançar com nossos guerreiros/as no cuidado com o nosso povo e nosso território”.

O indígena Zé de Santa, Vice-Cacique, afirmou:

Quando vamos a Pedra do Crajéu, onde realizamos nossas primeiras devoções junto aos nossos antepassados, e de lá seguíamos a Vila de Cimbres, onde nos acampava, depois de longa caminhada para cumprirmos com nossas obrigações. Quando chegava meus parentes oriundos das aldeias: Cana Brava, Brejinho, Oiti, Pé de Serra, Boa Vista, São José, Caípe, vindos a pé para a vila de Cimbres. Todos já sabíamos, tínhamos que ir as “lajes”, “pedras” para recebermos as ordens sagradas, dos “espíritos de lus”, daquilo de devíamos fazer. (José Barbosa dos Santos, Zé de Santa, Aldeia Caípe).

A prática ritual sempre esteve alicerçada nas expressões socioculturais e religião Xukuru do Ororubá, a qual todos os anos os indígenas fazem questão de repetir e ensinar aos mais novos. Para que esses participando nos rituais, vendo, aprendam e deem continuidade, na vida e repassem para os/as filhos e filhas. Essas práticas religiosas, possibilitaram a retomada do território pelos indígenas, por meio da afirmação étnica alicerçadas nas chamadas tradições, danças e expressões religiosas. Essas práticas formando novos/as guerreiros e guerreiras até a atualidade no território indígena e mantendo viva as ancestralidades, as práticas religiosas e socioculturais, como parte da cosmologia Xukuru do Ororubá. Apresentamos como diferencial o não suposto sincretismo da religião, mas, as afirmações do povo indígena com a religião

Xukuru do Ororubá, com o Toré, na força do maracá, o *membí*,² os Encantados, que por meio da Natureza e os cantos, para o indígena rezarem como guerreiro Xukuru do Ororubá.

Na nossa pesquisa, identificamos que a antropóloga Vânia Fialho (1998) foi a primeira pesquisadora na década de 1990 que, a partir da Dissertação de Mestrado sobre o processo da identidade étnica, territorialização e demarcação da terra indígena Xukuru do Ororubá, apontou algumas características das práticas religiosas indígenas, quase não explicitadas devido as muitas perseguições dos fazendeiros invasores na terra indígena. E antropóloga Rita Neves, foi pioneira ao assistir e escrever sobre os rituais e às festas sagradas, inclusive registrando em estudos acadêmicos as primeiras declarações do Pajé Pedro Bispo Rodrigues sobre os “rituais sagrados secretos” realizados, como também descrevendo de forma inicial a cosmologia e prática sagrada religiosa do povo Xukuru do Ororubá nos rituais.

É preciso entender essas práticas religiosas enquanto uma construção nos fluxos socioculturais, assim como afirmado por Claudia Mura (2012), onde aspectos desses fluxos são apreendidos a partir das relações, incorporados e significados em construções próprias. Proponho observarmos os princípios e os resultados práticos para compreendermos como esses aspectos são absorvidos em uma construção cosmológica e formando guerreiros/as, a partir dessas práticas rituais, onde são socializados os ensinamentos dos mais idosos/as para os mais jovens. Observando as relações permeando os contextos, porém compreendendo que a operação desses fluxos ocorre com a família extensa, no caso do povo Xukuru do Ororubá, nas práticas religiosas, caracterizando como uma família extensa é ao mesmo tempo uma instituição em relações ampliadas além das fronteiras étnicas do povo indígena. Na continuidade das mobilizações pelos direitos, mostrando por meio dos Encantados que cada guerreiro/as constituído/a se tornam guardião/ã de conhecimentos ancestrais.

1.4 O desenho teórico-metodológico da pesquisa

O objetivo desta pesquisa foi compreender as práticas religiosas Xukuru do Ororubá e os rituais sagrados na formação de guerreiros/as indígenas na visão das lideranças, através da ação da chamada pelos indígenas “Força Encantada”, para as mobilizações em defesa de direitos e do território tradicional. Nas aldeias Xukuru do Ororubá nos municípios de Pesqueira/PE e Poção/PE. Trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativo. Na área de Ciências das Religiões. Pesquisas qualitativas ocorreram a partir do final dos anos de 1960 (Bogdan;

²Membí é o tocador da flauta (chamada pelo povo indígena de gaita), instrumento musical conduzindo os passos da dança espiral nos rituais e abertura de eventos cerimoniais no povo Xukuru do Ororubá.

Biklen, 1994) com o desafio de compreender os aspectos formadores/formantes do sujeito, as relações e construções socioculturais, com a proposição de ruptura da separação entre pesquisador/a e pesquisado/a (Gatti; André, 2011), não como contraposição aos métodos qualitativos, mas como novos enfoques diferentes da pesquisa social empírica (Weller; Pfaff, 2011).

O desafio posto nessa pesquisa é estudar as práticas religiosas como formação de guerreiros/as no território e terreiros do povo Xukuru do Ororubá a partir das práticas religiosas e os diversos espaços de formação. Neste sentido, optou-se pela perspectiva fenomenológica enquanto orientação teórico-metodológica. Nas palavras de Creswell (2014, p.74) um “estudo fenomenológico descreve o significado comum para vários indivíduos das suas experiências vividas de um conceito ou um fenômeno. As/os fenomenologistas focam na descrição do que todos os participantes têm em comum quando vivenciam um fenômeno”.

Para Moreira (2002) a fenomenologia trata do estudo ou a ciência do fenômeno, entendendo o fenômeno como sendo tudo que se manifesta por si mesmo. “O fenômeno é a aparência do monitor que percebo (ou seja, o dado que apreendo) em minha consciência” (Moreira, 2002, p. 65), O autor afirmou que é tarefa da fenomenologia estudar as significações das vivências da consciência.

Segundo Creswell:

Enquanto um estudo narrativo relata as histórias de experiências de um único indivíduo ou vários indivíduos, um **estudo fenomenológico** descreve o significado comum para vários indivíduos das suas **experiências vividas** de um conceito ou um fenômeno. Os fenomenologistas focam na descrição do que todos os participantes têm em comum quando vivenciam um fenômeno. [...] O propósito básico da fenomenologia é reduzir as experiências individuais com um fenômeno a uma descrição da essência universal. [...] Para esse fim, os pesquisadores qualitativos identificam um fenômeno. [...] como a transe, a irradiação, manifestações corporais [...]. O investigador coleta os dados das pessoas que vivenciaram o fenômeno e desenvolve uma descrição composta da essência da experiência para todos os indivíduos (Creswell, 2014, p. 72, grifo nosso).

O estudo fenomenológico busca compreender o fenômeno em um nível mais profundo (Creswell, 2014). Como afirma Gray (2012, p. 140). “[...] a fenomenologia busca entender o mundo do ponto de vista dos participantes. Isso só pode ser obtido se o/a pesquisado/a colocar “entre parênteses” suas percepções”. É importante destacar que se trata de uma suspensão, onde as/os pesquisadores/as colocam de lado tanto quanto possível as experiências no sentido de compreender melhor o fenômeno em uma nova perspectiva, não se tratando de neutralidade.

Como afirmou Masini (2010, p. 73) “[...] a pesquisa de enfoque fenomenológico constitui-se, pois como etapas de compreensão e interpretação de o fenômeno – que poderá ser retomada e visto sob nova interpretação”.

No método fenomenológico, o/a pesquisador/a não se limita a uma descrição passiva dos dados, sendo necessário uma interpretação, tarefa da hermenêutica, consistindo na ênfase ao que o fenômeno tem de mais fundamental, algumas vezes menos aparentes. Por se tratar da arte de interpretar, a hermenêutica busca compreensão para as coisas de maneira que a verdade não se apoie nem no objetivismo cientificista, nem no absolutismo das soluções metafísicas. Na hermenêutica, e, o fundamento da verdade surge das articulações da vida cotidiana mediadas pelo discurso (Bolzan, 2014). Parte-se de uma compreensão do fenômeno, e, ao se perceber novas características, elabora-se uma nova interpretação, que por sua vez levará a uma nova compreensão (Masini, 2010). A autora afirmou que a pesquisa pautada em um enfoque fenomenológico constitui-se de etapas de compreensão e interpretação do fenômeno.

Ao tratar da fenomenologia hermenêutica, está não deve ser abordada com um conjunto de regras ou métodos, mas como um jogo dinâmico entre as atividades da pesquisa, em que as/os pesquisadores/as, ao se voltarem para um fenômeno de interesse, refletem sobre temas essenciais constituindo a natureza dessa experiência vivida, redigindo uma descrição do fenômeno, mantendo forte relação do/a pesquisador/a com o item investigado, equilibrando as partes da escrita em relação ao atribuído às experiências vividas (Creswell, 2014).

Nas palavras de Creswell “[...] a fenomenologia termina com uma descrição, discutindo a essência das experiências dos indivíduos e incorporando “o que” e “como” têm experimentado. Essa essência é o aspecto culminante de um estudo fenomenológico” (Creswell, 2014, p. 74). Nesses termos, o foco desta pesquisa fenomenológica foi compreender as experiências vividas pelos indígenas Xukuru do Ororubá nos rituais sagrados, buscando descrever a partir dessas vivências suas visões nesses processos de formações dos guerreiros/as, descrito pelas lideranças.

Para elaboração dessa dissertação buscamos ancorar nas reflexões das Ciências das Religiões em diálogos com as aulas durante o curso na UFPB de forma remota, devido a pandemia de Covid 19, bem como, nas áreas de conhecimento técnicos. Por estarmos pesquisando um povo indígena no estado de Pernambuco, adotamos o terreiro como espaço religioso do citado povo indígena para a formação de guerreiros/as, os rituais sagrados como aspecto fundamental nessa formação, bem como o culto aos Encantados como transcendental nessa formação para as mobilizações e busca de direitos garantidos na Constituição Federal.

Isso possibilitou nosso olhar acadêmico para as descobertas dessas riquezas nas afirmações socioculturais do povo estudado.

Nosso **objeto** de estudo são as práticas religiosas na constituição do/a guerreiro/a Xukuru do Ororubá, em Pesqueira e Poção-PE: os ‘Encantados’ e as mobilizações em torno do território”. Tendo como **problemática**: as relações das práticas religiosas indígenas com a formação nas mobilizações por direitos no território, formando ou não os/as novos guerreiros/as para permanecerem e continuarem nas reivindicações por direitos, a partir das práticas ancestrais socializadas de geração em geração.

A dissertação teve como **objetivo geral** analisar as práticas religiosas Xukuru do Orubá e os rituais sagrados na formação dos guerreiros/as indígenas a partir da visão as lideranças. E como os **objetivos específicos**:

- Descrever as práticas religiosas Xukuru do Ororubá e a constituição dos/as guerreiros/as no território e nos espaços sagrados indígenas, após o reconhecimento dos direitos indígenas na Constituição Federal de 1988.

- Identificar as percepções nos relatos de lideranças Xukuru do Ororubá sobre os significados das práticas religiosas sagradas e sobre a prática do Ritual Sagrado do Toré.

- Verificar a existência de relações entre as mobilizações e práticas religiosas no território a partir da relação espiritual com a Natureza, para o fortalecimento das ‘lutas’ do povo Xukuru do Ororubá.

Estive presente nos principais eventos ocorridos no território indígena em 2022 e 2023. Foi uma excelente oportunidade como pesquisador para observar com detalhe os rituais e ver as relações dos Xukuru do Ororubá com o sagrado. Relações profundas que a cada ano renovadas e demonstrando o amor dos indígenas com o sagrado, os rituais, a religião.

1.5 O trabalho de campo

A pesquisa obteve total receptividade no povo Xukuru do Ororubá, nos municípios de Pesqueira e Poção em Pernambuco. O território Xukuru é composto de 24 aldeias. O povo tem um cacique, um vice-cacique, um pajé, mais 24 lideranças apoiando com o cacique na gestão e administração do território.

A primeira entrevista com Dona Zenilda, ocorreu na casa da mesma, na Aldeia São José, no dia 21 de maio de 2022. A entrevistada demonstrou-se entusiasmada, serena e bem tranquila em falar da religião do povo indígena, apresentamos as perguntas e Dona Zenilda prontamente se colocou à disposição para responder todas. Num diálogo promissor.

A segunda entrevista em junho durante nos festejos de Mae Tamain/Nossa Senhora das Montanhas, com o Pajé Marcio, que está fazendo a transição com o tio o Pajé Zequinha. Aprendemos novos conhecimentos sobre a condução dos rituais, bem como como todos os cuidados e responsabilidade com o povo Xukuru de Ororubá. O Pajé Marcio apesar de jovem, se mostrou aberto e disponível nas respostas as perguntas do entrevistador, mostrando a força e relevância do sagrado do seu povo, se emocionando várias vezes.

A terceira entrevista foi também durante os festejos de Nossa Senhora com Cecílio, liderança indígena e religiosa, mestre de terreiro na Aldeia Cana Brava, o qual descreveu histórias de luta junto do Cacique “Xikão”, nas retomadas, as idas a Brasília, o enfrentamento contra os fazendeiros e pistoleiros no processo de demarcação das terras. E como as forças encantadas ajudavam nos direcionamentos que deveriam serei observados pelos/as guerreiros/as para que a luta pelo território e a volta do território para as mãos dos indígenas ocorresse.

A quarta entrevista foi com uma liderança jovem, Silvinha Xukuru do Ororubá, moradora na aldeia Pé de Serra dos Nogueiras, guerreira formada nas bases indígenas, na educação, e passou a ver a força da religião do seu povo no processo de luta, e como foi importante para a conquista do território. Apesar de jovem, tem uma grande contribuição no coletivo de mulheres Xukuru do Ororubá, atualmente divulgando a luta do seu povo até fora do país.

A quinta entrevista foi com Seu Chico Jorge na Aldeia Vila de Cimbres, que além, de liderança é mestre religioso de terreiro e responsável pelo terreiro na Aldeia Vila de Cimbres. Um grande conhecedor da jurema sagrada e pontos religiosos, na abertura dos rituais religiosos do povo. Vivenciou com “Xikão” grandes momentos de luta de seu povo, bem como, ao lado do Cacique Marcos Luidson, quando ele vivenciou o atentado no ano de 2003, a caminho da Aldeia Vila de Cimbres.

A sexta entrevista aconteceu com Seu Dezinho Jorge, liderança de terreiro, guardião do Terreiro na Aldeia Sucupira. Mestre da jurema, e líder religioso também em seu povo. Ao lado de irmão João Jorge e ao lado “Xikão” protagonizou a conquista de grande parte do território para seu povo. Formador de grandes guerreiros/as, e sempre procurando ensinar aos indígenas na sua aldeia a importância do respeito ao sagrado, as vivências do Toré e da religião Xukuru do Ororubá. Sempre presente em todos os eventos religiosos do povo indígena.

A sétima entrevista com Seu Medalha, o Mestre do *Membi* do povo Xukuru do Ororubá, o tocador da gaita. Relatou que chama os espíritos e os Encantados para os rituais sagrados do

seu povo. Na Lage onde ocorre o ritual na meia noite no dia 23 de junho, Seu Medalha é um dos *Toyoes*, mais velhos, seguindo com os conselhos aos mais jovens de seu povo, iniciando o ritual de agradecimentos as forças encantadas e pedindo proteção ao povo indígena.

A oitava entrevista foi com o Pajé Zequinha, o mais antigo no povo, “que elegeu pela força da Natureza” o Cacique “Xikão”. Outros caciques também foram eleitos pelo Pajé a partir da força Natureza. O Pajé é um grande conhecedor da jurema, e abre todos os rituais importantes do seu povo. Possui a “ciência dos Encantados” e sabe com maestria conduzir os/a guerreiros/as do seu povo. Foi o responsável pela cura espiritual de Xikão, e quem depois do assassinato do Cacique, sustentou o cacicado do jovem Marcos diante do povo indígena.

A nona entrevista com Iran, jovem liderança realizando grandes projetos no povo Xukuru do Ororubá., discutindo com povo indígena o respeito a Natureza e a conservação das matas sagradas morada dos Encantados. Fundou a casa da cura, e com o apoio de lideranças religiosas faz um reconhecido trabalho ao lado da juventude como um grande formador de guerreiros/as a partir de projetos como as sementes criolas funcionando como um grande espaço de formação no território Xukuru do Ororubá.

A decima entrevista foi com o vice cacique Zé de Santa, como é conhecido, na Aldeia onde reside atualmente no território Kambiwá, em Ibimirim. O entrevistado participou grandes lutas. Foi acusado de ser mentor da morte de “Xikão” e outras lideranças, absolvidos dos processos é uma grande referência e guardião dos conhecimentos da história de seu povo. Viu de perto todo processo de retomada das terras ao lado de “Xikão”.

Quadro 3 - Perfil das lideranças entrevistadas

Entrevistado A	Zenilda Maria Araújo, 72 anos, nasceu e cresceu na Aldeia Cana Brava, morou também na Aldeia Pedra d'Água. hoje Atualmente reside na Aldeia São José, desde que ficou viúva do Cacique “Xikão”, em Pesqueira-PE. Conhecida como Mãe Sacarema, ou mãe dos indígenas Xukuru do Ororubá.
Entrevistado B	Gilmar Márcio da Silva, 42 anos, nasceu em Pesqueira/PE, morou na Aldeia Cana Brava, atualmente reside na Aldeia São José, é Pajé do Povo Xukuru do Ororubá.
Entrevistado C	Cecílio Santana Feitoza, 50 anos, nasceu na Aldeia Cana Brava, Pesqueira/PE. Reconhecida liderança indígena.
Entrevistado D	Maria Silvaneide Faustino Nogueira, conhecida como Silvinha Xukuru do Ororubá, 29 anos, nasceu na Aldeia Pé de Serra, Pesqueira/PE.

Entrevistado E	Francisco de Assis Jorge de Melo, conhecido como Chico Jorge, 68 anos, nasceu em Pesqueira/PE, Liderança indígena na Aldeia Vila de Cimbres.
Entrevistado F	Jose Jorge de Melo, 52 anos, nasceu na Aldeia Sucupira em Pesqueira/PE. Liderança na mesma Aldeia.
Entrevistado G	Antonio Monteiro Leite, 75 anos, conhecido como Seu Medalha, Liderança do povo Xukuru do Ororubá e o tocador do Membi, ou Mestre da Gaita. Nasceu na Aldeia Sucupira, Pesqueira/PE.
Entrevistado H	Pedro Rodrigues Bispo, 92 anos, nasceu na Aldeia Cana Brava, Pesqueira/PE, Pajé do povo Xukuru do Ororubá
Entrevista I	Iran Neves Ordônio, 44 anos, nasceu no bairro “Xucurus” na zona urbana de Pesqueira/PE. Liderança indígena Xukuru do Ororubá.
Entrevista J	José Barboza dos Santos, 78 anos, nasceu na Aldeia Caípe, Pesqueira/PE, Vice – Cacique do povo Xukuru do Ororubá.

Fonte: o autor, 2022.

Todos os/as participantes nas entrevistas, mostraram-se disponíveis para colaborar com a pesquisa. Todos/as atribuíram a vontade de contribuir com o processo de luta do povo e as riquezas ancestrais a partir da religião indígena na formação de guerreiros e guerreiras, e fazer conhecido o processo de luta na busca por direitos religiosos. Para todos/as um momento rico de falar das riquezas do povo com liberdade e sem medo para as futuras gerações.

O estudo foi realizado a fim de compreender as práticas religiosas indígenas do povo Xukuru do Ororubá, habitante na Serra do Ororubá nos municípios de Pesqueira e Poção-PE, na constituição do/a guerreiro/a com as tradições religiosas desde a conquista do território sagrado, em 1990, a partir da primeira retomada na Aldeia Pedra d'Água, local onde “Xikão” Xukuru está plantado.³

O povo Xukuru do Ororubá participa ativamente nos eventos religiosos com devoção, seguindo as instruções dos Encantados⁴ e ancestrais. Quando participamos no primeiro evento

³“Plantado” é uma expressão indígena utilizada muito frequentemente no povo Xukuru do Ororubá e foi usada por Dona Zenilda Xukuru no dia do sepultamento ~~velório~~ do Cacique “Xikão”. E usou essa expressão para dizer que “Xikão” não morreu, mais como semente foi plantado para que dele nasçam novos guerreiros/as para a luta de seu povo.

⁴Os Xukuru do Ororubá denominam “Encantados” todos os ancestrais e antepassados que fizeram a passagem (para outra vida?). E também os considerados mártires pela causa indígena, que deram suas vidas em defesa do território sagrado. Portanto, são “Espíritos de Luz”, que na atualidade auxiliam e orientam os indígenas na defesa e proteção do seu território.

do ano realizado na Pedra do Reino, na Aldeia Pedra d'Água, local da primeira retomada de terras pelos indígenas e próximo de onde “Xikão” está plantado, vemos as relações dos/as guerreiros/as com os rituais e com o sagrado.

O evento na Pedra do Reino é a abertura de todos os eventos no ano para o povo Xukuru do Ororubá. Começa com uma pajelança em torno do *peji*,⁵ onde o novo Pajé e o Pajé antigo “Seu Zequinha” abrem o ritual e inicia um grande Toré. Todos os/as guerreiros/as são convidados/as a participarem. Aberto os trabalhos, o Toré se encerra ao meio-dia com a subida a Pedra do Reino, lugar sagrado para o povo indígena, onde ocorre outra pajelança no *peji* em uma oca de pedra construída pelos indígenas no alto da Pedra do Reino.

No local os indígenas consultam os Encantados que dizem como será a caminhada naquele ano para o povo indígena e os cuidados como administrar o território. Terminada a pajelança, volta-se ao Terreiro onde é comunicado pelo Cacique para os/as que não subiram no alto da Pedra, o repassado pelos Encantados ancestrais e o evento é encerrado com um grande Toré. Esse é um dia de agradecimento e obrigação que todos/as os/as guerreiros/as que são chamados/as para estarem presentes.

Em 2022, observávamos os rituais fazendo parte do calendário dos Xukuru do Ororubá: a Festa de Reis - do Rei Orubá, a Fde São João e a Festa de Mãe Tamain, chamada pelos não indígenas como Nossa Senhora das Montanhas. Além desses rituais regulares, também participamos de alguns Torés nas aldeias e em terreiros no território indígena. Estivemos presentes observando outro evento incorporado ao calendário anual dos indígenas, após o assassinato do Cacique “Xikão” em 20 de maio de 1998. Anualmente, nessa data, ocorre uma junção de rituais religiosos e políticos, onde se faz a rememoração do grande guerreiro “Xikão”, com a celebração de uma missa, no lugar onde a grande liderança está plantado. O evento começa na Aldeia Pedra d'Água, na mata com o cemitério onde “Xikão” e outros/as guerreiros/as estão “plantados” e termina, após uma caminhada à tarde com grande participação dos indígenas, em um ato político na cidade de Pesqueira, no Bairro “Xucurus”, local onde “Xikão” foi assassinado.

Esse evento marca a história do povo Xukuru do Ororubá reafirmando as mobilizações por direitos e que nelas “Xikão” continua vivo. Tiraram a vida do “grande guerreiro”, mas, dele, nasceram os/as novos/as guerreiros/as na continuidade à sua “luta”, as mobilizações e defesa do território, na proteção do sagrado e dos Encantados habitando as terras sagradas indígenas.

⁵Peji para os Xukurus do Ororubá é uma casa de palha, na qual são acesas as velas, colocadas as águas das juremas, e onde ficam os tacós (saiotes) de alguns antepassados trazidos pelo Pajé.

O Cacique “Xikão” e todas as lideranças com as vidas ceifadas no processo de reivindicação pela demarcação do território, no universo religioso Xukuru do Ororubá tornaram-se guardiões e intercessores, com testemunhos de vida e entrega pela “luta”, trazendo força e animo para lutar pelos direitos, pelo território e a vivência do sagrado a partir das concepções religiosas dos indígenas.

A cosmologia Xukuru do Ororubá é muito rica e nos ensina. Cada liderança, cada guerreiro/a na medida que participa nos rituais, no Toré reafirma as forças ancestrais e demonstra a presença viva daqueles/as com as vidas ceifadas pelo poder dos invasores nas terras e tentando tomar o território indígena. E da própria Natureza que os indígenas se inspiram nos cânticos e para a força mostrando porque se sentem filhos/as da Natureza, filhos da mãe terra.

Em todo o meu tempo de experiências e vivências com o povo indígena Xukuru do Ororubá, em diversos encontros e conversas, sempre foi citada a religião, o sagrado como uma base significados de vida do povo. A conexão com o território e as relações com o ambiente, se expressavam a partir do desejo de tornar sagrado as expressões socioculturais e se alimentarem dos conhecimentos ancestrais. O se alimentar da própria terra criando um sentimento de vínculo com chamada “Natureza sagrada”, com os Encantados, com a cosmologia e com os que estão plantados no solo, no caso do povo Xukuru do Ororubá de onde emana a força encantada enquanto força espiritual e os conhecimentos. Essas formas de viver caracterizadas a partir dos rituais sagrados, se alimentando do que se planta, dos rituais de cura, é apresentada como prática do sagrado, como agricultura sagrada, como modo de vida que formam os/as guerreiros/as na continuidade da “luta” e proteção do território.

Durante muitos anos, as práticas religiosas dos Xukuru do Ororubá e em outros povos indígenas no Nordeste foram negadas. “[...] Os representantes da cultura religiosa judaico-cristã hegemônica trataram a Prática Religiosa Indígena como uma ‘coisa menor’: ‘uma dança’, ‘um culto’, ‘um ritual’, ‘um folclore’, ‘uma seita’, um ‘catimbó’”. (Melo, 2021, p. 17). Também com o processo de negação da identidade étnica dos indígenas na Região Nordeste, instaurava-se a proibição da liberdade de crença e práticas religiosas dos Xukuru do Ororubá.

1.6 A organização e análise dos dados

O trabalho de campo foi realizado a partir de uma amostragem de entrevistas com duas lideranças mulheres e oito lideranças homens. No território Xukuru do Ororubá e na cidade de Pesqueira, Pernambuco, onde habitam os indígenas, exceto, a entrevista com o Vice-Cacique na sua residência, no Território Kambiwá, em Imbimirim-PE, pelo motivo dele ser casado com uma indígena kambiwá, e ter passado a morando no território dela, desde de então, e, também, por motivos da saúde do entrevistado. Porém, o mesmo nunca deixou as tradições religiosas de seu povo e sempre retorna ao território onde nasceu, para cumprir com as obrigações rituais dos Xukuru do Ororubá.

A mostra qualitativa envolve uma série de decisões sobre a compreensão dos atores sociais e não sobre quantos indivíduos serão ouvidos (Minayo, 2027). Segundo a autora:

Charmaz (2006) acena que a extensão do objeto e a complexidade do estudo é que devem orientar o tamanho da amostra, concordando com o que assinalo em O desafio do conhecimento (Minayo, 2015), sobre o mesmo assunto, Morse (2000) refere, como parâmetros, o escopo da investigação, a natureza do estudo e seu desenho metodológico (Minayo, 2017, p. 5).

A abordagem da presente pesquisa foi de cunho qualitativo não numérico, muito embora sendo necessário justificar quase sempre a determinação da multiplicidade das pessoas entrevistadas. De acordo com Minayo (2017), deve prevalecer a clareza intrínseca no/a pesquisador/a mesmo que de maneira provisória, foi encontrada uma compreensão para o objeto de estudo.

Nas palavras de Minayo (2017, p. 9) “[...] quem faz pesquisa qualitativa trabalha com a ideia de que ciência se faz por aproximações e de que as investigações seguem e se aprofundam no futuro com ele ou com outros pesquisadores”. Desta forma, é possível afirmar que na pesquisa qualitativa, uma amostra ideal é a que mostra as múltiplas dimensões de determinado fenômeno, buscando a qualidade das ações e das interações de decorrer de todo o processo (Minayo, 2017).

Para sistematizar e expor o tratamento e análise de dados foi utilizado a saturação teórica. Assim, a coleta de dados foi interrompida ao ser constatado pelo pesquisador que a relação entre o mesmo e o campo de pesquisa não apresentava novos aspectos para aprofundar a teorização almejada naquele momento (Fontanella *et al*, 2011). Os passos procedimentais percorridos para a constatação da saturação teórica nesta pesquisa podem ser descritos da seguinte forma:

Quadro 4 – Passos procedimentais para a constatação da saturação teórica

Passos	Descrição
Passo 1: Registros de dados “brutos”	Momento de acesso aos registros integrais de áudios e transcrições.
Passo 2: “Inserção” em cada registro.	São feitas leituras para identificar núcleos de significados nas falas das participantes.
Passo 3: Compilação das análises de cada entrevista	São reunidos temas e enunciados em cada entrevista.
Passo 4: Reunião dos tipos de enunciados para cada pré-categoria ou nova categoria.	São agregadas as falas dos núcleos de sentido identificados.
Passo 5: Codificação dos dados.	São nomeados os temas enunciados contidos em cada pré ou nova categoria.
Passo 6: Alocação (em tabela) dos temas e tipos de enunciados.	Agrega-se os enunciados destacando quando se deu a primeira ocorrência.
Passo 7: Constatação da saturação teórica para cada pré-categoria ou nova categoria.	Quando novos temas ou enunciados não aparecem após novas entrevistas.

Fonte: o autor (2022), com base em Fontenella *et al* (2011).

A constatação da saturação teórica dos temas abordados nesta pesquisa foi registrada da seguinte forma:

Quadro 5 – Constatação da saturação teórica

Tipos de enunciados	Entrevistas										Total de Recorrências
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	
Início das formações: Escolas ou Terreiros	X	x	x	x	x	x	x	x	x	x	10
Tipo das formações Religiosas: Ensino dos mais velhos e do Toré e símbolos usados nos rituais.	X	x	x	x	x	x	x	x	x	x	10
Símbolos Religiosos nos Rituais: Maraca, Flauta, Jupago, Pintura corporal	x	x	x		x	x		x		x	7
Presença no Ritual Sagrado: dos mais velhos, Pajés, Lideranças	x	x	x		x		x	x	x	x	8
Cânticos Religiosos para Manifestação da Presença do Sagrado	x	x		x		x		x	x	x	7
Presença dos Encantados durante os Rituais	x	x	x	x	x	x	x	x		x	9
Uso da Jurema Sagrada nos Rituais	x		x		x			x		x	5
Uso Instrumentos Musicais para manifestação do Sagrado	x	x		x	x			x	x		6
Importância dos Mestres de Terreiro para Manifestação do Sagrado	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	10
Orações Católicas usadas durante abertura e fechamento dos Rituais	x		x		x		x		x	x	6
Outras orações oriundas de outras religiões presentes nos rituais	x	x	x			x	x	x		x	7

Presença de entidades oriundas presentes nos rituais	x		x	x			x		x	x	6
Importância do Toré como Religião indígena na formação do/as guerreiros/as	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	10

Fontes: Dados da Pesquisa, 2022/2023

X: recorrências;

*Para esta categoria, a saturação foi constatada em todas as entrevistas.

A saturação teórica dos temas abordados na pesquisa possibilitou ênfase aos enunciados mais recorrentes: uso da Jurema Sagrada nos rituais, orações católicas e não católicas nos rituais, importância da dança do Toré no ritual sagrado, manifestação dos encantados durante o ritual sagrado, uso de instrumentos musicais e artesanal durante o ritual sagrado como manifestação do sagrado, importância dos tacós e vestimentas tradicionais do povo nos rituais, a formação nos principais eventos realizados pelo nas assembleias e escolas.

As transcrições das entrevistas foram lidas várias vezes, no intuito de compreender que as lideranças entrevistadas atribuíram aos fenômenos vivenciados nas experiências rituais. Foram extraídas trechos dizendo respeito diretamente ao fenômeno vivenciado pelos/as entrevistado/as – a esse processo nomeado “extração de assertivas significativas”. Em seguida, foram organizados os sentidos das assertivas extraídas, criando o chamado “conjuntos de temas”. Todos os resultados obtidos foram integrados em uma descrição exaustiva do fenômeno pesquisado (Moreira, 2002).

De acordo com Creswell (2014, p. 76) “[...] os passos para a análise fenomenológica dos dados são geralmente semelhantes para todos os fenomenologistas”. Os dados são examinados, com base nas transcrições das entrevistas, em que são destacadas “declarações significativas”. As declarações são frases ou citações que permitem uma compreensão de como as/os participantes percebem o fenômeno vivenciado (Creswell, 2014). A este passo dá-se o nome de horizontalização. Em seguida, foram desenvolvidos grupos de significados para as declarações, onde as declarações foram utilizadas para desenvolver uma descrição do que as pessoas participantes experimentaram. A esta fase dá-se o nome de descrição textual. Os significados foram agrupados em temáticas, permitindo o surgimento de temas comuns a todas as transcrições (Creswell, 2014).

As declarações foram utilizadas ainda para registrar descrições dos aspectos que influenciaram forma como as lideranças indígenas experimentaram o fenômeno. Esta fase é denominada variação imaginativa ou descrição estrutura (Creswell, 2014). O autor destacou também a fase da descrição, por parte dos/as pesquisadoras/res, sobre as próprias experiências, destacando o contexto e situações que serviram de influência. Por fim, considerando a descrição

textual e estrutural, o/a pesquisador/a pretende apresentar a essência do fenômeno, etapa esta chamada de estrutura essencial variante (Creswell, 2014).

O rigor metodológico foi obtido através de buscas na literatura, adesão ao método fenomenológico, anotações de campo, bem como o uso de uma amostra adequada, possibilitando serem realizadas entrevistas até que a saturação dos dados tivesse sido atingida (Creswell, 2014).

2 O POVO XUKURU DO ORORUBÁ E OS ENCANTADOS

Neste capítulo fizemos uma apresentação mais geral sobre o povo indígena, os rituais, as práticas religiosas, os símbolos importantes na cosmologia Xukuru do Ororubá: os terreiros, as pedras, os espaços, compondo a Religião Xukuru do Ororubá e como os indígenas se relacionam com esses espaços sagrados, com os cânticos inspirados na Natureza regendo os rituais, o *membí*, o jupago,⁶ etc. Os ensinamentos dos/as indígenas mais idoso/as a partir das forças encantadas.

2.1 O povo Xukuru do Ororubá

A Terra Indígena Xukuru do Ororubá está localizada a 216 km de Recife, nos municípios de Pesqueira e Poção, Pernambuco. A população indígena foi estimada em 12.000 indígenas em 2.338 famílias, de acordo com informações da DSEI/FUNASA (2004), habitando 27.555 hectares em três grandes regiões citadas pelos/as indígenas: o Agreste, a Ribeira e a Serra. O processo de regularização fundiária do território Xukuru do Ororubá foi iniciado pela FUNAI em 1989, com a etapa de identificação e delimitação; em 1992 foi declarada de posse permanente indígena mediante Portaria Ministerial; em 1995, teve a demarcação física realizada com decreto de homologação em 2001; em 2005 o território demarcado foi registrado como propriedade da União para posse permanente do povo Xukuru do Ororubá.

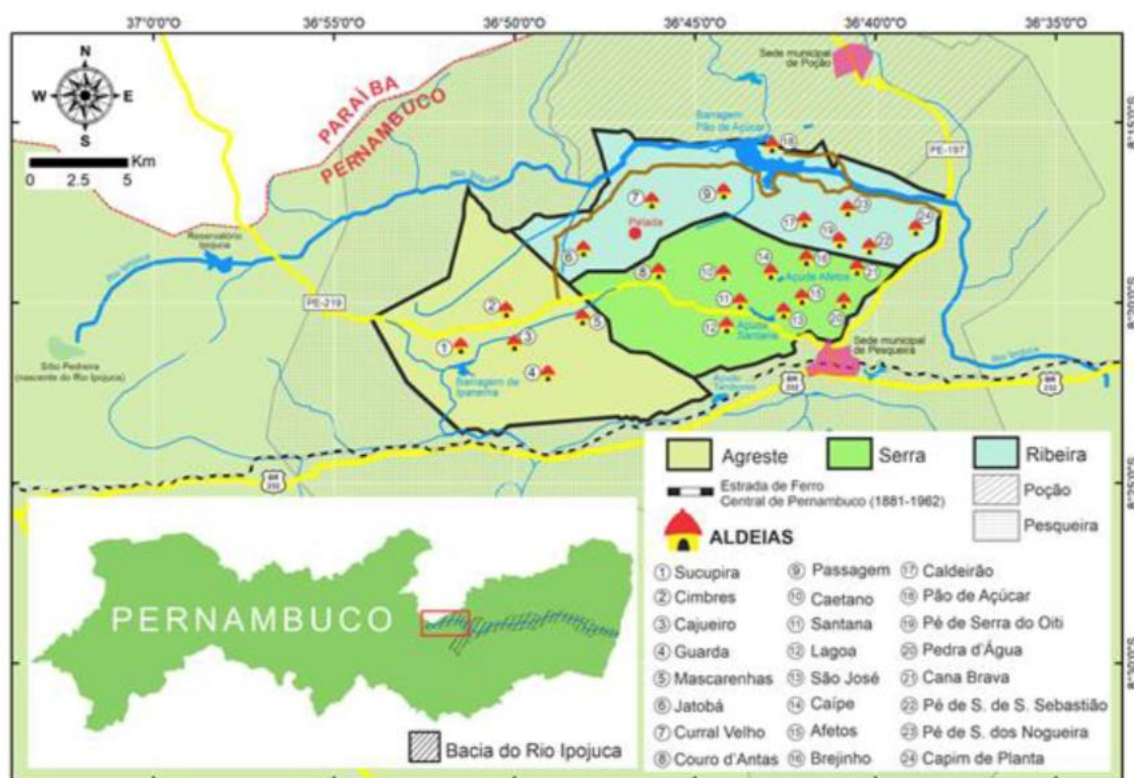
Os números populacionais dos Xukuru do Ororubá divergem quanto a quantidade de indígenas habitando o território demarcado e também na cidade de Pesqueira, a maioria no Bairro “Xucurus”. Por esse motivo, os indígenas iniciaram um levantamento estatístico no território demarcado, para conhecer qual a população e as situações econômica e social do

⁶ Instrumento feito de pau de cadeeiro, que serve para marcar a pisada durante o ritual do toré.

grupo. Com essa pesquisa socioeconômica, esperando também identificar o potencial das terras desintrusadas que se encontram nas mãos dos indígenas.

As aldeias são formadas por pequenas aglomerações rurais e/ou casas espaçadas em pequenas glebas de terra. No território indígena, o Agreste é a região mais seca onde atualmente são concentradas criações de animais, principalmente o gado. A Serra, mais fértil, com a maioria da produção de agricultura familiar para o consumo e o pouco excedente comercializado na feira de Pesqueira e também no vizinho município de Arcoverde. A Ribeira é uma região muito seca, mas após construção da barragem de Pão de Açúcar tornou-se o principal espaço de uma agricultura para mercado com a utilização de agrotóxicos (Gonçalves *et al*, 2012). Por fim, mas também importantes, são indígenas habitantes nos bairros “Xucurus” e Caixa d’Água, em Pesqueira. Esses bairros foram formados pelos indígenas, a maioria expulsos das terras buscando trabalho nas indústrias na cidade, empurrados do território para a miséria e pressão dos latifundiários. (Silva, 2008, p. 71). Existe um grande fluxo por itinerários entre os limites urbanos de Pesqueira e o território Xukuru do Ororubá, sendo grande o número de indígenas habitando a zona urbana.

Mapa 1: Mapa atualizado do Território Xukuru do Ororubá em Pesqueira e Poção-PE.



Fonte: SILVA, 2023, p. 186.

O Mapa do Território Xukuru do Oroubá foi elaborado a partir da concepção sagrada indígena, onde cada aldeia representada por uma barreira, adorno sagrado (usada na cabeça) com a palha do oricuri. Os indígenas afirmam que é a Natureza sagrada para a “luta” e representação do ser Xukuru do Oroubá. Nesse mapa demonstraram a localização de cada aldeia no território sagrado.

O território Xukuru é permeado por mistérios, forças e sabedorias. Suas matas que, segundo o cacique Xikão, são os cabelos da Terra – são espaços de encantos. Em meio a elas vão sendo galgadas as varedas⁷, que são percursos que nos fazem conhecer o território Xukuru de forma mais intensa, visto de dentro, a cada passo uma nova descoberta, algo novo, inédito aos nossos olhos e emoções. Por isso, aguçamos os sentidos para conhecer com mais intensidade. Ver e falar a partir do coração, como Feitosa (2015) propõe:

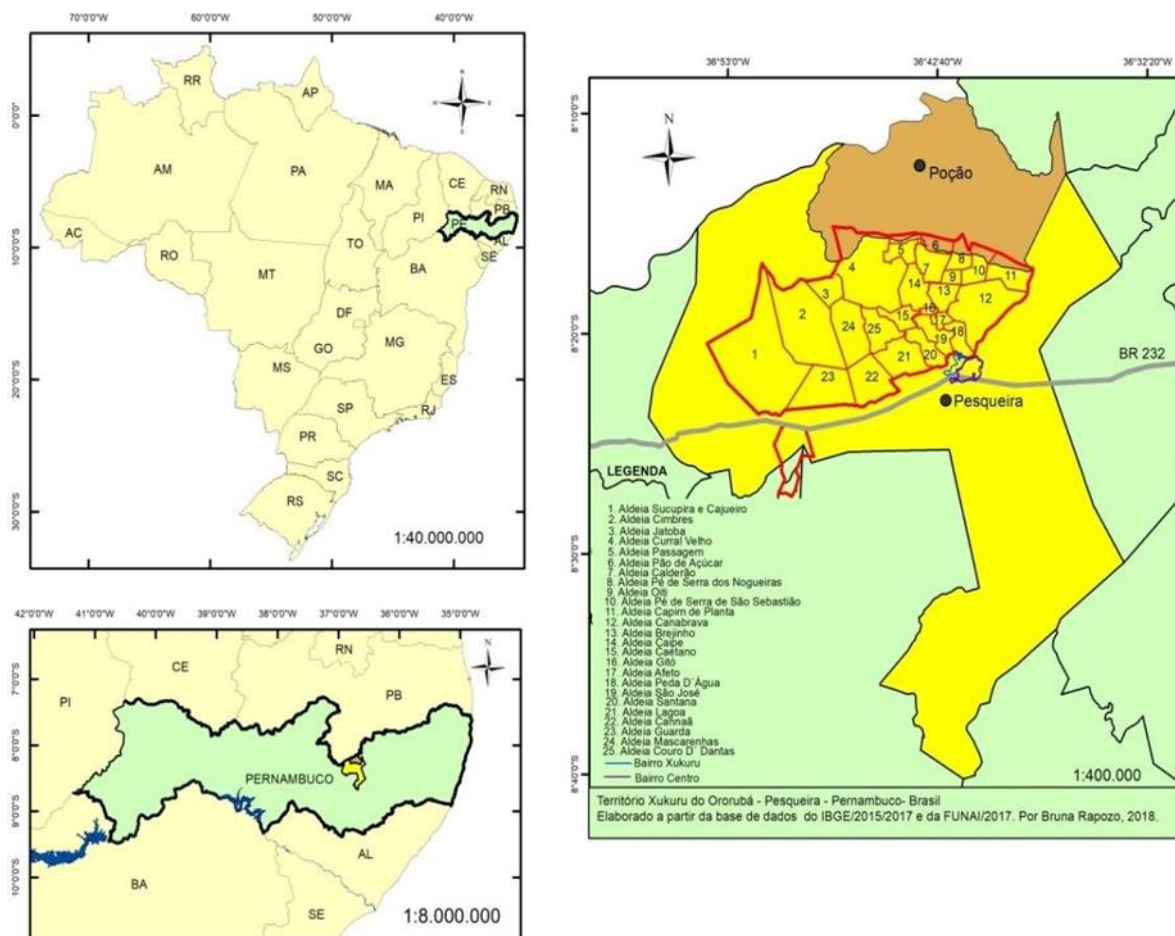
Falar com o coração significa pensar com afeto, envolver-se com o tema refletido de maneira intensa, emotiva e racional. Falar com o coração é ser terno e corajoso, raciocinar com amor e decidir com justiça/equidade. Falar com o coração é dizer pela boca aquilo que se escutou do coração, aquilo que resultou da auscultação cuidadosa, desprovida de preconceitos raciais, étnicos, especistas, epistêmicos, de gênero etc. (Feitosa, 2015, p. 140).

Portanto, somos convidados a sentir e pensar a partir do coração, emoções, sensibilidade. O que Torre (2001, p. 8) define como Sentirpensar⁸, que é “[...] o processo mediante o qual colocamos para trabalhar conjuntamente o pensamento e o sentimento, é a fusão de duas formas de interpretar a realidade, a partir da reflexão e do impacto emocional, até convergir num mesmo ato de conhecimento a ação de sentir e pensar”. O Sentirpensar faz-se necessário para concretização dessa pesquisa no Território Sagrado do povo Xukuru.

⁷ Termo utilizado pelo povo Xukuru para definir caminhos estreitos e que devem ser trilhados a pé. Referem-se a “varedas”.

⁸ A perspectiva epistêmica sentipensante foi originalmente apresentada pelo sociólogo colombiano Orlando Fals Borda, a partir de suas pesquisas com populações ribeirinhas na Colômbia.

Mapa 2: Território Xukuru do Ororubá, em Pesqueira e Poção-PE



Fonte: Elaborado a partir da base de dados do IBGE/2015/2017 e da FUNAI/2017, por Bruna Rapozo, 2018.

Nesses mapas do Brasil e de Pernambuco, apresentamos a localização do território Xukuru do Orourbá, no Agreste/Semiárido pernambucano.

Esse Território nos convida a ouvir e dialogar com as/os envolvidas/os na formação do povo, as/os quais são aqui identificadas/os por nomes fictícios, como forma de preservar suas identidades. Assim, o nome que representa cada colaboradora/or da pesquisa está relacionado

ao Sagrado (Barretina⁹, Maraca¹⁰, Memby¹¹, Jucá¹², Jurema¹³, Juazeiro¹⁴, Terra¹⁵ e Uru¹⁶), pois a partir dessas entrevistas percebemos que o Sagrado perpassa por toda a formação do povo, ressignificando-a.

2.2 A cosmovisão das práticas religiosa Xukuru do Ororubá

Por estarmos estudando especificamente um povo indígena em Pernambuco, adotamos para a pesquisa o conceito de “terreiros sagrados da religião Xukuru”, para problematizar as categorias “índios do candomblé” e “índios sem religião”. As mobilizações dos indígenas pelos direitos às terras, possibilitou um outro olhar acadêmico sobre os “a religião do povo Xukuru”, anteriormente categorizados apenas pelos vínculos às religiões afro e ao modo de viver a religião como índios católicos romanos. Motivando o nosso olhar sobre as práticas religiosas e rituais na constituição dos/as guerreiras/os, a partir dos espaços sagrados, o Toré como religião, no olhar das lideranças religiosas do povo Xukuru do Ororubá.

No Brasil, foram contabilizadas 305 etnias indígenas falando 274 línguas por todo país (IBGE, 2012a). A categoria conceitual “índios do Nordeste” se trata de um conjunto de povos para além de uma simples demarcação geográfica pelo clima adverso, onde vivenciaram uma história colonial de exploração da mão de obra para o projeto de expansão dos domínios portugueses. Segundo Oliveira (2015), os “índios do Nordeste” passaram por processos de territorialização e foram transformados em coletividades organizadas com identidades socioculturais tensionadas constantemente por agentes externos, missões religiosas e órgãos do Estado brasileiro, influenciando na reelaboração e reorganização sociocultural de cada povo indígena, frente aos embates políticos e históricos envolvendo as questões fundiárias.

⁹ Barretina: Elemento da cultura do povo Xukuru que representa o manto e a proteção da Natureza Sagrada, é considerada a coroa do rei do Ororubá e da rainha da Floresta. Ela é considerada o símbolo do povo.

¹⁰ Maraca: Instrumento feito de coité e sementes, utilizado no momento do toré, que em união com o som da voz, da batida do pé e do jupago, dão ritmo aos pontos do toré.

¹¹ Memby: Nome presente nos vocábulos Xukuru que significa gaita (XUKURU, 1997, p. 70). É um instrumento musical tocado pelo mestre gaiteiro no momento do ritual.

¹² Jucá: É uma árvore presente no território Xukuru, sendo considerada uma árvore sagrada, onde o ponto do ritual, cantado no território, chama a atenção para não cortar essa árvore.

¹³ Jurema: É uma árvore sagrada, lugar onde habita a força encantada e que permite a ligação entre o humano e o espiritual. A centralidade do ritual é a jurema, a água da jurema, a qual é partilhada, ela representa a religião indígena.

¹⁴ Juazeiro: Árvore encontrada no território Xukuru que serve de abrigo e proteção para os animais. É considerada para o povo uma árvore Sagrada, pois é a morada dos encantados.

¹⁵ Terra: a Terra é considerada pelos povos indígenas uma mãe, sendo ela responsável pela sobrevivência física e espiritual do ser indígena e do ser Xukuru.

¹⁶ Uru: de acordo com o cacique Xikão, Uru é o nome de um pássaro, que em união com o ubá que representa um pau dá origem ao nome “Xukuru do Ororubá - o respeito do índio com a natureza” (XUKURU, 1997, p.5).

Isso impediu que a cosmovisão da prática religiosa Xukuru do Orourbá fosse compreendida a partir das vivências ancestrais, na relação com os Encantados a partir dos rituais, as rodas de Toré, devido as narrativas normalmente vinculadas as situações sociais mais recentes, marcando duramente a vida do povo indígena, com violências, perseguições e mortes por assassinatos nas mobilizações pela demarcação do território Xukuru do Ororubá.

Assim a cosmologia da prática sagrada para a formação dos/as guerreiros/as está muito vinculada em um universo dos terreiros sagrados, com os/as indígenas mais idosos/as, nas festas rituais refletidas a partir de certos termos e conceitos compartilhados. Principalmente, nas festas e obrigações rituais comum a todos, nos principais eventos anuais no território e lugares sagrados. Porém esses termos e conceitos acabam sendo ativados com diferentes significados no território, e por isso vamos discutir alguns deles, tentando elencar princípios que os regem.

Outro ponto importante é que a prática religiosa como entendida no povo Xukuru do Orourbá, apresenta uma grande quantidade de aspectos associadas a outras matrizes religiosas. O Pajé “Seu Zequinha”, declarando-se enquanto um Babalorixá, além de Pajé. E no que pesquisamos muitos dos aspectos espirituais indígenas estão vinculadas as expressões religiosas como o Catimbó-Jurema com origens na cidade de Alhandra na Paraíba, a partir do culto da jurema (Grünwald, 1999). Sendo o Catimbó uma forma de espiritualidade que remonta desde o contexto colonial entre os indígenas, com influências de religiões de matrizes afro e a partir dos anos 1970 com um forte processo de acumulação sociocultural, incorporando influências da espiritualidade Kardecista e afro-cariocas, no chamado processo de umbandização (Motta, 2005 p. 285, *apud* Grünwald, 2018).

Alguns dos aspectos no Catimbó-Jurema são também recorrentes entre os Xukuru do Ororubá como a presença dos mestres, derivados de técnicas mágicas de origens europeia; as 7 cidades da jurema, moradas dos mestres; e a presença de alguns caboclos e exus com os mesmos nomes, como Zé Pilintra, Arranca Toco, Vira Mundo. (Grünwald, 1999). As incorporações por médiuns para consultas aos Encantados ocorrendo entre os Xukuru do Ororubá também são muito comuns no Catimbó-Jurema.

Para compreendermos as práticas religiosas do povo Xukuru do Ororubá na constituição dos/as guerreiros/as, é necessário compreender a árvore jurema (*mimosa tenuiflora*), enquanto principal portal para a espiritualidade no povo indígena. Os pesquisadores Estevão Palitot e Rodrigo Grünwald (2021) apresentaram um mapa histórico de relatos do uso da bebida da jurema no Nordeste, com registros desde 1739, incluindo informações no aldeamento Xukuru de Cimbres em 1817, onde o uso da jurema representava um explícito confronto entre os

indígenas e o colonialismo. Os relatos são associados como fonte de força para feitiços e contatos com demônios, e associados aos processos de transe espirituais, incorporações de espíritos e rituais de cura. O estudo apontou que o uso da jurema se disseminou a partir da circulação de mestres juremeiros entre territórios.

Os significados para a jurema para os Xukuru do Ororubá são no geral muito amplos, mas principalmente como a principal fonte da força espiritual e portal para vários mundos. A jurema é conhecida cientificamente pelo uso enquanto bebida a partir dos efeitos entomógenos (substâncias utilizadas para alteração de consciência para processos espirituais), resultantes da alta concentração do alcaloide dimetiltriptamina, popularmente chamado de DMT, um dos alcaloides presentes em bebidas como a ayahuasca. Os cultos de jurema pelo Nordeste, normalmente utilizam preparados com a jurema, algumas vezes com vinho, outras vezes com água, com a possibilidade de adição de outras plantas, sendo a bebida essencial para a execução dos rituais devido aos efeitos (Grünewald, 2018).

No terreiro da Boa Vista (Aldeia Couro d'Antas) sob a liderança Iran Xukuru do Ororubá, a jurema é bebida no encerramento do ritual de Toré, em um preparo conhecido como água de jurema, no qual no início do ritual é misturada a casca da jurema em água. Não havendo um método de apurar a bebida, sendo assim não existe uma concentração dos alcaloides, com os efeitos bioquímicos provenientes da substância quase que nulos. Algumas pessoas fazem preparados mais elaborados da jurema no território, porém para rituais mais reservados, não sendo mais comum o uso nos rituais de Toré.

A jurema é vista como árvore sagrada enquanto física ou espiritual, assim a presença abundante nos ambientes apresenta significados importantes influenciando nas ações e relações com os espaços e servindo de ponto para vários cânticos do Toré no ritual sagrado para que os “caboclos encantados” se manifestem.

A autodeclaração de religião no povo Xukuru do Ororubá é muito ampla, destacando-se o catolicismo romano entre a maioria, porém sempre em conjunto com outras denominações locais, como religião “indígena”, “ritual sagrado” ou “religião das matas” (Melo, 2020).

Em sua Tese de Doutorado, Constantino Melo, fez um levantamento da espiritualidade Xukuru do Ororubá, valorizando o “Ritual Sagrado” como a autoidentificação mais destacada após o catolicismo romano. Apesar do “Ritual Sagrado” ser uma prática e não uma religião em si, Constantino Melo destacou a importância de considerá-la enquanto religião, uma vez que a própria sociedade tende a considerar uma matriz de religiões limitada. Sendo comum quando se pergunta aos Xukuru do Ororubá sobre sua religião, que tenham dificuldades de responder,

pois em seu imaginário a religião é o catolicismo romano, compreendendo a prática religiosa indígena enquanto práticas espirituais combinadas com uma das religiões reconhecidas.

Compreender as tradições das práticas religiosas indígenas enquanto religião é um debate no próprio povo Xukuru do Ororubá, porém ainda inconclusivo por parte dos de muitos indígena devido as influencias católica romanas no território indígena.

Constantino Melo apresentou a espiritualidade Xukuru do Ororubá construída a partir das relações históricas com a Igreja Católica Romana e com outros povos indígenas, principalmente durante os processos de retomadas das terras, fortalecendo aos rituais de Toré. O autor considerou a espiritualidade indígena como resultado histórico de vários processos de hibridação entre o Catolicismo Romano, o Catimbó-Jurema, a Umbanda, o Espiritismo e o Candomblé. Porém, em relação ao processo de hibridação tenho a discordar, sobre o Toré e por ter vivenciado as práticas rituais com o povo Xukuru do Ororubá, uma vez que pressupõe uma dualidade entre expressões socioculturais ou espiritualidades híbridas ou puras, deixando a entender por exemplo, que o Catimbó-Jurema seria o puro e original, e a espiritualidade indígena a hibridação, quando os indígenas demonstram nos relatos as formas da prática religiosa, buscando transcender com o sagrado que lhes garantiu o direito de retomar o território, inspirados a partir dos terreiros como lugares sagrados.

O próprio Catimbó-Jurema apresenta uma grande matriz de espiritualidades conjuntas, entre catolicismo romano, Umbanda, Candomblé, Espiritismo e a própria espiritualidade indígena a partir do culto a jurema. No Candomblé, é comum a introdução dos caboclos e da própria jurema nos cultos. O próprio catolicismo romano sendo impossível de definir enquanto puro, pois também resultado de interações históricas. Existem fluxos de informações trocadas e absorvidas a todo o tempo a partir de relações entre grupos, sendo assim tudo hibridismo? Vários dos aspectos conhecidos do Catimbó-Jurema como os caboclos, mestres, rituais de incorporação estão presentes nos relatos históricos por todo o Nordeste, porém cada um apresentando uma bricolagem de conhecimentos, como afirmaram Palitot e Grunewald (2021).

Os terreiros de rituais do povo Xukuru do Ororubá, tem um eixo principal de trabalhos de Toré os quais, são vinculados com aspectos ao Catimbó-Jurema. Porém, ressaltando que esses aspectos são também apresentados em outros trabalhos fora do terreiro, principalmente em trabalhos como cachimbadas, em eventos como mobilizações, assembleias e reuniões com a participação de guerreiros/as e lideranças do povo indígena.

No Terreiro Sagrado, muitas são as aprendizagens. A coletividade é expressa nas atitudes das pessoas. Uma ajudam as outras nas pinturas corporais, nas vestimentas necessárias

à prática do ritual. Aprende-se dessa forma o sentido de viver em comunidade, da ajuda mútua, da solidariedade humana. A força encantada nos orienta para essa vivência coletiva. É no terreiro que todos/as adultos, crianças e jovens observamos os Toipes chamar o mestre Rei do Ororuba, para nos orientar para o ano que nasce. Nessa vivência, é concretizado, e a formação do ser guerreiro/a Xukuru acontece. É a força do coletivo e as relações com o Sagrado que orientam toda a vivência e práticas religiosas, como observamos nas falas dos entrevistados:

Aqui é o lugar de encontro entre os diferentes participantes da educação Xukuru. É o lugar de encontro entre professores, estudantes, lideranças, comunidades, motoristas, amigos e parentes. Esse encontro é marcado por abraços, conversas, silêncios, cochichos, olhares. Aqui as vidas se entrelaçam em uma conexão profunda com o Sagrado, objetivando o fortalecimento da identidade étnica, da cultura, do ser Xukuru. Esse é um lugar onde acontece o encontro entre gerações, e a aprendizagem é vivenciada de forma simultânea onde cada um é capaz de aprender ao mesmo tempo em que é capaz de ensinar. Mas é aqui onde a grande professora chamada de Natureza Sagrada ensina a cada um independente dos papéis sociais que assumem dentro do território. (Entrevistado I).

A vivência no Terreiro Sagrado é um convite para nos fazer compreender a lógica outra da religião sagrada, que acontece na coletividade, na relação com o outro, nas conversas, no ritual. A hora do ritual é um momento de silêncio e concentração, onde os guerreiros/as, juntamente com a comunidade se conectam com a Natureza Sagrada, considerada pelo povo a grande universidade, que possibilita a existência e manifestação de uma ciência outra que contribui com a formação do ser Xukuru, uma formação humana.

Sendo necessário compreender que apesar de aspectos comuns, não é possível pensar a espiritualidade Xukuru do Ororubá enquanto uma mistura de Catimbó-Jurema, assim como não podemos assumi-la como um hibridismo com o catolicismo romano. Goldman (2017) cotou a partir de experiências com o grupo afro-indígena em Caravelas na Bahia, como o conceito de mistura ou mestiçagem é um atraso no pensamento, enquanto deveríamos estar falando de relações afro-indígenas.

2.3 Os/as guerreiros/as Xukuru do Ororubá e sua formação

A concepção de guerreiro/a para o povo Xukuru diz respeito a alguém que defende a sua identidade étnica e vivencia a tradições religiosas do povo, que busca conhecer seus direitos, respeitar e valorizar a/o outro/a, em especial os ancestrais e toypes do povo, como foi transcrita na carta da segunda assembleia do povo Xukuru, realizada em 2002, na aldeia São José:

A nossa escola é formadora de Guerreiros e Guerreiras conscientes dos seus direitos, críticos que praticam seus costumes, usos e tradições, que compreendam e se envolvam na luta pela terra e busquem um desenvolvimento de igualdade entre todos e todas, respeitando a natureza e seus ensinamentos. Guardem com respeito a memória viva dos seus guerreiros antepassados e tenham orgulho de ser índios e índias Xukuru do Ororubá (Xukuru, 2002, p. 01).

Assim entendemos que a formação desses guerreiros/as se dá em todos os espaços e tempos, e os toipes¹⁷ são os responsáveis pelo contar e recontar de suas histórias que começam com a relação e o respeito pelo sagrado, à força Sagrada da Mãe Terra. Cada pessoa percebe-se enquanto parte da Natureza Sagrada, diferenciando da concepção antropocêntrica moderna, que diz que a natureza está sob seu domínio e serviço. Com isso, a relação com a Natureza Sagrada, é formadora do/a guerreiro/a Xukuru. E como afirma o pajé Marcio:

No território Xukuru se educa para cuidar da terra para nela viver e por ela lutar. A gente aprende que a terra é a nossa mãe, e mãe a gente respeita, cuida e atende aos seus conselhos. A terra ensina, a gente aprende. Quando um guerreiro ou uma guerreira Xukuru morre, nós os plantamos na terra para que, desta forma, surjam novas guerreiras e novos guerreiros. Da terra nasce a luta, nossa identidade. Da terra a gente aprende a tirar nosso sustento, nossa arte, nossa cultura. Na luta pela terra a nossa identidade é fortalecida. Os Toipes nos ensinam a respeitar o outro, os espaços sagrados, nossos cantos, o nosso ritual, as nossas festas e os Encantos de Luz. Ensinam também a entender os mistérios da Natureza. Eles possuem a ciência e a sabedoria dos antepassados. O conhecimento que a gente precisa para continuar sendo Xukuru. A educação que eles passam pra gente é que fortalece nossa tradição. Por isso, eles/as são muito importantes para nós e os/as tratamos com muito respeito e carinho. Os Toipes mantêm a nossa história, cultura, religião e tradição vivas, repassando de geração em geração. Por isso a educação Xukuru vem dos/as mais velhos/as. (Entrevistado B).

¹⁷ Toipe é uma palavra dos vocábulos Xukuru, que significa: velhos (XUKURU, 1997, p. 76). Para o povo Xukuru os toipes, que são as pessoas mais velhas, são considerados os detentores dos saberes do povo e por isso todos devem respeitar e valorizar, pois são eles quem contribuíram e continuam contribuindo para o processo de luta e (re)existência.

Além dos conflitos e das relações de poder, existem outros espaços onde ocorre a aprendizagem, produção de conhecimentos, descobertas de novas coisas, formação de indivíduos. Temas como união, território, autossustentação são sempre referidos nos relatos dos indígenas. Como também modos próprios de aprendizagem, de ensino, de avaliar a luta e a caminhada do povo indígena. O Projeto Político Pedagógico das Escolas Xukuru foi construído em diálogo com os demais povos indígenas de Pernambuco. Esses povos determinaram que ele fosse de caráter político, “[...] para reafirmar o papel que a escola exerce na sociedade” (Xukuru, 2005b, p. 7); que fosse um projeto por povo e não por escola, por entender que a escola tem um compromisso social com o povo. Por isso “[...] a escola do nosso povo tem como finalidade contribuir para a realização dos projetos de vida Xukuru [...]” (Xukuru, 2005b, p. 7).

Isso ocorrendo também na busca do sagrado em uma educação escutando as chamadas forças encantadas. No projeto de ensinagens está também a escola como espaço de formação de guerreiros/as, com o reconhecimento dos embates e desafios na situação em que vivem no seu território. Entretanto, um tema que não é citado nominalmente, mas representado nas ações dos indígenas é a guerra. Como afirma Silvinha:

O território Xukuru acolhe a/o aprendiz de guerreira/o, que, ao chegar ao território é recepcionado pela Natureza Sagrada, sendo lançado em um contexto de aprendizagem constante que envolve sentimentos, emoções, afetos, possibilidades e limitações. Assim, ela/e na relação ancestral que traz consigo é acolhida/o nessa comunidade e conduzida/o no caminho da aprendizagem plena, que respeita todas as suas dimensões desde a razão até a emoção, pois cada uma delas vai concretizando a formação do ser Xukuru. (Entrevistada D).

Os Xukuru do Ororubá se autodenominam “guerreiros”; o próprio “Xikão” sendo chamado “o guerreiro da paz”. A guerra é metaforicamente representada pelos Xukuru do Ororubá, em vários momentos e situações no dia 20 de maio, quando é rememorado o assassinato de “Xicão”.

Os Xukuru do Ororubá estabeleceram no projeto pedagógico, que o papel da escola é formar guerreiros. Servindo para fortalecer a “luta”, a escola será também um espaço de formar pessoas com perfil de guerreiro/a e para que isso ocorra é importante que o/a professor/a seja também um/a guerreiro/a (Cavalcante, 2004, p. 63). Todas essas referências indicando que os indígenas não estão apenas em conflito, mas estão em guerra.

No entanto, a guerra na qual os Xukuru do Ororubá lutam, não foi estabelecida contra outro povo ou outra nação. A guerra é uma metáfora da vida, que sempre foi de disputa pelo

território e de “luta” para afirmar a identidade étnica. É uma guerra contra os latifundiários, contra o poder público local, contra a Igreja local etc.

2.4 Os Encantados e as mobilizações indígenas

Em maio de 1989, “Xicão” foi escolhido Cacique do povo Xukuru do Ororubá. A eleição marcada pela força da religião indígena e presença dos Encantados, foi decisiva para o processo de retomadas do território indígena, marcando o início das mobilizações pelo território Xukuru do Ororubá nas chamadas práticas religiosas, para curas físicas e espirituais, realizadas através de rituais coletivos e particulares: benzeções, oferendas e consulta aos Encantados, os “irmão de luz”. Como relatam os próprios indígenas, foi também a cura do próprio “Xikão”.

A eleição de “Xicão” ao cacicado marcou um período de mobilizações e retomadas do território pelos indígenas, apoiados pelo CIMI. Os Xukuru do Ororubá motivados principalmente pelas condições precárias de vida e os direitos reconhecidos aos povos indígenas na nova Constituição Federal de 1988. Algumas lideranças indígenas apontaram outros aspectos também como propulsores dessas mobilizações para conquista do território sagrado: a escassez e precariedade das terras para plantio; a devastação das matas pelos fazendeiros para criação de gado (na cosmologia Xukuru do Ororubá as matas são espaços sagrados, morada dos Encantados); e a retomada do espaço-ritual também da prática religiosa, a Pedra do Rei, local para o qual o Pajé e o Cacique “Xicão” se dirigiam quando precisavam consultar a “natureza sagrada”, os Encantados e a ciência da mata

Em 1990, o povo Xukuru do Ororubá iniciou as primeiras mobilizações para retomar o território invadido por fazendeiros e principalmente os espaços sagrados de reza, após sucessivas reivindicações junto à FUNAI. As mobilizações pelos direitos a terra reconhecidos na Constituição Federal Brasileira de 1988 e justificadas pelas condições de desapropriação vivenciadas pelos indígenas, estabeleciam a busca coletivo do povo Xukuru do Ororubá.

Para os indígenas, essas mobilizações eram ao mesmo tempo denúncia das condições precárias, violências constantes ao modo de vida incluindo a proibição dos fazendeiros as práticas religiosas, como o Toré. Os indígenas eram presos de forma arbitrária, a pedido de fazendeiro por dançarem seu ritual sagrado Toré, significando a afirmação da identidade coletiva e os direitos as terras invadidas.

Os Xukuru do Ororubá atribuíram as perseguições policiais aos fazendeiros, como denunciava Cacique “Xikão” quando prestou queixa à Delegacia Municipal, alegando

que os fazendeiros perseguiram os indígenas reunidos, dançando o ritual sagrado, porque realizavam o Toré com o intuito de invadir as “suas propriedades” (Fialho, 1998, p. 57). Várias são as narrativas sobre barganhas injustas ou usurpação das terras indígenas pelos fazendeiros. Silva (2002 *apud* Silva, 2017, p. 156), apresentou o seguinte relato da indígena Josefa, também abordando como os antepassados foram enganados pelos “brancos”, trocando terras até por bebidas:

Meu pai também contava, meu avô também contava. Naquele tempo todo mundo tinha suas terras. E os brancos fazia o quê? Os brancos pegava dava uma garrafinha de cachaça para os índios, os índios inocente, não é? Dava uma garrafa de cachaça para os índios, os índios ficava bêbado, depois jurava de morte, os bichinhos fugia tudo, eles tomava conta das terras toda. Foi assim que aconteceu. Por isso que está tudo pelo meio do mundo, uns na cidade, outros longe, outros em São Paulo, meus irmãos mesmos estão tudo em São Paulo.

Essa situação vivenciada pelos Xukuru do Ororubá e a maioria dos povos indígenas no Nordeste brasileiro, aldeados entre os séculos XVIII e XIX, é descritos negativamente por sertanistas, missionários, viajantes, cronistas e funcionários do governo, pelas “mudanças das suas características nativas”: a língua, o modo de habitar, as atividades econômicas e as práticas religiosas.

As memórias dos Xukuru do Ororubá sobre a situação na qual viviam antes da demarcação das terras evidenciaram as condições desumanas do trabalho nas fazendas como meeiros (quando o trabalhador é obrigado a conceder 50% de toda produção agrícola ao proprietário das terras onde foi realizado o plantio) ou diaristas (sistema de assalariamento rural, comum valor previamente estabelecido e pago pelo dia de trabalho).

São situações que levavam [...] os indígenas indignados com essas situações procuraram o Cacique “Xikão” relatando o ocorrido. E “Xikão” reuniu 80 indígenas ocupando uma fazenda durante a madrugada. Essa e outras mobilizações ocorriam nas madrugadas e envolviam homens, mulheres e crianças (Souza, 2022, p. 109). As convocações feitas por “Xikão” faziam com que mais territórios fossem ocupados e voltassem para o povo indígena, momentos quando “Xikão” via a necessidade de unir o povo, e, assim, levá-los a lutar pelo território sagrado. Devido as ameaças, muitos tinham medo de morrer, mas mesmo com medo iam para as mobilizações e praticavam os rituais para reconquistar o território.

As mobilizações dos Xukuru do Ororubá foram citadas pelos indígenas apenas como um movimento político, mas também como um ritual, pois sempre relacionadas a prática religiosas, ao Toré, desde o momento do planejamento e decisão sobre qual área iriam

retomar, até a concretização do ato, sempre iniciada durante a noite. Os indígenas participantes das mobilizações, eram sempre convidados para uma festa, dançavam o Toré, e onde era anunciado por “Xikão” que estavam numa retomada e somente saíam do local após a chegada da Polícia Federal e dos funcionários da FUNAI, para o reconhecimento do território tradicional como terra dos ancestrais.

Mais uma vez na cosmologia Xukuru do Ororubá os/as participantes nas retomadas, no Toré,

os Encantados indicavam as áreas a serem reocupadas, as pessoas a serem chamadas (se somente os homens ou também as mulheres e crianças), “iluminavam os caminhos” (por isso também são chamados de “Encantos de luz”) e “davam força para não desanimar”, pois sabiam que enfrentariam muita violência por parte dos fazendeiros e a omissão dos organismos estatais. (Souza, 2022, p. 110).

Ao citarem este aspecto ritual das mobilizações pela terra, as lideranças Xukuru do Ororubá que vivenciaram o processo, sempre fazem questão de também apontarem a presença dos seres da cosmologia indígena: os Encantados. E sempre reafirmaram que em todo o processo das mobilizações faziam a consulta à Natureza, aos Encantados e à “ciência da mata”, os protetores da Natureza, como afirmaram os indígenas participantes no processo:

Nós tínhamos que consultar primeiro eles [os encantados], para que eles pudessem nos orientar, por isso que nós conseguimos ter tanta vitória. Eles [encantados] foram aqueles aonde toda a vida, a gente primeiro tinha que consultar, porque através daquela consulta ali nós já saíamos com as informações do que fazer, qual era a nossa caminhada. E aí a gente fazia a caminhada de acordo com o que se mandava. E, graças a Deus, as barreiras que tinha pela frente, a gente tombava, mas não caía. (Entrevistado J).

A explicação desses indígenas foi que durante os rituais sagrados com a história socializada de geração em geração na formação dos/as guerreiros/as, sobre a presença dos Encantados nas retomadas revelando as formas de participação dos indígenas no processo de mobilizações pela terra. Pois, os Encantados foram fundamentais encaminhando, aconselhando e direcionando as ações do grupo, sempre acessados na (e pela) mata sagrada, “ouvindo a Natureza”, pois como afirmaram os indígenas: “[...] na mata tem ciência”. Constituindo que na mata tem segredos e também tem entidades (Encantados), para recomendar os indígenas, caso sejam consultados, por possuir sabedoria milenar.

Nossos Encantados para quem não entende, muitas vezes a gente fala, e talvez Ninguém queria acreditar é que eles moram dentro das mata e tem várias formas deles, eles sempre estão aonde tá a pedra, eles estão mais sempre aonde tem as matas que estão protegida, eles estão nas águas, por isso que nós temos os encantado que eles estão na mata os encantado que eles estão nas águas e os Encantados que estão nas Pedreira que é uma força e para nós é muito forte e quando não se cuida desses espaço, nós perdemos muito com isso porque nós não vamos ter uma terra, nós não vamos ter uma garantia do nossos Encantado, porque eu destruir a mãe terra, eu fiz algo que não foi agradável, nossos Encantado não fica satisfeito. Então quando a gente trabalha de forma para não degradar a terra, eu acredito que a gente vai no caminho certo. (Entrevistado E).

Sendo muitos os conselhos desses Encantados (seres tanto em forma de plantas, terra, água como podem ser espíritos visíveis fora do corpo, ou sensíveis, sob a forma de vento, por exemplo. E também com a capacidade e habilidade de incorporar em corpos de determinados indígenas).

O Cacique “Xikão” foi parte ativa na história de mobilizações dos Xukuru do Ororubá e vinculando a resistência do povo indígena aos enfrentamentos cotidianos, sempre amparados na força dos “irmãos de luz”, os Encantados. Nesse trajeto, “Xikão” é citado como um grande líder, com potencialidades capazes de enfrentar o inimigo com coragem e sabedoria. Juntando os indígenas, andando nas aldeias, fazendo uma aliança com os povos indígenas em Pernambuco, onde atualmente, “Xikão” é reconhecido como um líder, continua sendo “Xikão” o Encanto de Luz,

Porque Xikão na verdade, ele lutou por uma causa que não era, não era só dele, ele tinha pensar de que os índios pudessem viver bem, melhor, porque os de antes vivia, mas vivia sendo pressionado pelo fazendeiro, sem a Liberdade do seu território, sem a sua própria liberdade, e aí ele achou que tinha que, tinha que tentar buscar isso, trazer essa liberdade, trazer aquilo que era nosso, para nossas mãos porque mesmo não ele acreditando que não ia chegar ao fim de ver tudo isso da forma que nós estamos hoje, mas ele dizia “vocês tem que dar continuidade”, então quando eu tô numa luta que eu digo “vocês tem que dar continuidade”, é porque eu tenho certeza que eu não vou muito à frente, isso era, ele tinha toda certeza disso, porque ele lutar por terra não é fácil que seja em qualquer, em qualquer estado que seja no país quando se trata, tem uma terra indígena ali vamos lutar para que ela seja demarcada, isso já o que é de latifúndio ele liga as lanterna e começa a se articular e dentro dessas articulação é onde vem o desespero deles e muitas vezes é para tirar afastar essa, essa liderança de qualquer jeito, porque ele vai trazer um grande prejuízo para eles, então era o que os latifúndios viam em Xikão, mas e ele foi um guerreiro porque, ele não pensou nele, muitas, muitos fazendeiro ofereceram dinheiro, muitos, mas ele foi uma pessoa que morreu, mas não se vendeu porque ele sabia que o melhor para o povo dele era a terra, lutando pela terra, essa terra estando na mão dos índios, cada um ia ter a sua liberdade do qual tá tendo hoje, então isso aconteceu e a gente do colégio. a gente já tá dizendo isso para os nossos, nossos Curumim já, tão dizendo isso para aqueles

que estão participando do ritual. Estão já numa idade, já meio avançada, mas esses Curumim são o futuro do amanhã, é quem vai dar continuidade. Eu não tenho muito tempo mais pra frente, então é isso (Entrevistado E).

Neste percurso, a história de mobilizações do povo Xukuru do Ororubá é entrelaçada pela imagem deste líder cuja presença supera a materialidade finita, pois o espírito de “Xikão” repousa sobre a terra “[...] e ilumina a caminhada dos indígenas em todo Brasil” (Souza, 2022. p. 111). Como referencial de luta para os povos no Brasil, pela atuação e por tudo que fez pelos indígenas, foi para além das fronteiras Xukuru do Ororubá e viajou pelo Brasil e com outras lideranças foram importantes no processo da Assembleia Nacional Constituinte na luta por direitos. Por isso, como afirmamos indígenas “Xikão” é um “espírito de luz”, fortalecendo a luta dos indígenas no Brasil, e mobilizando os indígenas na busca de direitos, do território tradicional e espaços sagrados como morada dos Encantados.

3 AS PRÁTICAS RELIGIOSAS NA CONSTITUIÇÃO DO/A GUERREIRO/A XUKURU DO ORORUBÁ, EM PESQUEIRA E POÇÃO-PE

Neste capítulo, apresentamos os aprendizados da pesquisa de campo, a partir das entrevistas com as lideranças de terreiros e religiosas Xukuru do Ororubá, a saber: Dona Zenilda - Mãe Sacarema e mãe do Cacique Marcos; Seu Zequinha - o Pajé do povo Xukuru do Ororubá mais idoso; Marcio - Pajé mais jovem que herdou o lugar da mãe Dona Lica, Pajé do povo Xukuru do Ororubá, falecida durante a pandemia do Covid-19; Seu Cecílio, liderança da Aldeia Cana Brava, também liderança de Terreiro; Seu Dezinho Jorge, liderança de terreiro na Aldeia Sucupira; Seu Chico Jorge, liderança de terreiro na Aldeia Vila de Cimbres; Iran, liderança jovem no terreiro da Boa Vista, na Aldeia Couro d'Antas, com um trabalho diferenciado sobre agricultura do encantamento no povo Xukuru do Ororubá; Silvinha, liderança jovem trabalhando na Educação Escolar Indígena; Seu Medalha, otocador do *membí*¹⁸ o mestre gaitero do povo Xukuru do Ororubá, habitando na Aldeia Vila de Cimbres.

3.1 O ritual sagrado no povo Xukuru do Ororubá

Força Tupã, eu quero é força no ar.
Eu quero é força Tupã, é força pra nós trabalhar
Atravessei o rio a nado com a cabaça e a ciência
Eu cheguei agora no pé da jurema.
O meu caboclo índio a quem me dera poder te ajudar
Pede licença ao teu mestre rei
Somente ele pode te ajudar.
(Ponto do toré do povo Xukuru)¹⁹

Para os Xukuru do Ororubá, o ritual sagrado é muito importante, é o caminho encontrado para “a lealdade às origens”, por meio da dança do Toré, pelo Ritual Sagrado, a religião para o povo indígena. A prática cotidiana do ritual sagrado o “Toré” foi duramente combatida até o início da década de 1990, sendo discriminada pelos não indígenas como “catimbó”.

Por conta dessa situação e criminalização, o Ritual no Terreiro Sagrado²⁰, era realizado apenas nas épocas de véspera de São João (23 de junho) e Dia de Nossa Senhora das Montanhas

¹⁸ Mestre gaitero, responsável por iniciar os trabalhos nas reuniões, assembleias, festas e terreiros tocando a “flauta”, na linguagem indígena “gaita”, evocando os Encantados do povo a estarem presente no ritual.

¹⁹ Ponto do toré é uma música cantada durante toré ou o ritual do nosso povo. É considerada uma oração, permitindo a ligação entre o humano e o Sagrado.

²⁰ Compreendemos o Território Sagrado enquanto espaço físico (Natureza) e espiritual para além das terras demarcadas, considerando que o Território Xukuru é delimitado pelos Encantos. Dessa forma, apresenta-se numa dimensão espiritual.

(2 de julho), quando era apreciado como dança tradicional da região, devido as perseguições dos fazendeiros contra os indígenas.

Assim tocamos o solo, sentindo a cada passo novas sensações, marcadas pela força que emana do Território Sagrado, onde coexistem seres de variadas espécies, tais como: os seres humanos, os seres espirituais, as águas e suas entidades, os animais, as plantas. Ao entrar nesse território pedimos a força do nosso Pai Tupã e licença ao nosso Mestre Rei (como evidencia o ponto do toré) para que eles possam nos ajudar a continuar trilhando esse caminho, um caminho de construção de conhecimento, tendo como base o nosso próprio território.

A figura (01) retratando a importância do ritual nas festas religiosas, o Toré dançado defronte à Igreja Católica Romana, durante os festejos de São João e Nossa Senhora das Montanhas, pelo povo Xukuru do Ororubá, na Aldeia Vila de Cimbres:

Figura 01: Toré dançado defronte a Igreja Romana na Aldeia Vila de Cimbres, Festa de São João em 2003



Fonte: NEVES, 2005, p. 169.

Viva nossa Mãe Tamain (viva!)
Viva o Senhor São João (Viva!)
Viva Tupã e a natureza sagrada (Viva!)
Viva nosso Rei do Orubá (viva!)
Viva a Rainha da floresta (viva!)
Viva os encantos sagrados (viva!)
Viva todos os nossos antepassados que já se foram, mas estão aqui com agente, nos dando força, pra nós vencer. (viva!)
Viva ao nossa Mandarú (Xikão), nosso Cacique Marcos e nossas lideranças! (Viva!)
Toré Xukuru do Ororubá

Após cada cântico do Toré, a dança ocorre em forma espiral na calçada do templo católico romano, com calorosas louvações à Mãe Tamain, ao Senhor São João, ao Pai Tupã e ao Cacique “Xikão”, como agradecimento por mais um ano das obrigações sendo concluídas e por terem a graça de mais um ano estarem aos pés daquela protegendo o território e que é a mãe dos indígenas Xukuru do Ororubá. Por fim, dão “vivas” às lideranças e ao Cacique Marcos. Neles os indígenas agradecem tudo aquilo que também receberam, da mãe terra, dos antepassados e ao mesmo tempo agradecem a união em torno das lideranças e do Cacique, como também fazem petições para a Mãe Tamain esteja sempre ao lado deles protegendo contra todos os perigos.

A prática do Ritual Sagrado é valorizada enquanto função social de fortalecimento de valores étnicos, ou seja, justificando uma nova posição social apresentada naquele momento (Bourdieu; 2004: 48). O campo místico Xukuru do Ororubá representado na imagem, possibilita compreender o sentimento de pertença do povo indígena que vinculado as chamadas tradições, expressam a Religião indígena, que mesmo sendo de aparente domínio católico romano, não impede de realizarem as manifestações aos Encantados que regem a cosmologia do povo Xukuru do Ororubá. Ocupando os espaços sagrados, e, ao realizar o ritual o povo indígena demonstrando resistir e as forças colonizadoras não vão lhes proibir de vivenciarem os rituais, as crenças nas forças dos Encantados.

Diante do período de repressão as práticas religiosas Xukuru do Ororubá, o Toré se tornou cada vez menos frequente, por medo, por receio, e pela própria criminalização e visão estereotipadas e folclóricas de devotos e visitantes participantes nas festas em Cimbres. O Ritual Sagrado, a partir de 1989, foi estratégia de valorização étnica e afirmação identitária do povo indígena no território. O ritual sendo utilizado para agregar um maior número de pessoas na mobilização para retomada do território e garantia das terras. A própria palavra “dança” foi progressivamente substituída pelo termo “ritual”, agregando assim o caráter do sagrado à prática, e fomentando a valorização enquanto aspecto de distinção, como também, de formação de guerreiros/as, uma vez o devoto ou participante dançando o Toré, descobria as origens ancestrais e com mais valor à “luta” e divulgando no retorno a moradia a importância da religião praticada no povo Xukuru do Ororubá.

O ritual sagrado passou a ser praticado durante todas as reuniões nas aldeias, sendo um forte momento de mobilização e força política. Nessas reuniões sempre colocando em foco os problemas relacionados à terra e integração das aldeias. A forma simbólica, a maneira como é executado, portanto, continua semelhante, mas as funções no povo indígenas foram se

ampliando, agregando valores interpessoais e do ritual, legitimando a organização política vigente e os valores desta (Cohen, 1978).

A assembleia Xukuru é um convite a desconstruir relações hierárquicas que existe entre os conhecimentos para valorizar os saberes tradicionais do povo. Nela faz-se o convite para dialogar com outros povos, outras culturas e conhecimentos pensando enquanto guerreiro/a xukuru, diz Silvinha,

Esta Assembleia assim como as demais que tenho participado ao longo da minha vida tem me possibilitado aprender. Aprender a partir do encontro, a partir do diálogo, a partir dos diferentes que se fazem iguais porque seguram a mesma bandeira de luta: a luta por sobrevivência, a luta por direitos que a cada dia tentam violar, tentam usurpar. Esse é um lugar de encontro com a força encantada que se faz presente nesse espaço e que é fortalecida a partir do outro que chega. Esse é um lugar que se configura enquanto espaço de aprendizagem, onde os saberes dialogam rompendo com as hierarquias que a colonialidade nos impôs. Por isso, aprendemos a partir de cada fala seja de uma pessoa da comunidade que é analfabeto, mas que possui a sabedoria Xukuru, seja de um mestre ou doutor, porque nessa escola que é a Assembleia Xukuru os saberes dialogam sem que um se configure enquanto superior ou inferior aos demais, mas cada um carrega consigo a sua importância e a sua contribuição à formação da/o guerreira/o. (Entrevistada D).

Conforme observado na figura abaixo, o ritual faz parte da abertura de todas as assembleias indígenas anuais, porque é nele que Xukuru do Ororubá entram em conexão com os Encantados, com as forças ancestrais, por isso, procuram sempre realizar o ritual nas reuniões e assembleias, para garantirem o fortalecimento das organizações.

E para Iran o ritual tem um caráter formativo para os guerreiros/as do povo Xukuru, tanto para a formação política, como para as relações do bem viver nas aldeias e comunidades. Nesses aprendizados de dançar e praticar afirma ele:

É, no toré isso acontece. Acontece com as pessoas e acontece das pessoas com a Natureza, e das pessoas com os Encantados. Então na realidade é uma grande escola. É como se fosse uma grande sala de aula ali. Então vejo como um espaço de formação extremamente importante de aprendizado e formação de guerreiros/as do povo Xukuru do Ororubá. (ENTREVISTADO I).

Um aprendizado, relatado e passado pelos indígenas que conviveram também com Xikão que é passado de geração em geração nos rituais, conforme vemos na figura abaixo, que abre suas reuniões, suas aulas, seus encontros, e tudo aquilo que os guerreiros/as xukurus são chamados a participar dentro e fora de seu território.

Figura 2 - Ritual de Abertura na Assembleia Xukuru do Ororubá, 2019



Fonte: Eric Gomes, 2019 (Revista Continente) p. 10.

Nossas matas têm ciência, eu vou mandar chamar!
O Mestre Rei do Orubá e o cacique de Alencar.
Não é pra todo mundo, eu vou mandar chamar
O Mestre Rei do Orubá e o cacique de Alencar.
Eu vou, eu vou mandar chamar.
O Mestre Rei do Orubá e o cacique de Alencar.
(Ponto do ritual do povo Xukuru)

Foi durante a primeira retomada de terras em Pedra d'Água, em 1990, que se percebeu o fortalecimento do ritual sagrado como prática política integrada ao cotidiano (Figura 02). Ao longo dos anos foi ganhando legitimidade e força nas assembleias do povo indígena, conforme vemos na foto acima. Neste período foi estabelecido o Ritual Sagrado como religião, como prática integrativa e de formação para os/as guerreiros/as Xukuru do Ororubá.

À medida que o povo indígena foi recuperando os espaços sagrados, lugares de espiritualidade, morada dos Encantados, foi percebendo a necessidade de ser praticado todos os dias na área de retomadas, o ritual, como força de mobilização, depois da homologação do território Xukuru do Ororubá. A Pedra d'Água foi transformada no primeiro terreiro do povo indígena, onde se realizam os rituais de aberturas de todos os eventos importantes. Assim, os/as Gueiros/as vão compreendendo que a prática ritual deve ocorrer para que o sentido de pertença esteja em cada guerreiro/a nas “lutas” e apresentação da “cultura” em todos os espaços além do território onde chamados/as. Sendo a proteção dos Encantados em todos os espaços onde os Xukuru do Ororubá forem convidados/as (Figura 3).

Figura 3: Ritual de Abertura na Assembleia Xukuru do Ororubá
Terreiro da Aldeia Pedra d'Água, 2019.



Fonte: Eric Gomes, 2019, p. 10. (Revista Continente)

Posteriormente outros terreiros foram sendo implantados na área indígena e na atualidade são cinco os espaços de realização do ritual, nas aldeias de Pedra d'Água, Vila de Cimbres, Sucupira, Pé de Serra e Couro d'Antas. É importante perceber que os terreiros surgem como espaços sagrados de encontro com os antepassados Xukuru do Ororubá, na lógica de definição da “tradição criada” como “o fenômeno da geração de tradições se refere à criação de uma substância histórica ou cultural que será operada pelo grupo criador em sua etnicidade” (Grünewald, 2001, p. 10).

Para os indígenas, nem tudo foi fácil, nem à prática do ritual, mas, o Ritual Sagrado contribuiu para a legitimação da organização da vida do povo indígena, graças ao Cacique “Xicão”. A imagem da esperança, profetizada por alguns idosos Xukuru do Ororubá, encarnada em uma pessoa, recaiu sobre “Xicão”, ao longo dos anos no seu cacicado. E “Xicão” tinha qualidades que o fizeram se destacar como liderança, como o poder de retórica, inteligência e capacidade de mobilizar significados.

A própria morte de “Xicão” é tratada sobre esse aspecto religioso, no Ritual Sagrado, “um afastamento dos Encantados”. O crime ocorrido em 20 de maio de 1998, na cidade de Pesqueira, alvejando com seis tiros o Cacique, após mais de 50 ameaças de morte. Sendo avisado pelo Pajé para não sair do território. A morte do Cacique, cedeu à certeza de impunidade de assassinatos nas disputas com os fazendeiros pelas terras, mais tarde com mais mortes mais

lideranças indígenas. Nesse período de luto, sendo enterrado o homem e nasceu o símbolo, o herói, apagando imperfeições e ressaltando qualidades de um líder único naquele povo.

Todos os passos que levaram o Cacique a morte, foram revistos por uma ótica mística no Ritual Sagrado. O Pajé Zequinha, elucidou que na época o Cacique estava com o “espírito desprotegido”, por estar descuidando dos rituais sagrados e da proteção dos Encantados. O Pajé assegurou, que “Xikão” era um homem muito religioso, mas deixou de cumprir conselhos importantes dos ancestrais, nos rituais.

O antropólogo francês Eliade (2010, p. 43) enalteceu a necessidade do indivíduo religioso de estar perto de seu mundo sagrado: “[...] o homem religioso desejava viver o mais perto possível do Centro do Mundo”. Porém, “Xikão” morreu pelo povo, sustentando a significação da luta pelo reconhecimento étnico e direitos ao território, as terras dos ancestrais. O Cacique teve interrompida a caminhada, mas com continuidade dela, se tornando, o próprio, um elemento simbólico das mobilizações do povo indígena e se tornando “Mandarú²¹”.

E, mais tarde com os Encantados, escolheu como sucessor, o próprio filho, que teria sido confirmado pelos Encantados. Para continuidade ao processo de luta do trabalho do Pai. Essa ritualidade e transição de cacicado, evidenciando a cosmologia e transcendência da força ritual da Religião Xukuru do Ororubá nos terreiros sagrados. Por isso, os indígenas sempre entoam no ritual o toante a Mandaru:

Você de lá e eu de cá
Você de lá, Mandaru pra trabalhar!
Você de lá e eu de cá,
Você de lá, Mandaru pra trabalhar.
Mandaru hei, hei. Mandaru hei, á.
Mandaru hei, hei.
Mandaru de Angola, angola.
Mandaru rei da Angola.

Toré Xukuru do Ororubá

Mandarú, portanto, é um espírito de luz encantado para o povo Xukuru do Ororubá presente em todos os espaços. E nas reuniões, com as forças ancestrais direcionam os caminhos do povo para que tudo concorra para o bem-estar no território indígena.

²¹O Cacique Francisco de Assis Araújo, antes de ser assassinado, decidiu que começaria a escrever o nome e assinar, utilizando a grafia “X” e “K” e não mais o “CH” e o “C”, porque daria sonoridade e acentuava a tônica das sílabas, provocando uma destinação entre a grafia tradicional “Chicão”, comum a muitos “Franciscos/Chicão” que existiam, e o relacionava mais diretamente ao nome de seu povo “Xukuru”, como um ato de descolonização. Tornando-se mais tarde: Mandarú, Folha Seca – Xikão Xukuru Guerreiro da Paz.

Figura 4: Cacique Marcos, defronte ao Peji com ramos de jurema Terreiro na Aldeia Pedra d'Água.



Fonte: NEVES, 2005, p 139.

Na imagem (4) temos o Cacique Marcos, no *Peji* do Ritual Sagrado no Terreiro da Pedra d'Água, onde recebeu o nome indígena de “Tatuí” pelos Encantados no ritual. Preparando-se para com Pajé Seu Zequinha, abrir o ritual sagrado acolhendo os indígenas que com vestes “tradicionais”, maracás, o jupago de pau de candieiro (árvore nativa no território), que fazem um instrumento para marcar os passos durante o Toré. Iniciando o ritual e chamando a presença dos Encantados, os espíritos de luz para iluminar a celebração de abertura do evento.

Portanto, em nossa busca de aprofundar a ritualidade sagrada indígena, concordamos com o professor Lusival, quando afirmou: “Nessa esfera, há uma nova construção quando diz respeito à religião indígena, aí consistiu a grande muralha, em que tivemos que desconstruir as histórias de nossas próprias vidas, como ‘num verdadeiro parto intelectual/religioso’”. (Barcellos, 2005, p. 18). Pois, as expressões religiosas, mesmo nas relações com o Catolicismo Romano, o Catimbó-Jurema, a Umbanda, o Espiritismo e o Candomblé, através das reelaborações os Xukuru do Ororubá afirmam o Ritual Sagrado.

3.2 A concepção religiosa Xukuru do Ororubá na visão das lideranças

Este capítulo versou sobre as vivências e visões apresentadas pelas lideranças entrevistadas no povo Xukuru do Ororubá, estabelecendo as relações desencadeadas nos processos de relações de formações dos/as guerreiros/as no território Xukuru do Ororubá.

Durante muitos anos os indígenas resistiram e buscaram nas práticas religiosas do povo a formação e afirmação de guerreiros/as para a conquista do território, tudo esteve centrado, principalmente, nas conquistas e retomada dos lugares sagrados, bem como na manutenção dos mesmo com as práticas rituais. Por isso, os/as entrevistados/as afirmaram para ser guerreiro/a vivenciado por um processo identitário:

É assumindo a sua identidade indígena, não ter medo de assumir a identidade indígena. E preservar seus usos e costumes e tradições não é, principalmente na nossa religião, não é? E se assumir sem medo. De ser indígena, de ser índio. Para nós, é a continuidade da luta com os novos guerreiros. Para isso, nós, mais velhos, estamos preparando eles. É para dar continuidade à nossa luta, porque ela nunca vai parar. É vai ser para é para novas, gerações para as futuras gerações que aí vão chegando. É por isso a importância da preparação desses guerreiros para a luta. Em busca dos nossos direitos. (Entrevistada A).

No relato de Dona Zenilda, cada guerreiro/a formado continuando o processo de luta Xukuru do Ororubá, na proteção do território, na continuidade das tradições religiosas, devido as constantes ameaças contra o povo indígena. A educação é uma experiência social, que se constitui como fundamental na descoberta da mesma e nas relações com os demais (Delors, 2010). Nas palavras do autor,

Ela situa-se, mais do que nunca, no âmago do desenvolvimento da pessoa e das comunidades; sua missão consiste em permitir que todos, sem exceção, façam frutificar seus talentos e suas potencialidades criativas, o que implica, por parte de cada um, a capacidade de assumir sua própria responsabilidade e de realizar seu projeto pessoal (Delors, 2010, p. 10).

O reconhecimento de si mesmo enquanto ser histórico de maneira continua se educando em movimento dialético no mundo que o cerca possibilita a compreensão do outro em na totalidade (Freire, 1987). Compreender o outro na especificidade, como afirmou Delors (2010, p. 10) “[...] além de compreender o mundo em sua busca caótica de certa unidade [...] convém começar pela compreensão de si mesmo em uma espécie de viagem interior, permeada pela aquisição de conhecimentos”.

No relato de Dona Zenilda, observamos como esse processo de formação é reconhecido e valorizado no povo Xukuru do Ororubá, quando afirmou,

Essa formação, ela é feita nas escolas, não é, que já começa a partir das crianças. Nós temos os professores de arte que estão lá na escola, não só repassando a arte. Os saberes da arte para as crianças e para os jovens, mas também a importância do nosso ritual, os cânticos que a gente aprende na mata sagrada, não temos em livros, né? E é importante a gente sempre estar passando isso para nossas crianças, para nossos jovens, né? Para eles ficar inteirado, sabendo como é que nossa religião funciona, nosso Toré, né, tá

entendendo, que a gente não pode deixar? De fazer esses momentos de oração, não só na mata sagrada, mas em todo o lugar onde a gente tiver. Em reuniões, a gente sempre está fazendo nossas orações. É e as crianças nas escolas mesmo, Já puxa, o ritual antes de começar as aulas, ele já faz o ritual sagrado. Eles já estão sabendo a importância que tem essas orações que a natureza nos ensina. (Entrevistada A).

Compreender a prática religiosa Xukuru do Ororubá requer do/a pesquisador/a um esforço enorme, pois temos que ver para além da realidade, numa relação de transcendência para compreender o universo religioso e a visão de formação quando analisamos relatos como o Dona Zenilda, que não somente evidenciou a importância dessa formação, como os diversos âmbitos como ocorre na vida de seu povo.

3.2.1 As descobertas nos relatos das lideranças pesquisadas

Nos relatos das lideranças indígenas entrevistadas, vimos a relação da importância da formação de guerreiros/as nos espaços sagrados, nas assembleias, nas escolas, e como essa formação é importante em todo processo de luta Xukuru do Ororubá no território:

Sempre fui incentivando. A conhecer, a dançar meu ritual a conhecer a minha espiritualidade e sempre mostrando qual a minha espiritualidade, E no que eu devia acreditar, o que nos dava força, que era através do ritual sagrado, através do nosso encanto e do nossos antepassados. Essa participação, ela conta muito na trajetória de luta de qualquer um guerreiro do povo porque os guerreiros são formado desde daí. Começando lá do ritual em toda uma trajetória de luta. Se fortalecendo desde o ritual sagrado. (Entrevistado B).

O Pajé Marcio, recém assumindo a função e no processo de transição devido a idade de Seu Zequinha o Pajé mais antigo do povo, apresentou no relato os frutos dessa formação desde de jovem. E o quanto foi importante na sua vida para a missão assumida. Demonstrando na atualidade aos/as outros/as jovens e exigindo a participação nos rituais porque sabe que é dela que nascem os/as novos/as guerreiros/as para continuidade as tradições religiosas do povo.

Em entrevista com Cecílio, liderança antiga desde os tempos de “Xikão”, o entrevistado afirmou,

É, eu vejo que eu vejo assim a força dos guerreiro novo que me acompanha é porque eu passo para ele né a importância daquele momento que a gente tá ali agradecendo como a gente tem aqui o Mestre gaiteiro novo, receber um dom da natureza. Tem o bacurau que é Tarcísio, tem os indígenas tudo novo que já traz de origem mesmo do bisavô, do avô, do pai, e da mãe né, que ele já tem

aquele dom de receber aquela força é, dos Encanto para eles também dar continuidade no trabalho dentro do território e isso eu vejo com os jovens aqui porque aqui hoje na aldeia Canabrava a gente sempre tem um modo de dizer que ela é a mãe das aldeia ela aqui ela é a aldeia que a gente considera a mãe da origem do povo e a gente vê a força porque para receber o Encantado não precisa ter idade é só aquele indígena ele pode estar com 10 anos com 12 anos, com 15 anos, ele já começa a receber a força do Sagrado porque ele já, já tem o dom da natureza e eu vejo esse fortalecimento dentro da juventude aqui dentro (Entrevistado C).

Figura 5: Liderança Cecílio a esquerda e a direita o Puxador de Toré Romero guerreiro indígena Xukuru do Ororubá.



Fonte: Arquivo pessoal Francisco Bispo

A liderança indígena demonstrou como faz a formação no território e a importância de se vivenciar cada um desses momentos com os/as jovens guerreiros/as. Nos longos anos de luta, Cecílio descreveu muitas coisas vistas e passadas ao lado do Cacique “Xikão”, e como as expressões religiosas Xukuru do Ororubá sempre foram fundamentais para a luta. Para o entrevistado, nada é feito fora da espiritualidade, pois é dela que emanam as forças. E afirmou a partir de sua experiência:

É... para ser um guerreiro ou uma guerreira uma guerreira Xukuru do Ororubá, o necessário é a gente se valorizar enquanto indígena e valorizar a natureza sagrada, os encanto que a gente sabe que tudo a gente só consegue através deles lá na mata buscando a força né alimentando eles os invisíveis se alimenta com aquelas orações que a gente faz e agradecimento para ele né. Como dia de reis, 06 de Janeiro né, no dia de nossa senhora das montanhas, no dia do senhor são joão, lá na pedra do Concelho que ali é uma pedra sagrada onde a gente vai buscar a força aonde a gente vê né, a gente pede e vê o

resultado, o ritual, na mata onde a gente anda, eu ando sozinho na mata debaixo de um pé de pau ali eu me concentro e eu tô vendo recebendo a força da natureza sagrada em todo canto aonde indígena respeita e acredita e valoriza (Entrevista C).

E, assim, vemos que na visão das lideranças indígenas Xukuru do Ororubá, a formação começa nos terreiros sagrados, nas matas e nas tradições religiosas. Todo guerreiro/a precisa viver essas vivências, aprofundar a cultura religiosa do povo para assim, crescer enquanto guerreiro/a e continuar nesses aprendizados. E como é importante ver a juventude indígena empenhada nesse conhecimento e buscando cada vez mais os ensinamentos trazidos pelas lideranças mais velhas do povo.

Hoje, é, eu sei, eu sei que o Xikão foi plantado e a gente vê que surgiu os guerreiro novo porque são eles que vai dar continuidade para o futuro da geração que isso não tem fim né, isso é infinito então vai passando de geração e geração então o Chicão deu a sua vida por nós ele tá lá plantado então surgiu as sementes Guerreiro novo para ir dando continuidade né Assim como eu fui lá na juventude atrás e comecei na minhas caminhadas com 12 anos de idade que era até com outro passado o Zé Pereira, primo do Xikão e aí acompanhei o Xikão, e venho acompanhando o filho do Xikão, mas eu vejo como o Cacique Marco hoje é o filho do Xikão, ele com 10 anos de idade e o Xikão dizia: “esse daí vai ser a grande liderança de vocês que ele já tem um grande dom pela natureza” e aí, a gente vê isso dentro do nosso povo porque é as sementinhas novas que vai dando continuidade para as geração futura né. Vê né, era eu, aí os meus filhos, já tem o meu neto, aí meus bisnetos, depois os meus tataraneto, e assim por diante (Entrevistado C).

“Xikão” é muito presente nos relatos das lideranças, como o principal responsável, pelas novas sementes, os novos guerreiros do povo, todos se sentem sementes de “Xikão” e convocados por ele para a luta, e foi por meio dele que conquistaram tudo que hoje está nas mãos do povo Xukuru do Ororubá. Outros entrevistados afirmaram,

Esse, é aonde a gente diz que os que esses novos guerreiros precisa, é, ir para a luta com aquela força, com aquela vontade, com da forma que ele pensava, porque para nós, ele foi, ele foi um grande professor. Ele iniciou, ele sabia muito bem que ia iniciar uma luta. A luta pela Terra, mas que ele não ia conseguir a ver o final dela. Mas aí ele começou e sempre disse isso para nós, vocês... Eu vou começar, mas eu tenho certeza que eu não vou terminar e quem vai terminar são vocês. Vocês são os futuros do amanhã, vocês tem que estar dizendo isso, mostrando para os nossos guerreiros, que é o nossos curumim, porque eles são o futuro do amanhã. (Entrevistado E).

Todo processo de luta iniciado por “Xicão” afirmou Seu Chico Jorge, liderança indígena na Aldeia Vila de Cimbres, terá a continuidade nos novos/as guerreiros/as. Assim, complementou Zé de Santa, o que representa “Xikão” para o povo Xukuru do Ororubá:

Padre Francisco, é muito grande porque no momento que eu ouvia esse Xikão e aí participar muito com ele antes dele morrer na caminhada deles nas articulações dele o movimento dele nas aldeias com os mais velhos, com as crianças, com as mulheres, com os meninos e ele dizia sempre de que ele seria o adubo da natureza quando ele se fosse e quando ele fosse não importava onde ou quando ele ia ser plantado na mata para que o corpo dele a carne dele fosse ser adubo para as árvores e o sangue dele, servisse de água para irrigar para nascer frutos e que os frutos seriam os guerreiros como é que a mulher vai comer vai ter um filho que vai ser um novo Guerreiro, e que vai defender a natureza, vai ser o Guerreiro para defender o direito do seu povo, e aí isso para mim, tem uma importância muito grande e eu vejo essa transformação também hoje no povo Xukuru e em outros povos, pós Xikão ser plantado, hoje à frente do movimento do povo Xukuru, 99% é a juventude que tá à frente, levando a finco né. O Guerreiro Xukuru com paz, com tranquilidade, com respeito, com dignidade para que seu povo todos tenham barriga cheia (Entrevistado J).

Tudo isso revelando importância do Cacique “Xikão” para a luta, e que nasceram uma geração de guerreiros/as continuando a todo o processo de luta Xukuru do Ororubá. Cada novo/a guerreiro/a experimentando dessa força e multiplica, mostrando o quanto “Xicão “ esta presente na luta.

3.2.2 Religião e espiritualidades Xukuru do Ororubá na visão das lideranças

A religião e espiritualidade Xukuru do Ororubá são de uma riqueza enorme e para entendermos é preciso ver a riqueza de detalhes com que as lideranças relatam sobre esse processo de aprendizado ritual na conquista do território. E como começou esse processo de descolonização para a própria religião Xukuru do Ororubá, como vemos nesse rico relato do vice cacique Zé de Santa:

Zé de Santa: 1983, quando eu voltei para São Paulo, tinha um tio meu que já era liderança, 14 anos passei em São Paulo, então eu perdi esse vínculo, sempre vinha todo ano, mas não... 1983, quando eu volto, um dos meus tios era liderança, junto de Xikão. E aí, um determinado dele disse, “meu filho, vamos a um ritual?” De quê, tio? “Ritual do nosso povo”. Eu nunca tinha visto, pelo menos no Nordeste, Pernambuco, via em televisão, via em filme, mais americanizado, coisa toda. E aí foi, eu chego lá. Me abismei vendo aquelas pessoas cantar aqueles cânticos que eram cânticos bonitos de louvar a Deus, não eram cânticos lidos num papel, eram cânticos que as pessoas tinham na cabeça de eu Em determinado momento, não perguntei para meu tio, mas perguntei para o Xikão quem ensinou a eles? É de autoria própria dado pela natureza, através dos encantados. E aí eu fui vendo isso.

Como indígena retornando ao convívio do povo foi sendo formado e fazendo as descobertas, que ao longo dos anos mesmo pertencendo ao povo não conhecia como o próprio descreveu. E a descoberta ocorrendo justamente no lugar sagrado para o povo, o terreiro de Toré, numa roda de Toré, a religião do povo Xukuru do Ororubá. Ainda na descrição relatou a incredulidade de questionar até o próprio Pajé:

Tem até uma historinha minha com o Zequinha, o pajé, que eu amo muito, está com 92 anos de idade. Logo nos começo eu dizia para ele, quem é esses encantados? Eu nunca vi. Ele dizia, “rapaz, tu deixa disso que um dia tu vai ver”. Um dia tu pergunta para ele, tu vai ver. Eu digo, você nunca viu aqueles? Ele disse, tá bom, passou. E aí ele sempre dizia, tu é crente? Eu disse, sou não. Tu é crente? Eu disse, não acredito, eu não sou não. Em determinado dia, num ritual, estou num ritual, muita gente está no ritual, ele ia lá fazendo a pajelança, e eu sempre me posicionava para ficar olhando em redor do povo, Xikão, botava eu para ficar ali em redor olhando e tal, e em um determinado momento, eu estava numa retomada, estava caminhando lá e tinha uns vigia no pessoal, e eu parei num canto assim, lá vem um camarada, num cavalo branco, passa por um monte de gente, e ninguém via, ninguém viu esse caba montado num cavalo. Passou e chegou bem assim no meio do povo, pertinho, estava um carinha sentado, chegou lá, desceu do cavalo, amarrou o cavalo no pau e saiu. De repente, corri para contar a Zequinha, Zequinha, corre, o que é? Chegou um cavaleiro montado num cavalo branco agora, desceu no meio do povo e o povo não viu, só eu vi. Rapaz, foi, bora lá. Cheguei lá, estava o cavalo amarrado, mas o cavalo não estava lá no meio do ritual, eu acho. Eu digo, ó, o cavalo está ali. Não tem que ter cavalo não, eu digo, está amarrado aí, rapaz. Vamos ver onde está o cavalo. Não viu ninguém, eu não vi o cavalo, mas o cavalo estava lá. Aí voltamos, fomos onde estavam os vigia, os pessoal, passou em cada um, tinha três bloqueios de vigia. Aí ele chegou e perguntou para mim, cadê o caba que passou aqui de cavalo? Eu disse, ó, aqui não passou ninguém, não, passou, que Zé de Santa viu. Não, mas não passou. E eu, passou, e está amarrado lá no mourão. Aí ele pegou a minha mão e falou, vamos lá para o ritual, bora. Vamos para lá. Chegou lá um encantado, chegou e disse, rapaz, você duvidou que não existia encantado, foi? Não, duvidei não, mas eu nunca tinha visto. Então acredita hoje, eu digo, sei, estou vendo o cavalo lá, vi o cavalo, mas não vi a cara dele. Pia, tamanho da minha ignorância. A partir desse dia, Francisco, eu fui acreditar que existe um outro ser, que é nós mesmos, quando se passa desse mundo para o outro. Então a partir desse tempo para cá, eu acredito nisso. (Entrevistado J).

Um relato de uma experiência única no universo cosmológico Xukuru do Ororubá narrado por uma liderança, com uma riqueza de detalhes que não podia omitir nessa transcrição. Observamos o encontro da criatura com o sagrado, com o transcendente, com o que está além do físico e por isso, denominamos fenômeno. Vivenciando na religião de seu povo o encontro com o que há de mais sagrado. E, assim, continuou o relato:

Num ritual, que aí tem, ritual tem uma diferença, tem um ritual sagrado, e tem um toré daí, apresentação. Ritual sagrado é aquele ritual que você faz num lugar mais separado, para que nem todo mundo estava percebendo, porque

nem todo mundo vai respeitar aquele momento. Um toré pode todo mundo participar. Um ritual sagrado, não. Tem as pessoas que têm que entrar lá, mas ir para respeitar, para saber de fato, que aquilo ali é um segredo. E é de Deus, não é? As palavras de Deus, em forma falada, diferente da igreja católica, mas parecida, quase a mesma coisa. Porque fala em Deus, fala nos santos, fala nos encantados, que os encantados são os pássaros, as árvores, os animais, as pedras, os rios. Pois é coisa que Deus criou. Os encantados, para mim, então a partir daquele momento, eu começo a participar do ritual, e eu não ritual do meu povo, só perco quando eu não posso mesmo participar. Mas estando em qualquer movimento, eu estou dentro. E nos outros povos também participo de vários, não é? Não tenho entendimento que nem no meu povo, porque é diferente, mas no meu povo é a minha religiosidade que eu levo mais na frente. Tem a religião católica, que também respeito muito, respeito demais, porque as pessoas que fazem a religião católica também respeita nós como somos, os nossos rituais. E para mim é isso, Deus falado simplesmente, sem fantasias, sem promessas falsas. Então eu acredito muito nos ritual sagrado, na religião dos povos indígenas que é uma religião diferente das igrejas católicas, não tem no livro, não tem na bíblia, não tem gravação nenhuma, mas dado pela natureza, então quem canta, ele vem, quem ensinou para ele? Como ele aprendeu determinado os cânticos tão bonito? e transformado né porque também deixa a transformação não tem um som também que não é som de fantasia né que é a maraca, é simplesmente da natureza (Entrevistado J).

O indígena Zé de Santa demonstrou não só conhecer a religião sagrada de seu povo depois da transição, como foi capaz de forma inter-religiosa respeitar outras religiões nas vivências do seu povo. De uma maneira respeitosa e acolhedora, como raramente ocorre por parte de outras religiões para com a religião de seu povo. O entrevistado conseguiu dialogar com lideranças religiosas de outras religiões sobre o seu sagrado sem atingir ninguém, superando as barreiras colonizadoras e de muitos preconceitos ainda presente em muitas expressões religiosas.

Para isso, cantou o seguinte toré:

Deus no Céu,

Os índios na terra (bis)

E, vamos ver quem pode mais.

É Deus no Céu (bis).

Figura 6: Vice Cacique Zé de Santa, na casa dele, no território Kambiwá.



Fonte: Arquivo Pessoal Francisco Bispo

Por isso, nada mais justo, mostrar a figura desse homem simples, sentado em casa no território Kambiwá em uma área que reflorestou, de onde, depois de se recuperar de uma cirurgia delicada do coração concedeu essa entrevista com uma riqueza de detalhes sobre a vida do povo Xukuru do Ororubá.

É, forma viva que a gente convive com isso, que é a forma de mostrar que existe religião que respeita a natureza, o ser humano, a cidadania e mostra também uma forma de resistência né, porque não é à toa 500 anos né, 450 anos, ou 480 anos, por aí que os povos vieram se rebelar, dizer que estavam, ficaram mais de 400 anos calados, parados, sem poder dizer, mas depois eles se rebelaram e tiveram força para dizer “nós estamos aqui, nós somos da natureza, nós somos índios, nós tem a cultura, nós tem a religiosidade diferente” (Entrevistado J).

No dia 6 de janeiro é realizada no território Xukuru a festa do dia de Rei, o dia do Rei do Ororubá. Essa festa é vivenciada no Terreiro Sagrado da aldeia Pedra D’Água e conta com a participação de todas as comunidades do povo, que se reúnem para louvar e festejar o Mestre Rei do Ororubá (Xukuru, 1997). Esse dia marca o encontro de abertura do ano, onde o povo se reúne para pedir força e proteção para o ano que se inicia, é também um momento de fortalecimento espiritual, e, por que não dizer que é o dia de abertura do ano letivo, pois como evidencia o diário intensivo, esse é um momento de reencontro entre professoras/es, estudantes

e demais agentes da educação, por isso, o encontro da educação escolar com a educação Xukuru.

É dia 06 de janeiro, chego ao terreiro do ritual e observo uma movimentação: pessoas conversando, outras no peji fazendo suas orações, outras em um momento de profundo silêncio enquanto olham para a Mãe Terra ou para as árvores presente nesse Espaço Sagrado, que ao observar parece-me que estão em um diálogo profundo com a Natureza ou consigo mesmas. Enquanto silêncio, escuto algumas conversas, ao meu lado, professores já falam sobre o retorno das aulas, falam sobre a organização do espaço da sala de aula, bem como das suas metas e desafios. Caminho um pouco e observo que professores perguntam como foram as férias e como os estudantes estão, as perguntas também são feitas pelos estudantes (Entrevistado F).

Nesse dia, a vida do povo Xukuru gira em torno da festa, não há nada mais importante. As comunidades e, conseqüentemente, as escolas se fazem presentes para se fortalecerem, ao mesmo tempo em que fortalecem a religião Xukuru (XUKURU, 2005b). Por isso, podemos afirmar que dia do Rei do Ororubá marca o retorno de todas as atividades xukurus desde a educação escolar, uma vez que a partir de então começam os planejamentos para o retorno das atividades escolares. É a partir dessa vivência ou da própria vida indígena, que somos convidados/as a refletir sobre como o povo compreende e vivencia, a religião, a educação em seus territórios. Portanto, requer pensarmos suas atuações a partir de uma geopolítica outra que se contraponha aos modelos e visões forjadas por um conhecimento alicerçado no eurocentrismo (Walsh, 2009), que não leva em consideração os conhecimentos produzidos em outros espaços.

Como vemos na fífura (7) abaixo o “membi”, mestre gaiteiro abre o ritual com o toque da flauta, o “bacurau” que lidera a fila da dança do toré, com a participação dos guerreiros/as no ritual. Assim afirma seu Medalha,

O membi é um instrumento dos antepassados que nem todo mundo toca, é preciso ter dom, um instrumento que é um mistério. Só sabe quem o toca. Por isso, na nossa tradição as mulheres não puxam o ritual tocando o membi. Só os guerreiros fazem, mas podem dançar como todos. Por isso, eu puxo com o toco do membi, o bacurau conduz a dança e os guerreiros com seus “jupagos” acertam os passos. (ENTREVISTADO G).

E assim se iniciam os trabalhos no terreiro sagrado, como dizem os próprios indígenas, dando início aos seus rituais sagrados, conforme vemos na figura abaixo, o mestre gaiteiro toca sua flauta, o bacurau puxa a dança e os guerreiros/as seguem os passos, vivendo suas tradições em seus espaços sagrados.

Figura 7: Guerreiro indígena Tarcísio, Bacurau do povo Xukuru do Ororubá.
apresentando o Jupago no ritual da Festa de Reis, Aldeia Pedra d'Água.



Fonte: Arquivo Pessoal Francisco Bispo

Nesta imagem (7) o guerreiro no ritual sagrado, após dança em espiral diante do membi, o mestre gaiteiro apresenta o jupago, instrumento feito da madeira da árvore candeeiro, convidando os/as demais guerreiros/as ao ritual. E aos poucos se formando uma grande roda de Toré com cânticos e danças próprias pela Natureza como relatam as lideranças indígenas.

Esse jovem guerreiro, é professor de Arte. Não tive a oportunidade de entrevistá-lo, mas, é um dos jovens indígenas presente em todas as viagens de mobilização do povo Xukuru do Ororubá. Conhecedor da religião de seu povo.

O Peji da Pedra do Reino, considerado sagrado pelos indígenas Xukurus, localiza-se no alto da Pedra, lá os indígenas afrimam está o reino dos Encantados. Próximo ao meio dia do dia 06 de janeiro dia de reis, o Pajé, convida os guerreiros/as vestidos com as vestes da natureza tradicional: barretina, vestes de palhas e estacós a subirem ao alto da pedra onde está o Peji sagrado, lá são acesas as velas e dançado o ritual sagrado do povo Xukuru.

O pesquisador Melo afirma em sua tese:

No Alto da Pedra do Rei, onde também há um Peji para celebração do Ritual Sagrado, a proteção das árvores é nenhuma, a vegetação é composta por cactos, urtigas e por uma terra pedregosa. O espaço é muito pequeno e a sol aberto, inadequado e insuficiente para comportar os indígenas presentes no ritual do dia 06 de janeiro (Melo, 2019, p.64)

Figura 8: Peji Sagrado do alto da Pedra do Reino



Fonte: Arquivo Pessoal Francisco Bispo

Esse é o Peji sagrado (figura 8) do povo Xukuru no alto da Pedra do Reino, onde anualmente são realizados os rituais no dia 06 de janeiro. Os indígenas sobem ao meio-dia e no alto da Pedra realizam o ritual secreto no qual os Encantados baixando sobre os guerreiros sobre orações e acompanhamento do Pajé, com os recados, informações sobre como os indígenas devem proceder ao longo do ano e como dirigir a gestão territorial. Um momento de muita beleza e encantamento e de grande presença ancestral.

Ao descer do alto da Pedra do Reino do Peji Sagrado, o Cacique faz uma fala a todos os guerreiros/as presentes, bem como convidados, estudiosos e pesquisadores presentes no ritual realizados todos os anos no terreiro da Pedra D'água, Território indígena Xukuru do Ororubá em Pesqueira Pernambuco. Depois de se despedir de todos para que todos retornem as suas aldeias e casas e assim deem seguimentos as suas atividades.

Figura 9: Festa de Mãe Tamain, Nossa Senhora das Montanhas



Fonte: Arquivo pessoal Francisco Bispo

Nossa Senhora das Montanhas

É uma santa de valor

Quem achou ela na mata

Foi o índio caçador (bis)

Arreia, arreia, arreia

Oi arreeeia.

Oi arreia, arreia, arreia

Tamain arreia, arreia (bis)

(Toré Xukuru na busca da lenha de São João saudando Mãe Tamain)

Nesta imagem (9) no altar central da Igreja de Nossa Senhora das Montanhas – Mãe Tamain, na Aldeia Vila de Cimbres, o Cacique Marcos com as lideranças Chico Jorge e Seu Medalha, o mestre gaiteiro, conduzindo o ritual da Busca da Lenha para São João. Onde cada indígena busca um pau na mata de Caatinga próxima, para a grande fogueira defronte da igreja, e onde segue os rituais tradicionais do povo Xukuru do Ororubá. Em homenagem a São João e a Nossa Senhora das Montanhas. Os indígenas romanos participam dos rituais católicos na festa

da padroeira, vestidos as vestes sagradas dadas pela natureza, numa grande relação de respeito entre cultura e religião.

No dia 23 de junho, durante a madrugada, alguns guerreiros do povo Xukuru iniciam a caminhada para a aldeia Cimbres e lá durante todo o dia (manhã, tarde e noite) é realizado o ritual sagrado para pedir proteção e orientação aos encantados. No início da tarde como vemos na figura acima, o memby tocado pelo mestre gaiteiro, conduz o povo em silêncio em direção ao lugar onde a lenha encontra-se cortada. A busca da lenha faz parte das tradições do povo, é uma vivência coletiva que conta com a participação de crianças, jovens, adultos e Toipes. Essa inserção nas tradições do povo é a forma de assegurar que a tradição permaneça viva, sendo repassada de geração e geração. Com isso, os jovens guerreiros/as aprendem através das observações.

Como vemos na figura abaixo, afirma Barcellos,

Para iniciar o Toré, o Cacique deixando-se conduzir pelos espíritos de luzes, anuncia com o maracá que é chegado o momento do ritual. Todos se prostam diante da mãe terra e a veneram pedindo à mãe natureza proteção e permissão para a grande louvação do Toré. Em algumas situações, o Cacique faz um louvor em voz alta, em outros momentos, reza o Pai Nosso, mas, mas em geral, é no silêncio que os índios entram em sintonia com sua divindade e com os encantados (Barcellos, 2012. p. 286).

Por isso, o Cacique Marcos cumprindo as tradições se prosta diante do Peji Sagrado, e faz suas obrigações, dando início ao Toré Xukuru na Aldeia Pedra D'água, convidando os demais indígenas de seu povo a fazer o mesmo reverenciando o mestre rei do Ororubá e seu Pai o Mandarú encantado, para assim dar início aos trabalhos dentro de todo território ao longo de todo ano. Cumprindo os rituais de primeiro escutar seus ancestrais espíritos encantados no primeiro ritual do ano dia 06 de janeiro com a participação de todos os guerreiros/as Xukuru e demais convidados e participantes que se fazem presente nesse evento.

Eh, eh, ah, Ororubá

Tem um reino encantado

Oi pisa, quero ver pisar

Terreiro Sagrado dos índios do Ororubá.

(Toré Xukuru para saudar o Território Sagrado)

Figura 10: Cacique Marcos em oração no Peji do Terreiro da Pedra do D'água.



Fonte: Arquivo Pessoal Francisco Bispo

Obrigado senhor meu rei

Senhor meu rei do Ororubá (bis)

Pela força e a coragem

E meus irmãos para lutar (bis)

(Toré Xukuru para saudar o Rei do Ororubá na Pedra do Reino)

Depois de 12 anos morando no território Xukuru do Ororubá, existe uma relação de amizade grande entre o padre Francisco e o povo indígena, com o reconhecimento das lideranças e do Cacique Marcos (figura 10). Em um encontro da liderança religiosa católica romana com o Cacique que o acolheu e teve a honra de ensinar muitas coisas da cultura religiosa de seu povo ao padre Francisco, que não só agradece, como vive essas tradições religiosas do povo Xukuru do Ororubá também em sua vida.

Figura 11: Peji na Aldeia Pedra d'Água



Fonte: Arquivo Pessoal Francisco Bispo

Esse Peji sagrado (figura 11), na aldeia Pedra d'Água, onde ocorrem todos os rituais religiosos mais importantes do povo Xukuru do Ororubá, nas datas do calendário festivo do povo indígena, bem como os eventos e assembleias anuais no povo. É o primeiro terreiro do povo, localizado ao lado da Pedra do Reino de onde emanam todas as forças encantadas para os Xukurus. Onde o Cacique “Xikão”, na atualidade chamado de Mandarú, iniciou todo processo de luta para a conquista do território que está nas mãos do povo indígena.

Dona Zenilda, viúva do cacique Xikão, ao falar das orações no Peji Sagrado, para eles uma igreja e por isso o Cacique Marcos pede proteção, relata assim:

Eu aprendi isso quando o pessoal começava a contar a trajetória de “Xikão” Xukuru pra fazer uma retomada, pra fazer uma viagem. Pra fazer qualquer movimento: Terreiro, Toré e discurso. Formação política, né? Ouvir das pessoas também, montar estratégias. Então eram várias reuniões. Toré-reunião e reunião-Toré que se confundia, né? O Toré-Reunião e reunião-Toré é a mesma, era a mesma coisa. Então vejo essa importância de formar. Formar pra quê? Formar para exercer a cidadania do ser Xukuru, guerreiro/a Xukuru. Porque num é só cantar, num é só cantar, num é só dançar. Mas, você manifestar sua fé sua crença e a materialização desse plano de vida e do sagrado, então o cacique também tem que se prostrar e agradecer diante dos encantados. (ENTREVISTADA A).

Figura 12: Dona Zenilda, mãe Sacarema, mãe do índios como é conhecida,



Fonte: Arquivo Pessoal Francisco Bispo

Mandai tua força...
Da Terra e do Ar.
Mandai tua força...
Da Terra e do Ar.
Das águas das matas
Do Ororubá.
Das águas das matas
Do Ororubá.

(Ponto do toré entoado por Zenilda Xukuru)

Uma força brota do Território Sagrado e emerge em meio ao som da voz de nossa Mãe Sacarema²², dona Zenilda, que entoa o ponto do toré, pedindo a força da Natureza Sagrada. A voz se espalha nas matas da Serra do Ororubá. Nesse contexto, somos atravessados/as por sentimentos, emoções e pela Força Encantada, que dá sentido à existência do ser Xukuru. Somos convidadas/os por essa força que brota do Território Sagrado a refletir sobre a Pedagogia Xukuru. A Pedagogia Xukuru germina da Ancestralidade e da Força Encantada, ao mesmo tempo em que é fortalecida por elas.

Dona Zenilda, é a mãe do povo Xukuru do Ororubá, que me ensinou muitas coisas de seu povo, dentre as quais aprender a observar. Teve papel fundamental e importante na minha

²² Sacarema, no vocábulo Xukuru significa mulher. Mãe dos indígenas.

vida de padre, principalmente, no dia da minha ordenação, quando depois da imposição de mãos do bispo e oração consagratória, chamou o Pajé e as lideranças indígenas para imporem a mão sobre mim e rezarem a som do toante indígena:

Meus irmãos de luz, vem nos socorrer
É a sua força, que vai nos valer,
Força, força, meus irmãos de luz,
Força, força, com as ordens de Jesus...
(Ponte de toré puxado por Dona Zenilda)

Deixando todos extasiados e espantados com a força emanando naquele momento em um ritual católico romano de ordenação presbiteral de um sacerdote católico. Era o encontro da força do sacerdote de terreiro, na pessoa do Pajé, formando um novo guerreiro Xukuru do Ororubá no padre católico que abraçava a luta de seu povo.

Dona Zenilda sempre afirmava, que a religião Xukuru, representada no Toré, é uma dança sagrada, porque os cantos são dados pelos encantos da natureza e são eles que ensinam para dar fortaleza a luta do povo indígena Xukuru. Portanto, tornam-se as orações que conectam os Xukurus a sua ancestralidade e seus espíritos de luz.

Como é reconhecida liderança política e religiosa de seu povo, ao trazer a dimensão religiosa do Toré para o seu povo, o culto dos Encantados como afirma ela, ela ainda diz:

Por conta da força que nos traz. É renovação da nossa força no momento que a gente tá dançando o ritual. É concentrado na natureza sagrada, concentrada nos nossos antepassados, que são nossos Encantados. E é um momento de ele está junto conosco. É um momento de chamar eles pra se aproximar, no momento da oração. (ENTREVISTADA A).

Portanto, uma mulher que nos ensinou muito durante todos esses anos de convivência com o Sagrado Xukuru, que faz com que afirmemos que Xukuru tem uma religião que forma seus guerreiros/as e lideranças e que ajudou a atravessar longas e duras batalhas de genocídios dentro do seu território. Os guerreiros/as Encantados hoje fortalecem a luta do povo e faz com que cada vez mais sua trajetória seja fortalecida dentro do próprio território fortalecendo a religião do povo Xukuru e sua vivência do sagrado transmitida na formação de seus guerreiros/as de geração em geração.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta pesquisa sobre a prática religiosa do povo Xukuru do Ororubá na formação de guerreiros/as na visão das lideranças, observamos que a Religião Indígena do povo Xukuru do Ororubá tem como base os Rituais Sagrados. Os terreiros de Ritual Sagrado possibilitam aos guerreiros/as indígenas uma intercomunicação com os ancestrais e antepassados que são “Encantados” e “Espíritos de Luz”. Esses rituais fortalecem a identidade étnica no território, principalmente nos lugares sagrados para o povo.

Verificamos a Religião indígena com os ritos, mitos e doutrinas da forma como está organizada nas aldeias facilitam na compreensão do sagrado possibilitando uma experiência religiosa própria do povo Xukuru do Ororubá. E que do ponto de vista formativa, esses terreiros quando se vivencia a prática ritual formam guerreiros/as para defender o território sagrado, através da força inquebrantável dos espíritos dos Encantados. E com isso, envolve todo o povo, indígena incluindo os guerreiros/as e estudantes na Religião Indígena Xukuru do Ororubá.

Em 2022, constatamos a presença expressiva de jovens guerreiros/as nas festas religiosas, bem como nos rituais tradicionais do povo indígena Xukuru do Ororubá, a saber: a Busca da lenha, as festas religiosas de São João e Tamain, na Laje do Krajéu e na Laje do Conselho para ouvir os mais velhos, e as manifestações dos Encantados no fortalecimento da espiritualidade do povo. O que tornou visível também a presença forte e objetiva de expressões catolicismo popular, a partir da mística mariana herdada dos antepassados. Além disso, uma forte devoção aos Orixás Oxum e Yemanjá, como a todos os Encantados, as caboclas e as mestras da encantaria Xukuru do Ororubá.

A concepção de Deus e Tupã no Ritual Sagrado. Registramos uma coexistência simbólica e um diálogo inter-religioso entre os dois sistemas simbólicos (Geertz, 2013): a Religião Indígena e a Religião Católica Romana. De maneira semelhante, observamos uma dialogia e coexistência entre vários santos católicos romanos (São João, São Pedro, São José, São Sebastião) com vários orixás advindos do sistema simbólico da Umbanda (Ogum, Oxóssi, Obaluaê). Observamos também a presença de “Encantados” Caboclos (as) e Mestres (as) da Umbanda. E ainda mais, dos/as guerreiros/as Xukuru do Ororubá que morreram ou dedicaram a vida às mobilizações indígenas e que se encantaram como o “Cacique Encantado Mandaru” (Cacique “Xikão”), o “Encantado Caboclo Tunaré” (Liderança João Jorge), o “Gaiteiro Encantado Ventura” (Gaiteiro Ventura Leite). A encantaria Xukuru do Ororubá é híbrida, dinâmica, rica e inclusiva, pois, em matéria de religião, o “que não se move está morto” (Greschart, 2005, p. 27).

A Religião Indígena Xukuru do Ororubá passou por um amplo processo histórico de resistência e transformações religiosas, possibilitou aos/as guerreiros/as a composição de uma nova configuração religiosa reelaborada e expressa após a conquista do direito de praticar o Ritual Sagrado. Os Xukuru do Ororubá, saíram da invisibilidade e se mobilizam cotidianamente pela afirmação, reconhecimento e respeito da identidade étnica e das práticas religiosas. A filiação mítica aos “Encantados de Luz”, como também a devoção à terra, às matas, à água, aos animais e aos lajedos, é condição fundante do “ser indígena” e que, com o Toré e o culto sagrado da jurema mobiliza, sustenta a organização religiosa, política e social do povo Xukuru do Ororubá.

Por fim, não encerramos a vontade de esgotar as análises e reflexões sobre todos os processos de formação religiosa dos guerreiros/as que perpassam a Religião do Ritual Sagrado. O povo Xukuru do Ororubá traz na constituição da natureza dos/as guerreiros/as uma dialógica e criativa intensa, relação com as festas, pontos, terreiros, “Encantos” emergindo na Serra do Ororubá, despertando as observações de pesquisadores/as para os novos processos de estudo inter-religiosos e interculturais da “Encantaria Xukuru”. Assim, nossa pesquisa apontou para estuda as práticas religiosas foi perseguida e silenciada durante anos nas “tradições” indígenas. O povo Xukuru do Ororubá experimenta a fase da mobilização para afirmação da identidade étnica e pela visibilidade da Religião Indígena, “materializando o sagrado” que “rasga” a terra indígena e forma novos/as guerreiros/as para a luta e defesa do território sagrado na nova geografia religiosa as novas sementes míticas de fortalecimento do Reino do Ororubá sob o regime dos “Encantados de Luz” traduzido na visão das lideranças.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. **Metamorfoses indígenas: identidade e cultura nas aldeias coloniais do Rio de Janeiro**. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2013.
- ALMEIDA, A. W. B.; MARIN, R. E. A. (coord.). **Nova cartografia social dos povos e comunidades tradicionais do Brasil**: Xukuru do Ororubá. Manaus: UEA Edições, 2012.
- BARCELLOS, Lusival Antônio. **Práticas educativo-religiosas dos indígenas Potiguara da Paraíba**. 2005. 310 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande Norte, Natal, 2005.
- BARTH, F. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, P.; STREIFF-FENART, J.; **Teorias da etnicidade**: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011, p. 187-227.
- BAUER, M. W. Análise de ruído e música como dados sociais. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, p. 365-390.
- BERGER, P. **O dossel sagrado**: elementos para uma sociologia da religião. 8. ed. São Paulo: Paulus, 2012.
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em Educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora, 1994.
- CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. 7. ed. São Paulo: EDUSP, 2015.
- CARTAS DAS ASSEMBLEIAS DO POVO XUKURU DO ORORUBÁ. Em <https://drive.google.com/drive/folders/1yAV7S5iY1IWn6KeyYYq8xzu5owBFT2pB>, acesso dia 11 de julho de 2024.
- CAVALCANTE, Heloisa E. **Reunindo as forças do Ororubá**: a escola no projeto de sociedade do povo Xukuru. 2004. 151 f. Dissertação. (Mestrado em Sociologia)- Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2004.
- CENTRO DE CULTURA LUIZ FREIRE (CCLF). **Memórias do povo Xukuru**. Olinda, 1997.
- CRESWELL, Jonh. W. **Investiga qualitativa e projeto de pesquisa: escolhendo entre cinco abordagens**. 3. ed. Porto Alegre: Penso, 2014.
- CRUZ NETO, O. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2003.

CONSELHO INDÍGENA DE SAÚDE XUKURU DO ORORUBÁ – CISXO. **Saberes Xukuru**: a cura pela natureza sagrada. São Carlos, 2012.

CONSELHO INDIGENISTA MISSIONÁRIO. CIMI. **Relatório Violência contra os povos indígenas no Brasil** – dados de 2013. Brasília, DF: CIMI, 2013.

COHEN, Abner. **O homem bidimensional**: a antropologia do poder e o simbolismo em sociedades complexas. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

DESLAURIERS, J; KÉRISIT, M. O delineamento de pesquisa qualitativa. *In*: POUPART, J. (org.). **A pesquisa qualitativa**: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, p. 127-153.

DELORS, Jacques. **Educação**: um tesouro a descobrir. Brasília: UNESCO, 2010.

ELIADE, Mircea. **Imagens e símbolos**. Lisboa: Arcádia, 1979.

ELÍADE, M. **O mito do eterno retorno**. São Paulo: Mercuryo, 1992.

FEITOSA, Saulo Ferreira. O Processo de Territorialização Epistemológica da Bioética de Intervenção: por uma prática bioética libertadora. Brasília, 2015. Orientador: Volnei Garrafa, Tese (doutorado) – Universidade de Brasília/Programa de Pós-Graduação em Bioética, 2015.

FEITOSA, Saulo Ferreira; OLIVEIRA, Maria Roseane Cordeiro de. Educa(ções) indígenas: territórios de identidades e espaços de (re)existências do povo Xukuru do Ororubá. **Revista Textura**, v. 22, n. 51, p. 103-121, jul/set 2020.

FIALHO, V. R. P. S. Associativismo, desenvolvimento e mobilização indígena em Pernambuco. *In*: ATHIAS, R. (org.). **Povos indígenas de Pernambuco**: identidade, diversidade e conflito. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2007.

FIALHO, Vânia. **As fronteiras do ser Xukuru**. Recife: Massangana, 1998.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FONTANELLA, Bruno José Barcelos; LUCHESI, Bruna Moretti *et al.* Amostragem em pesquisas qualitativas: proposta de procedimentos para constatar saturação teórica. **Cad. Saúde Pública**. Rio de Janeiro, p. 389-394, 27 fev. 2011.

GATTI, Bernadete; ANDRÉ, Marli. A relevância dos métodos de pesquisa qualitativa em educação. *In*: WELLER, Wivian; PFAFFE, Nicole (org.). **Metodologias da pesquisa qualitativa em Educação**: teoria e prática. Tradução . Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2013.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOLDMAN, M. Alteridade e experiência: Antropologia e teoria etnográfica. **Etnográfica**, v. X, (1) 2006, p. 161-173.

GRÜNEWALD, Rodrigo de Azeredo. **Os índios do Descobrimento**: tradição e turismo. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2001.

GRUNEWALD, R. A. **Jurema**. Campinas: Mercado de Letras, 2020.

GRUNEWALD, R. A. As múltiplas incertezas do Toré. *In*: GRUNEWALD, R. A.; **Toré**: regime encantado do índio do Nordeste. Recife: FUNDAJ, E. Massangana, 2005, p. 13-38.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. 7. ed. São Paulo: Centauro, 2013.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

HANNERZ, U. Fluxos, fronteiras, híbridos: palavras-chave da Antropologia transnacional. **Mana** 1997, v. 3, n. 1, p. 7-39.

LIMA, C. P. M. **Corpos abertos**: sobre enfeites e objetos na Vila de Cimbres. 2013. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal de São Carlos, 2013.

LOIZOS, P. Vídeo, filme e fotografias como documentos de pesquisa. *In*: BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, p. 137-155.

MAGNANI, J. G. C. O velho e bom caderno de campo. **Revista Sexta Feira**, n. 1, p. 8-12, maio 1997.

MASINI, Fontes Elcie Salzano. Enfoque fenomenológico de pesquisa em Educação. *In*: FAZENDA, Ivani (org.) **Metodologia de pesquisa educacional**. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MELO, C. J. B. **O ritual sagrado**: a religião indígena do povo Xukuru do Ororubá (Pesqueira e Poção/PE). 2019. Tese (Doutorado em Ciências da Religião)-Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2019.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Amostragem e saturação em pesquisa qualitativa: consenso e controvérsias. **Revista Pesquisa Qualitativa**. São Paulo, v. 5, n. 7, p. 1-12. 2017.

MOREIRA, Daniel Augusto. **O método fenomenológico na pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thomson, 2002.

NEVES, R. C. M. **Festas e mitos**: identidades na Vila de Cimbres-PE. 1999. Dissertação (Mestrado em Antropologia)-Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1999.

NEVES, R. C. **Dramas e performances**: o processo de reelaboração étnica nos rituais, festas e conflitos. 2005. Tese (Doutorado em Antropologia Social)-Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis-SC, 2005.

NEVES, R. C. M. Resistência e estratégias de mobilização política entre os Xukuru. *In*: **Povos indígenas em Pernambuco**: identidade, diversidade e conflito. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2007, p. 113-136.

OLIVEIRA, E. G. **O Toré como representação religiosa entre os índios Xukuru do Ororubá (Pesqueira e Poção/PE)**. 2018. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião)-Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2018.

OLIVEIRA, K. E. **Guerreiros do Ororubá: o processo de organização política e elaboração simbólica do povo indígena Xukuru**. Recife: Ed. Universitária UFPE, 2013.

PALITOT, Estevão. **Tamain chamou nosso Cacique: a morte do cacique Xicão e a (re) construção da identidade entre os Xukuru do Ororubá**. 2003. Monografia (Bacharelado em Ciências Sociais)-Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2003.

SANTOS, Hosana Celi Oliveira e. **Dinâmicas sociais e estratégias territoriais: a organização social Xukuru no processo de retomada**. 2009. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.

SILVA, Edson; PINHEIRO FILHO, João D; CUNHA, Maristela. C. C. O Ipojuca, um rio na História no Semiárido brasileiro: caminhos de águas, de terra e de ferro. *In: KETTLE, Wesley Oliveira; OLIVEIRA, Gabriel Pereira de; BARBOSA, Estêvão José da Silva (org.). Rios de história: o passado em caminhos fluviais*. Maceió: Editora Olyver, 2022, p. 78-104.

SILVA, Edson. Índios: desafios das pesquisas as reflexões históricas. *In: NETA, Francisca Maria; PEIXOTO, José Adelson Lopes (org.). Ecos do silêncio: o saber e o fazer da pesquisa*. Recife: Libertas, 2018. p. 29-46.

SIVA, Edson. Xukuru do Ororubá: os indígenas na História e a História Ambiental no Semiárido pernambucano. *In: ANDRADE, Juciene Batista Félix (org.). História dos Sertões: Ciência e Natureza*. Caicó, RN: Criação Editora, 2023, p. 186-199.

SPINK, M. J. P. (org.). **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas**. São Paulo: Cortez, 1999.

SILVA, E. **Xukuru: memórias e história dos índios da Serra do Ororubá (Pesqueira/PE)**, 1959-1988. 2. ed. Recife: EDUFPE, 2017.

SOUZA, Edmilson Rodrigues de. “XICÃO Xukuru de Ororubá: um Cacique habitando dois mundos. **Revista de estudos indígenas de Alagoas – Campiô**, Palmeira dos Índios, v. 1, n. 1, p. 103-117, 2022.

TORRE, Saturnino de La. **Sentipensar: estratégias para un aprendizaje creativo**. (Mimeo), 2001.

URIARTE, U. M. **O que é fazer etnografia para os antropólogos**. Disponível em: www.pontourbe.revues.org/300. Acesso em: 07 abr. 2021.

WALSH, Catherine. Interculturalidad Crítica y Pedagogia De-colonial: in-surgir, re-existir y re-viver. UMSA, **Revista "Entre palabras"**, Fac. Humanidades y Ciencias de la Educación, n. 3 – n. 4, La Paz, Bolívia, p 129-156, 2009.

XUKURU. **Xukuru filhos da mãe natureza**: uma história de resistência e luta. Eliene Amorim de Almeida (org.). Autoria Lideranças e Professoras e professores Xukuru. Assessoria: Centro de Cultura Luiz Freire. Povo Xukuru do Ororubá, Olinda, Novembro de 1997.

XUKURU. **Carta da II Assembleia Xukuru**. Povo Xukuru do Ororubá, Aldeia São José, 2002.

XUKURU. **Projeto Didático**. Meio Ambiente – Lutando por um povo saudável. Povo Xukuru do Ororubá, 2005a.

XUKURU. **Projeto Político Pedagógico das Escolas**. Plantando a Memória do Nosso Povo e colhendo os frutos da nossa Luta. Autoria Lideranças e Professoras e professores Xukuru. Assessoria: Centro de Cultura Luiz Freire. Povo Xukuru do Ororubá, 2005b.

XUKURU. **Carta da XI Assembleia Xukuru**. Cultivando os princípios do Bem Viver para garantir o envolvimento no Projeto de Futuro Xukuru. Povo Xukuru do Ororubá, 2011.

XUKURU. **Carta da XVI Assembleia do povo XUKURU**. Limolaigo Toípe – Nossa Educação é nossa resistência. Povo Xukuru do Ororubá, 2016.

XUKURU. **Carta da XVIII Assembleia Xukuru**. Limolaygo Toype: Eu Sou Xikão! Povo Xukuru do Ororubá, Aldeia Pedra D'Água 2018a.

XUKURU. **Planejamento, Monitoramento e Avaliação** – PMA das escolas Xukuru. Povo Xukuru do Ororubá, 2018b.

XUKURU. **Carta da XIX Assembleia Xukuru**. Limolaygo Toype: Em defesa da vida, eu sou Xikão! Povo Xukuru do Ororubá, Aldeia Pedra D'Água, 2019.

Entrevistas

Antônio Monteiro Leite, 75 anos, conhecido como Seu Medalha, Liderança do povo Xukuru do Orourbá e o tocador do Membi, ou Mestre da Gaita. Nasceu na Aldeia Sucupira, Pesqueira/PE. Entrevista realizada na Aldeia Vila de Cimbres em 23 de junho de 2022 no Salão São Miguel. Território Indígena Xukuru do Ororubá, Pesqueira-PE.

Cecílio Santana Feitoza, 50 anos, nasceu na Aldeia Cana Brava, Pesqueira/PE. Reconhecida liderança indígena. Entrevista Realizada dia 19 de maio de 2022 na aldeia Pedra D'água Pesqueira Pernambuco no espaço Mandarú. Território Indígena Xukuru do Ororubá, Pesqueira-PE.

Francisco de Assis Jorge de Melo, conhecido como Chico Jorge, 68 anos, nasceu em Pesqueira/PE, Liderança indígena na Aldeia Vila de Cimbres. Entrevista realizada dia 18 de maio de 2022. na aldeia Pedra D'água Pesqueira Pernambuco no espaço Mandarú. Território Indígena Xukuru do Ororubá, Pesqueira-PE.

Gilmar Márcio da Silva, 42 anos, nasceu em Pesqueira/PE, morou na Aldeia Cana Brava, atualmente reside na Aldeia São José, é Pajé do Povo Xukuru do Ororubá. Entrevista realizada dia 17 de maio de 2022. na aldeia Pedra D'água Pesqueira Pernambuco no espaço Mandarú. Território Indígena Xukuru do Ororubá, Pesqueira-PE.

Iran Neves Ordônio, 44 anos, nasceu no bairro “Xucurus” na zona urbana de Pesqueira/PE. Liderança indígena Xukuru do Ororubá. Entrevista realizada dia 16 de maio no terreiro da Boa Vista, Aldeia Couro Dantas, Território Indígena Xukuru do Ororubá, Pesqueira-PE.

José Barboza dos Santos, 78 anos, nasceu na Aldeia Caípe, Pesqueira/PE, Vice – Cacique do povo Xukuru do Ororubá. Entrevista realizada na na aldeia Nazário no dia 04 de outubro de 2022, Território Indígena Kambiá em Ibimirim-PE.

Jose Jorge de Melo, 52 anos, nasceu na Aldeia Sucupira em Pesqueira/PE. Liderança na mesma Aldeia. Entrevista realizada na aldeia Sucupira dia 23 de junho de 2022. Território Indígena Xukuru do Ororubá, Pesqueira-PE.

Maria Silvaneide Faustino Nogueira, conhecida como Silvinha Xukuru do Ororubá, 29 anos, nasceu na Aldeia Pé de Serra, Pesqueira/PE. Entrevista realizada na aldeia Santana no dia 15 de maio de 2022. Território Indígena Xukuru do Ororubá, Pesqueira-PE.

Pedro Rodrigues Bispo, 92 anos, nasceu na Aldeia Cana Brava, Pesqueira/PE, Pajé do povo Xukuru do Ororubá. Entrevista realizada dia 06 de janeiro de 2022 na aldeia Pedra D'água, Território Indígena Xukuru do Ororubá, Pesqueira-PE.

Zenilda Maria Araújo, 72 anos, nasceu e cresceu na Aldeia Cana Brava, morou também na Aldeia Pedra d'Água. ~~hoje~~ Atualmente reside na Aldeia São José, desde que ficou viúva do Cacique “Xikão”, em Pesqueira-PE. Conhecida como Mãe Sacarema, ou mãe dos indígenas Xukuru do Ororubá. Entrevista realizada dia 06 de janeiro na residência dela, na aldeia São José, Território Indígena Xukuru do Ororubá, Pesqueira-PE.



Anexo 1

Aldeia São José, 17, 18 e 19 de maio.

Carta de Compromisso

Concluída a homologação das nossas terras, a luta agora é por um TERRITÓRIO LIVRE. Assim, nós, Povo Xukuru do Ororubá, reunimos cerca de 300 índios, representando as vinte e três aldeias para construirmos coletivamente o nosso Projeto de Futuro, sob a proteção de Tupã, Tamain, dos Encantados do Ororubá que dão força a liderança do nosso Cacique Marcos Xukuru, do nosso Vice Cacique Zé de Santa e do nosso Pajé seu Zequinha e aos seus Guerreiros, Guerreiras e Cavaleiros da Aruanda.

Nós Xukuru, entendemos que como povo indígena, pensamos diferente da sociedade que nos rodeia. Acreditamos que a nossa terra é um bem dado por Tupã para nela possamos viver livremente, de acordo com nossos costumes, usos e tradições deixados por nossos antepassados. Desta forma, nos completemos a construir o nosso Projeto de Futuro, tendo como base:

A continuidade da luta pela terra que é o principal elo entre todas as atividades existentes dentro do nosso território, começada por nossos antepassados visando a total desintrusão do nosso território, para que possamos viabilizar o uso coletivo da terra, o respeito a natureza sagrada, o desenvolvimento de uma agricultura sustentável.

Cada índio é um olho da terra e somos todos responsáveis pela sua segurança e dos nossos guerreiros e guerreiras.

Neste sentido nossa forma de organização tem garantido a representatividade de cada aldeia e de cada índio e, portanto, estamos empenhados em fortalece-la cada vez mais participando efetivamente das atividades e lutas existentes em nossas aldeias.

Fortalecendo as nossas aldeias melhoramos nossa organização.

A saúde que queremos começa com o respeito a natureza sagrada, valorizando os costumes, tradições, crenças e os saberes dos mais velhos sobre as formas de curas tradicionais.



O modelo de assistência de saúde deve, portanto, ser coerente com o nosso jeito de ser e de nos organizarmos, ligado as nossas lutas e todas as dimensões de nossa vida.

A nossa educação começa na luta pela terra. No Xukuru se educa para cuidar e viver da terra. A nossa escola é formadora de guerreiros e guerreiras conscientes dos direitos, críticos, que pratica seus costumes, usos e tradições, que compreendam e se envolvam na luta pela terra e busquem um desenvolvimento de igualdade entre todos e todas, respeitando a natureza e seus ensinamentos. Guardem com respeito a memória viva dos seus guerreiros antepassados e tenham orgulho de ser índios e índias Xukuru do Ororubá.

Somos fortes unidos e organizados, guerreiros e guerreiras do Ororubá, não descansaremos enquanto não vermos os mandantes e assassinatos do nosso cacique Xicão e das demais lideranças assassinadas, presos e julgados, pagando pelos crimes cometidos contra o nosso povo. Nossa luta esta aliada às lutas dos demais povos indígenas do Brasil na construção de um país mais justo que respeite todas as culturas."A nossa luta não vai parar. Em cima do medo, coragem". (Zenilda e Xicão)



POVO INDÍGENA XUKURU DO ORORUBÁ
CARTA DA XI ASSEMBLEIA – 2011



Anexo 2

“As águas são o sangue da terra, as matas são os cabelos da terra; as pedras são os ossos da terra”

Xicão Xukuru

Nós, povo Xukuru do Ororubá, protegidos pelas forças dos Encantos de Luz e pelo manto da Natureza Sagrada, estivemos reunidos na nossa XI Assembléia que teve como tema

“Cultivando os princípios do Bem Viver para garantir o envolvimento no projeto de futuro Xukuru”. Esta foi realizada na aldeia Vila Cimbres, entre os dias 17 a 20 de maio de 2011, com a participação de representantes de todas as aldeias, o povo Potiguara e vários aliados do nosso povo.

Nosso objetivo foi disseminar o entendimento do ‘Bem Viver’ entre nosso povo. Nosso maior desejo hoje é ter um território produtivo, livre das amarras da fazenda e do latifúndio, onde as pessoas possam viver usufruindo do que a terra nos dá, cuidando da terra, da natureza e de todos seus filhos.

Reafirmamos que a Natureza é sagrada e que a Terra é a nossa mãe de onde tiramos nossos alimentos. Ela também é morada de nossos Encantos de Luz, por isso, cuidar dela é condição essencial para nosso Bem Viver.

Durante a assembléia analisamos como as políticas e as grandes obras que vêm sendo desenvolvidas pelo Governo Federal invadem os territórios indígenas, destroem a Natureza Sagrada e a Mãe Terra, atrapalhando e dificultando a vivência do Bem Viver.

Lamentavelmente algumas forças do mal continuam nos atrapalhando. A criminalização continua, nossos companheiros Rinaldo e Edmilson continuam presos. Nosso cacique continua ameaçado de ser preso, assim como outras lideranças e pessoas de nosso povo.

O assassinato do nosso líder Chico Quelé continua impune.

Repudiamos as construções de hidrelétricas, a Transposição do Rio São Francisco, a construção de Usinas Nucleares e outros empreendimentos que impactam as terras tradicionais dos povos indígenas do Brasil.



POVO INDÍGENA XUKURU DO ORORUBÁ
CARTA DA XI ASSEMBLEIA – 2011



Sabemos que o Bem Viver exige que mudemos nossa mentalidade. Precisamos abandonar as práticas e os valores daqueles que ainda vivem de acordo com os valores que nos foram impostos pelos colonizadores.

Estamos construindo o nosso projeto de futuro baseado nos valores e princípios do bem viver. Vamos fazer a “PACHACUTI”, como dizem os nossos parentes do Equador e da Bolívia, ou seja, a Reviravolta, a mudança radical de nosso modo de vida, quando a Roda Grande passa pela roda pequena”.

Queremos viver sob os princípios do respeito à Natureza, às águas, às matas, às pedras e os animais.

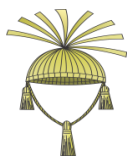
Queremos valorizar os outros, as mulheres, os jovens e as crianças.

As pessoas mais velhas são exemplos para nossas vidas.

A solidariedade, a união, a partilha, a comunhão, a religião, o pisado do toré, o chiado da maraca, a harmonia, a liberdade, a imparcialidade, o mandar obedecendo, são valores que queremos vivenciar.

Queremos convidar as pessoas de Pesqueira e todos aqueles que quiserem se juntar ao nosso povo para construirmos juntos a sociedade do BEM VIVER.

Aldeia Vila de Cimbres, Território Sagrado do Rei do Ororubá
20 de maio de 2011, décimo terceiro ano do assassinato do cacique Xicão e
Décimo ano da homologação do território Xukuru.



Anexo 3

POVO XUKURU DO ORORUBA

CARTA DA XVI ASSEMBLEIA DO POVO XUKURU DO ORORUBÁ

19 de maio de 2016

Nós, Guerreiros e Guerreiras Xukuru do Ororubá, orientados pelos saberes dos nossos encantos de luz, nos reunimos na Aldeia Pedra D'água, nos dias 17, 18 e 19 de Maio, na realização da XVI Assembleia Xukuru, que teve como Tema: “Limolaigo Toípe – Nossa

Educação é nossa resistência”, com representantes das aldeias: Pão de Açúcar, Pé de Serra de São Sebastião, Pé de Serra dos Nogueiras, Cana Brava, Brejinho, Afetos, Caípe,

Caetano, Couro Dantas, Oiti, Caldeirão, Capim de Planta, Lagoa, Cimbres, Sucupira,

Guarda, Jatobá, Pedra d'água, Curral Velho, São José, Gitó, Mascarenhas, Santana, Passagem, Pau Ferro, Cajueiro e os indígenas da cidade; além dos parceiros e aliados do nosso povo. Durante esses dias discutimos caminhos que apontam para uma prática de educação que represente com profundidade a maneira de ser e viver Xukuru.

Passados 24 anos na trajetória da construção da política de Educação Escolar indígena Xukuru, esta Assembleia propõe uma avaliação desse período, com o propósito de perceber nossas limitações e planejar estratégias que elevem a qualidade de ensino e, principalmente, que a educação Xukuru, cada vez mais, esteja pautada na valorização da identidade do nosso povo, que passa pela relação com a terra, no cuidado e na vivência com a natureza sagrada, sendo esses os princípios de nossa agricultura, que identifica a forma que vivemos e convivemos nesse território.

Para essa edição, nossa Assembleia teve a preocupação de uma maior participação das comunidades no processo de construção, através da pré-assembleia, que ocorreu entre os dias 11 a 17 de abril. Na oportunidade foi realizada uma escuta, onde as comunidades puderam

expor seus olhares sobre a educação que temos e vivenciamos. Entre as várias questões, foi possível identificar que, para nossas comunidades, a educação deve valorizar a agricultura Xukuru, enquanto elemento fundamental da identidade do nosso povo.

A nossa agricultura apresenta uma lógica onde a Natureza Sagrada é o elemento central que determina e possibilita o dialogo de saberes entre o Mundo dos Encantados e o mundo físico material. Sua racionalidade própria permite que os saberes e os conhecimentos tradicionais assumam relevância e possibilitam o avançar na construção de um novo, extremamente comprometido, através de uma relação de fidelidade com nossas origens

Por esse entendimento, sentimos a necessidade de lançar um olhar sobre o nosso Projeto Político Pedagógico-PPP, assim como, sobre os EIXOS temáticos que orientam a Educação Escolar Xukuru, assim como em todos os povos em Pernambuco, que são:

Terra; Identidade; História; Interculturalidade; e Organização. A XVI Assembleia do Povo Xukuru, aponta para que seja acrescentado o eixo “Agricultura” entendendo que esta, tem como princípios, o Respeito à mãe terra; Garantir o uso fruto do território e a terra livre; Atender as necessidades básicas das famílias e, não o acúmulo de riquezas nas mãos de poucos. A consciência de cuidado e zelo, e não a exploração da natureza, garantindo a nossa saúde. Esta consciência tem relação íntima com a educação do nosso povo, por ser a agricultura, um princípio organizador, um elemento da identidade Xukuru que representa uma importante expressão cultural do nosso povo, pois se articula a partir dos diversos circuitos de formação existentes no território, a exemplo dos saberes dos terreiros sagrados, nos plantios, nas observações na natureza, nos espaços de prática da religiosidade e nas escolas. É possível afirmar que nosso sistema tradicional de cura e sua dinâmica social promovem a circulação de práticas e saberes dos nossos ancestrais, através dos guardiões da cura Xukuru. Esse circuito possibilita a transmissão, construção e reconstrução de conhecimentos, através de processos próprios de nossa educação, como já se demonstra na organização da nossa juventude e seus processos de formação, revelando um alcance de maturidade e sabedoria, ao entender que se faz necessário, para garantir o “futuro da nossa nação”, um constante buscar aos conhecimentos ancestrais através de diálogos com os nossos mais velhos e na comunicação com a mãe terra.

Nesse momento, não podemos deixar de mencionar sobre o que vem ocorrendo hoje no Brasil, no que diz respeito às especificidades da luta dos Povos Indígenas. Faz parte, a mais de 500 anos, a tentativa de destruição da cultura dos Povos Indígenas das Américas.

Inspirados pelas palavras da Liderança Naiton Pataxó Hã Hã Hãe e indignados com o atual contexto da política nacional, afirmamos que NÃO reconhecemos o atual governo, haja vista, o que está em jogo é a institucionalidade democrática. Reconhecemos que não houve muitos avanços para os Povos Indígenas nos últimos anos, no entanto, a perspectiva atual é de muitos retrocessos. Não aceitamos nenhum direito a menos. A formação de novos guerreiros e guerreiras Xukuru, passa pela consciência da manutenção do nosso território, em que pese, a nossa demarcação está resolvida, porém, esta não é a realidade da maioria dos Povos Indígenas no Brasil. Nós Xukuru entendemos que a demarcação da terra é fundamental na manutenção de nossos usos, costumes e tradições.

E diga ao Povo que avance!





Anexo 4

LIMOLAYGO TOYPE: EU SOU XIKÃO!

Nós, Povo Indígena Xukuru do Ororubá, reunidos no período de 17 a 19 de maio de 2018, realizamos nossa Assembleia Anual que teve início com o Ritual Sagrado, realizado no Terreiro do Rei do Ororubá, pedindo força aos Encantados, ao nosso Pai Tupã e à nossa Mãe Tamaim para abrir os caminhos e orientar nossas atividades. O Espaço Mandarú, completando um (1) ano de construção e batismo, acolhe a todos os parceiros, amigos e amigas, e nosso Povo que vem a este Lugar Sagrado para participarem de nossa Assembleia. Este ano, em especial, o Povo Xukuru revive, com emoção, a memória dos vinte (20) anos do assassinato do Cacique Xikão. Filho, esposo, pai, avô, amigo, companheiro, um guerreiro que deu a vida pela causa do Povo Xukuru, hoje, Encanto de Luz, nos dá força, persistência e coragem para enfrentar os embates cotidianos. Exemplo para todos! Trazendo na memória e no peito a Identidade Xikão Xukuru, a Assembleia, neste ano 2018, discute o Cacique Xikão, lembrando a todos sua vida pessoal e luta ao lado do Povo que tanto amava.

Contamos com a participação de cerca de duas mil (2.000) pessoas nestes três dias. Além dos guerreiros e guerreiras do Povo, representantes das Aldeias Pão de Açúcar, Pé de Serra de São Sebastião, Pé de Serra dos Nogueiras, Cana Brava, Brejinho, Afetos, Caípe, Caetano, Couro Dantas, Oiti, Caldeirão, Capim de Planta, Lagoa, Cimbres, Sucupira,

Guarda, Jatobá, Pedra D'Água, Curral Velho, São José, Gitó, Mascarenhas, Santana, Passagem, Cajueiro e os indígenas da Cidade, como também os parentes dos Povos Kapinawá, Kambiwá, Pankararú, Truká, Fulni-ô, Tapuia, Tabajara, Potiguara, Baré, Guajajara, Pitaguary.

Contamos ainda com a presença de várias instituições e apoiadores, sendo eles:

IFPE- (Floresta, Pesqueira, Garanhuns, Petrolina), UFPE-(Recife, Vitória e Caruaru), UFPB, UFRN, UPE, UFBA, FACOL, NEABI - UEPB, METROPOLITANA, Greenpeace, Quilombo Mundo Novo, IPJ – Instituto Protagonista da Juventude, PCB, Grupo ALAFIN OIÓ, Movimento Nacional dos Meninos e Meninas de Rua, Coletivo dos Educadores Sociais – Recife, Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Pesqueira, Jornal das Comunidades, MCP – Movimento das Comunidades Populares, CIMI, Fundação Joaquim Nabuco, PT Pesqueira, PSOL, PDT, PCB, FOJUPE/FETAPE, MIRIM Brasil, Estudantes do CERTA, COJIPE, IPA, Túlio Gadêlha Sales de Melo – PDT.



Afirmando o “Eu Sou Xikão” nestes três (3) dias, a partir de sua História de Luta, a juventude Xukuru, utilizando o que tem de mais moderno para fortalecer o que tem de ancestral, externa na plenária, em vários momentos, seu posicionamento na promoção da identidade indígena nos diversos meios onde estão inseridos, assumindo a responsabilidade e protagonismo na continuidade da luta.

Várias pessoas enaltecem suas lutas em defesa de nosso Território ao lado do Cacique Xikão e esta luta não está no passado, ela dar-se na atualidade com todos os que estão contrários à causa indígena, que buscam, de forma pessoal e política, diminuir ou erradicar os direitos conquistados com o sangue de nossos guerreiros e guerreiras. Devemos ser vigilantes, não aceitar a mudança desses direitos. O massacre, a impunidade, a violabilidade dos direitos, a falta de respeito à história, à crença e hábitos devem acabar.

A colonização matou muitos de nós. Chegar até aqui significa que somos resistentes! O sistema econômico e político não difere desta colonização. A todo momento querem impor-nos maneiras de viver, pensar e de comporta-se diante da sociedade, sem levar em consideração o que a Constituição Federal nos garante em seu Artigo 231 e 232 que reconhece ao indígena o direito de organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam.

Fortalecidos com a vitória na Corte Interamericana de Direitos Humanos – CIDH, que responsabiliza o Estado Brasileiro pela violação de direitos do Povo Xukuru, com sentença unânime. Determinando que o Estado conclua o processo de desintrusão e garanta de maneira imediata e efetiva o direito de propriedade coletiva do Povo Xukuru sobre a Serra do Ororubá. Esperamos e lutaremos pelo cumprimento da sentença!

Desta maneira, vamos combater a omissão do Estado brasileiro na demarcação das terras de nossos parentes que ainda sofrem pela ocupação dos latifundiários. O Povo Xukuru do Ororubá, em união com todos os parentes que se identificam com a luta de Mandarú, grita sem medo: EU SOU XIKÃO!

Eu Sou Xikão, por lutar pelo meu Território, por meus direitos, por buscar igualdade, por querer espaço de voz e vez, por fazer parte da minoria esquecida e massacrada pelos opositores. Eu Sou Xikão por querer um país livre de impunidade, de ganância, de poder, de individualismos. Eu Sou Xikão porque derramarei meu sangue, se preciso for, por meu Povo, pelas matas, pela água, pela Terra. E temos a certeza que, esse sangue derramado é fonte de vida, fonte que rega a semente plantada para germinar, crescer e dar frutos de novos(as) guerreiros e guerreiras.

O Povo Xukuru fortalecido, sem medo, renova seu compromisso na construção de uma sociedade justa, fraterna e plural.

– Diga ao Povo que Avance! – Avançaremos!

Aldeia Pedra D'Água, 19 de maio de 2018.



Anexo 5

LIMOLAYGO TOYPE: EM DEFESA DA VIDA, EU SOU XIKÃO!

Nós, Povo Indígena Xukuru do Ororubá, reunidos no período de 17 a 19 de maio de 2019, realizamos nossa assembleia anual que teve início com o Ritual Sagrado, realizado no Terreiro do Rei do Ororubá, pedindo força aos Encantados, ao nosso Pai Tupã e à nossa Mãe Tamaim para abrir os caminhos e orientar nossas atividades.

O Espaço Mandarú, acolhe todos os parceiros, amigos e amigas, e nosso Povo que vem a este Lugar Sagrado para participar de nossa assembleia. Este ano o Povo Xukuru faz memória à importância da vida em sua plenitude, vida pautada no Direito. Esta defesa se dá no campo do respeito à diversidade, somos um país pluriétnico e pluricultural.

Pela Constituição da República Federativa do Brasil (CRFB 88, art. 5º) nós temos o direito à VIDA, está fundamentada na promoção da dignidade da pessoa humana, no acesso aos direitos conquistados, como: saúde, moradia, educação, lazer, liberdade, território. Direito a vivência da cultura e religiosidade, em sua máxima expressão, fortalecendo o Ser por meio de sua identidade cultural, herdada de sua ancestralidade perpassando para as futuras gerações.

Contamos com a participação de cerca de duas mil e trezentas (2.300) pessoas nestes três dias. Além dos guerreiros e guerreiras do Povo, representantes das Aldeias Pão de Açúcar, Pé de Serra de São Sebastião, Pé de Serra dos Nogueiras, Cana Brava, Brejinho, Afetos, Caípe, Caetano, Couro Dantas, Oiti, Caldeirão, Capim de Planta, Lagoa, Cimbres, Sucupira, Guarda, Jatobá, Pedra D'Água, Curral Velho, São José, Gitó, Mascarenhas, Santana, Passagem, Cajueiro e os indígenas da cidade, como também os parentes dos Povos Kapinawá, Kambiwá, Pankararu, Entre-Serras Pankararu, Truká, Fulni-ô, Potiguara, Baré, Kariri Xocó, Atikum, Pankará, Munduruku, Pitaguary, Wassú Cocal, Guajajara, Tabajara, Terena, karapotó-Terra Nova, Tuxá, Xakriabá. Contamos ainda com a presença de várias instituições e apoiadores, sendo eles: IFPE (Pesqueira, Caruaru, Belo Jardim, Vitória), UFPE (Recife, Caruaru, Vitória), UFRPE, UFPB, UFRN, UPE (Arcoverde/GEPT, Mata Norte), UFCA, UNIFAVIP, UFERSA (Mossoró), AESA-CESA, GRE (Arcoverde), UBM– União Brasileira de Mulheres (Pesqueira, Arcoverde), APISUL, IPJ – Instituto de Protagonismo Juvenil, PEBDDH-SEDH-PE, PPDDH-DF, MCPM Movimento das Comunidades Populares, Damas de Lá, Samba de Coco Toype do Ororubá e Xener de Jurema, Grupo Totem (Recife), DPU – Defensoria Pública da União, APIB,

COPIPE, CREFEP, Conselho de Lideranças Xukuru do Ororubá, ACIX – Associação da Comunidade Indígena Xucuru, Coletivo de Mulheres Xukuru do Ororubá, JUPAGO KREKÁ, COPIXO, CISXO, Poyá Limolaygo, Conselho Estadual de Educação Escolar Indígena, SESC PE (Confluências), VNA – Vídeo nas Aldeias, SINTMEP, Ação Comunitária Caranguejo Uçá, Secretaria de Justiça e Direitos Humanos de Pernambuco, Maranhão, Bahia e Distrito Federal, Jornal Voz das Comunidades, SESAI/DSEI, Universidade Indígena Aldeia Maracanã, Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Pesqueira, CIMI, PT Pesqueira, PSOL, PDT, PCB, SERTA, FOJUPE, COJIPE, IPA, EREM (Pesqueira, Belo Jardim), COMPESA (Pesqueira), PMP – Prefeitura Municipal de Pesqueira, ISEP, SEAFPE – Secretaria Estadual de Agricultura e Reforma Agrária de Pernambuco, Senado Federal, SINASEFE IF Sertão-PE, Coque Resiste, Revista Continente, Clínica Multidisciplinar de Direitos Humanos UNICAP, Diálogos Insubmissos, Residência Multiprofissional em Saúde da Família e Atenção Básica de Jaboatão dos Guararapes – PE, NEABI, UEPB, Raiz Movimento Cidadanista, Museu da Parteira.

Este ano a assembleia teve como pauta a reforma trabalhista, do Governo Temer, a proposta de reforma da previdência social, o desmonte da política indigenista (saúde, educação e território), no Governo Bolsonaro, a análise de conjuntura das lutas dos povos indígenas no enfrentamento destas questões e os crimes ambientais que POVO INDÍGENA XUKURU DO ORORUBÁ CARTA DA XIX ASSEMBLEIA – 2019 assolam as comunidades indígenas e todo o povo no país, em especial os ocorridos no Estado de Minas Gerais nas cidades de Mariana e Brumadinho.

O Povo, fortalecido pelas discussões nestes três dias de assembleia, reforça sua postura negativa à reforma trabalhista que esfacela o desenvolvimento social, aumentando o nível de desigualdade, precisando desenvolver resistência a esta forma de agressão uma vez que toda riqueza é força da trabalhadora e do trabalhador rural. Em resposta a proposta da previdência social, o povo fomenta seu incontentamento, pois categoricamente esta reforma é instrumento para instituir a precarização e escravidão da vida.

Todos nós, trabalhadoras e trabalhadores, temos que conhecer a capacidade de luta, resiliência e resistência que possuímos, na necessidade de gerir e proteger os Dons da Natureza Sagrada dados a nós por Tupã e Tamain. Precisamos agir, extinguindo toda forma de repressão, uma vez que não existe nenhuma forma de poder que possa deter uma nação unida, fortificada no Sagrado. Diante da conjuntura política nos deparamos com uma estrutura de desmonte das políticas indigenistas a nível Federal e Estadual que afetam, diretamente, a educação, a saúde e o território dos povos, como: a paralização das demarcações; a imposição do marco temporal

como interpretação da lei para as demarcações; o corte de orçamento da FUNAI, a qual funciona atualmente com 10%; o fim do CNPI – Conselho Nacional de Políticas Indigenistas, que impede nossa fiscalização nas ações do Governo e a morosidade no cumprimento da sentença da Corte Interamericana de Direitos Humanos.

Temos o entendimento que estas razões são o desmonte das políticas conquistadas e a negativa de reconhecimento de novos direitos e nos colocamos contra o discurso de ódio implantado no país, desde o período eleitoral presidencial, que gera instabilidade social, promovendo uma violência contra as minorias marginalizadas e excluídas. Os povos se unem contra esta “cultura de ódio” e afirmam o respeito à diversidade cultural e identitária.

Quanto aos crimes ambientais, preservamos a certeza de que a Natureza Sagrada, em especial para os povos originários, é mãe e mantenedora da subsistência da vida. Ela necessita ser respeitada e cuidada com zelo por ser morada da Força Encantada que nos impele e impulsiona na luta. Rebatemos as medidas do poder público e privado que NÃO SÃO capazes de suprir as necessidades básicas das pessoas afetadas por estes crimes e nos unimos com força e coragem com aqueles que se lesam por tais ações omissas a realidade do povo, como a implantação da usina nuclear na cidade de Itacuruba – PE, que irá destruir o meio ambiente e mudar a estrutura cultural e social das pessoas.

Finalizamos mais uma assembleia com a convicção de que a vida é meio ambiente, é social, é saúde, é educação, é direito, é diversidade. A vida é ancestralidade, é cultura, é religiosidade. A vida é povo, é território, são costumes e sendo assim precisam ser respeitados, vividos, intensos e comemorados. A vida é luta, é encantamento, é resistência, é resiliência, é CORAGEM! O Povo Xukuru fortalecido, em defesa da VIDA, renova seu compromisso na construção de uma sociedade justa, fraterna e plural.

DIGA AO POVO QUE AVANCE! AVANÇAREMOS!

Aldeia Pedra d'Água, 19 de maio de 2019.

Anexo 6

Questionário para entrevista com as lideranças Religiosas do Povo Xukuru do Ororubá – Pesqueira – PE, da pesquisa de campo do Aluno Francisco Bispo da Silva – Mestrando em Ciências das Religiões – UFPB

Tema: AS PRÁTICAS RELIGIOSAS NA CONSTITUIÇÃO DO/A GUERREIRO/A NA VISÃO DOS XUKURU DO ORORUBÁ (PESQUEIRA E POÇÃO/PE)

- 1- Nome completo? Idade? Onde nasceu, morou e mora atualmente?
2. Como você participa dos rituais Xukuru do Ororubá?
3. O que é necessário para ser um guerreiro/guerreira Xukuru do Ororubá?
4. Vocês sempre afirmam que "Xicão" foi plantado para que dele nascer novos guerreiros. Qual a importância desses guerreiros para o povo Xukuru Ororubá?
5. Os Encantados sempre são citados nos cantos de Toré e nas falas dos mais velhos seja dando força ao povo e até mesmo conduzindo algumas ações. Como os Encantados têm influência na formação dos jovens, dos guerreiros e das lideranças do povo?ⁱ
6. É muito forte no processo de retomada as presenças do Pajé e do Cacique. O terreiro e o Toré sempre estiveram na fala deles. Qual a importância dos terreiros como espaço sagrado para o povo Xukuru do Ororubá?
7. Qual a importância da prática religiosa, do Toré, para a formação dos guerreiros e guerreiras Xukuru do Ororubá ?
8. Por que "Xicão" Xukuru também é chamado "guerreiro da paz"?
9. “As matas são o cabelo da terra, as águas são o sangue da terra e as pedras são os ossos da terra”. Os Encantados também protegem as matas e desejam que a agricultura deve seguir o encantamento?
10. Qual é a importância dos Encantados para a agricultura Xukuru do Ororubá?

ⁱ "Qual a importância do Pajé e do Cacique na retomada do Toré e do Terreiro?" De pois a outra questão: "Qual a importância dos terreiros como espaço sagrado para o povo Xukuru do Ororubá?"